

UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA “JÚLIO DE MESQUITA FILHO” -  
UNESP  
FACULDADE DE ARQUITETURA, ARTES E COMUNICAÇÃO – FAAC

Natália Dias Negretti

ARTE COM FANTASIA

Grande reportagem sobre a Instituição de Incentivo à Criança e ao Adolescente (ICA)

[relatório de produto]

Bauru

2012

Natália Dias Negretti

ARTE COM FANTASIA

Grande reportagem sobre a Instituição de Incentivo à Criança e ao Adolescente (ICA)

[relatório de produto]

Trabalho de Conclusão apresentado ao Departamento de Comunicação Social da Faculdade de Arquitetura, Artes e Comunicação – FAAC – da Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” – Unesp, Campus de Bauru, para a obtenção do grau de Bacharelado em Comunicação Social: Jornalismo.

Orientador: Prof. Dr. Arlindo Rebechi Junior

Bauru

2012

Natália Dias Negretti

ARTE COM FANTASIA

Grande reportagem sobre a Instituição de Incentivo à Criança e ao Adolescente (ICA)

[relatório de produto]

BANCA EXAMINADORA

Orientador

Prof. Dr. Arlindo Rebechi Junior  
DCHU – FAAC – Unesp, Bauru, SP

Examinadores

Prof<sup>a</sup>. Ms. Larissa Rosseto  
Televisão Universitária Unesp, Bauru, SP

Prof. Dr. Maximiliano Martin Vicente  
DCHU – FAAC – Unesp, Bauru, SP

Bauru, 24 de novembro de 2012

## **Agradecimentos**

Aos meus pais, que tornaram esse e muitos outros sonhos possíveis. Obrigada pelo apoio e pela dedicação. Obrigada pelo amor.

Ao meu irmão, que apesar das pirraças, sempre me ajudou em que eu precisava.

Às minhas avós, que sempre me apoiaram, mesmo não entendendo muito bem porque a neta quis fazer faculdade em uma cidade tão longe.

À Lari e à Clari, por dizerem sim.

Ao Felipe, por estar ao meu lado, pela paciência e o constante sorriso.

A todos meus amigos destes anos de Unesp, principalmente às meninas do 1604 cujo valor dos anos de convivência não consigo expressar aqui.

Aos meus amigos de longa data, que de alguma forma torceram por mim.

Ao Arlindo, por aceitar o desafio de me orientar nesse trabalho.

E, principalmente, a Deus, por colocar todas essas pessoas na minha vida.

*Aos meus pais,  
por colocarem meus pés no chão sem cortarem minhas asas.*

## **Resumo**

O objetivo deste Trabalho de Conclusão de Curso é relatar o trabalho desenvolvido pela Instituição de Incentivo à Criança e ao Adolescente (ICA) da cidade de Mogi Mirim, São Paulo, por meio de uma grande reportagem para revista especializada em educação. O produto também explana sobre a arte-educação, a principal ferramenta de trabalho da instituição, e sobre o que é Terceiro Setor, no qual o ICA está inserido. Por meio de entrevistas, pesquisas e vivência in loco, buscou-se por em prática as técnicas jornalísticas aprendidas ao longo do curso de graduação e levar ao leitor uma reportagem clara e abrangente, que contribua para o entendimento dos temas abordados.

**Palavras-chave:** ICA; arte-educação; ONG; Terceiro Setor; grande reportagem

## **Resumen**

El objetivo de ese trabajo de finalización de curso es dar a conocer el trabajo de la Institución de Incentivo à Criança e ao Adolescente (ICA) de la ciudad de Mogi Mirim, São Paulo, a través de un gran reportaje para revista especializada en educación. El producto también se expone en la arte-educación, la herramienta principal de trabajo de la institución, y lo que es Tercer Sector, que el ICA se inserta. A través de entrevistas, encuestas y la experiencia, se buscó poner en práctica las técnicas periodistas que se aprendió a lo largo del curso de graduación y llevar al lector un informe claro y completo, lo que contribuye a la comprensión de los temas tratados.

**Palabras clave:** ICA; arte-educación, ONG, Tercer Sector, gran reportaje

## Sumário

Introdução.....	9
1. Proposta.....	10
2. Justificativa.....	11
3. Objetivos .....	13
3.1. Objetivo geral.....	13
3.2. Objetivos específicos.....	13
4. Fundamentação teórica .....	14
4.1. Jornalismo impresso .....	14
4.2. Revista .....	15
4.3. Linguagem no texto de revistas especializadas .....	17
4.4. Reportagem.....	18
4.5. Narrativa .....	19
4.6. Entrevista .....	21
5. O produto grande reportagem.....	23
5.1. Público .....	23
5.2. Projeto gráfico.....	23
5.3. Abordagem.....	24
5.4. ICA .....	27
5.4.1 Público atendido .....	29
5.4.2 Missão, visão, valores e objetivos .....	29
5.4.3 Carpe Diem .....	32
5.4.4 Ícaro .....	34
5.4.5 Demais projetos.....	34
5.4.6 O circo .....	35
5.4.7 Religiosidade.....	36
5.4.8 Administração .....	36
5.4.9 Nova sede.....	40
5.4.10 Prêmios e reconhecimento .....	41
5.5. Arte-educação .....	42
5.5.1 Histórico de ensino de Arte no Brasil.....	45
5.5.2 Arte-educação em ONGs .....	49
5.6. Terceiro Setor.....	51



5.6.1 Histórico do Terceiro Setor.....	54
5.6.2 ONGs .....	58
6. Diário de campo.....	60
Considerações finais .....	68
Referências .....	69
Apêndices .....	71

## **Introdução**

Mesmo com o avanço da tecnologia digital e o acesso cada dia mais abrangente da internet por todas as faixas etárias, gêneros e classes sociais, o jornalismo impresso ainda detém uma importante função no papel de informar o leitor. Com o objetivo de se aprofundar no tema, levando a informação de forma mais dinâmica e completa, a reportagem de revista preenche a lacuna de falta de informações deixada pelo jornalismo diário, além de ter mais liberdade para tratar assuntos fora da pauta comum dos grande jornais.

Ainda no âmbito da atualidade, o Terceiro Setor se apresenta, cada dia mais, como uma potente área em desenvolvimento que compreende os mais variados ramos da sociedade, sendo a inclusão social, um deles. A Instituição de Incentivo à Criança e ao Adolescente (ICA) participante desse setor e trabalhando na inserção do jovem na sociedade, usa como principal ferramenta a arte-educação.

Por meio da união de todos esses temas, pesquisei e coletei dados com o propósito de produzir com o material recolhido uma grande reportagem para um leitor específico de uma revista especializada em educação, colocando em prática teorias apreendidas nos anos de faculdade de jornalismo.

Busquei, por meio da grande reportagem, relatar o trabalho desenvolvido pela instituição e seu respectivo reconhecimento para que a iniciativa se propague.

Este relatório expõe todo o processo de pesquisa, elaboração e produção do produto jornalístico, bem como o aprofundamento do conhecimento sobre os temas abordados em sua elaboração.

## 1. Proposta

A ideia deste trabalho foi a de produzir uma grande reportagem sobre a Instituição de Incentivo à Criança e ao Adolescente (ICA) da cidade de Mogi Mirim, interior de São Paulo, para revistas no mercado atual especializadas em educação. Mais especificamente, trata-se de uma reportagem especial de capa sobre o trabalho de socialização de jovens carentes por meio da arte-educação desenvolvido pela instituição que, em 2012, completou 15 anos.

Com a produção e a apresentação da reportagem, pretende-se contribuir para o maior conhecimento da sociedade de tal instituição, uma vez que ela possui um papel importante no cenário educacional e assistencial do município. O texto foi escrito para um meio de veiculação nacional, pois se acredita que o reconhecimento da instituição não deve ficar restrito somente à cidade; outras comunidades também devem conhecer a iniciativa para que, ocasionalmente, possam se inspirar. Pode-se dizer que o ICA é uma organização bem sucedida, ainda que tenha potencial para um maior crescimento e, com isso, um atendimento a um público mais numeroso.

Mesmo se passando em uma cidade do interior do estado de São Paulo, a reportagem tem em vista um leitor de âmbito nacional. Trata-se de um tema que, entre outras coisas, se encaixa em um perfil de organização não governamental presente em todo o território nacional. Pode-se dizer que o trabalho desenvolvido ainda possui um interesse amplo, uma vez que a problemática da educação para jovens carentes é algo presente em diversas regiões do Brasil.

A grande reportagem foi escrita baseada na coleta de dados realizada por meio de pesquisa teórica, bibliográfica, documental e entrevistas.

Numa abordagem crítica, ao longo de doze páginas buscou-se, por meio de textos, fotos, tabela e infográfico, apresentar a instituição em si, sua infraestrutura, projetos, cotidiano, problemática, personagens e ferramentas usadas no trabalho com os jovens atendidos, além de explicar sobre a arte-educação e o Terceiro Setor.

O trabalho experimental busca ser uma contribuição em forma de grande reportagem para a difusão no meio educacional do trabalho desenvolvido pela ONG. Com o uso de elementos visuais e textuais, além de pesquisa, busca-se ressaltar as potencialidades da discussão, no âmbito jornalístico, sobre educação no Brasil.

## 2. Justificativa

A escolha de se realizar um produto como a grande reportagem no modelo impresso se deve ao fato de, tradicionalmente, esse tipo de material jornalístico ser de fácil acesso ao público leitor a que se destina, não necessitando de meios eletrônicos para sua propagação. Outro fator relevante é a possibilidade do uso de recursos visuais como fotos, infográficos e tabelas para representar as informações, oferecendo ao jornalista explorar as potencialidades e aprofundamento de sua prática de modo mais crítico possível. Comparado a outros modelos textuais jornalísticos, o texto de revista também permite o maior aprofundamento do tema, podendo apresentar mais detalhadamente o assunto em questão.

Com mais tempo para extrapolações analíticas do fato, as revistas podem produzir textos mais criativos, utilizando recursos estilísticos geralmente incompatíveis com a velocidade do jornalismo diário. A reportagem interpretativa é o forte. [...] Mais interpretativo e documental do que o jornal, o rádio e a TV; e não tão avançado e histórico quanto o livro-reportagem. (VILAS BOAS, 1996, p. 9)

Foram três os principais ganchos que justificam a escolha do ICA para a elaboração da grande reportagem: neste ano a instituição completou 15 anos; também está prevista a inauguração de uma nova sede, maior e com capacidade de atender mais crianças; e a ideia de divulgação do importante trabalho desenvolvido pela instituição, que pode ser comprovado pela mais recente premiação a qual o ICA foi vencedor nacional do Prêmio Itáu-Unicef. O prêmio está em sua 9ª edição e premia os vencedores com quantias em dinheiro, além do reconhecimento nacional das instituições.

Desde 1997, mais de 900 crianças passaram pelo ICA. Muitos continuaram, porém como profissionais, tendo assim a primeira oportunidade profissional. Anualmente mais de 200 jovens entre dez e 18 anos são atendidos. São jovens carentes da periferia da cidade que, no contraturno escolar, ficam sozinhos enquanto os pais trabalham, configurando uma situação de risco de caírem na marginalização.

A instituição tem como estratégia o desenvolvimento de uma proposta pedagógica baseada no trabalho com arte-educação e também a articulação de diversos setores sociais para o investimento na proteção integral dos direitos da criança e do adolescente. Tudo de forma gratuita. Por meio de prêmios, devido ao reconhecimento do ótimo trabalho, o ICA conseguiu verbas para a construção de uma nova sede, com

infraestrutura para acolher melhor os jovens, além de aumentar a capacidade de pessoas atendidas.

Mesmo não havendo uma revista específica, acredita-se que a grande reportagem em questão possa contribuir com uma publicação focada em educação por atender ao mesmo público que o produto procura atingir; além do tema ir ao encontro dos trabalhos realizados na instituição.

### **3. Objetivos**

#### **3.1. Objetivo geral**

Desenvolver e apresentar uma grande reportagem tendo em vista um público leitor de uma revista especializada em educação. Como tema dessa reportagem, foi escolhida a Instituição de Incentivo à Criança e ao Adolescente (ICA).

#### **3.2. Objetivos específicos**

- Conhecer a história, o trabalho e o desenvolvimento do ICA;
- Estudar sobre o Terceiro Setor e a arte-educação;
- Apresentar a apuração jornalística e o conteúdo de uma grande reportagem de capa sobre o ICA para uma revista especializada em educação;
- Apresentação do produto com suas potencialidades jornalísticas.

## 4. Fundamentação teórica

### 4.1. Jornalismo impresso

Data-se de 1609 o primeiro jornal impresso diário da história<sup>1</sup>. Desde então, o jornalismo impresso se desenvolveu e hoje é possível encontrar notícias em milhares de jornais, além de revistas, com características próprias, mas que no geral seguem parâmetros da transmissão de notícia.

Como qualquer meio que tem como objetivo informar, o jornalismo impresso segue os critérios de noticiabilidade. Segundo Mauro Wolf (1987), esses critérios se resumem em importância (visibilidade, impacto e relevância) e interesse (capacidade de entretenimento) da notícia sobre o público leitor.

Muito se discute sobre a sobrevivência do jornalismo impresso, especialmente o diário, nesta era da internet, quando é possível se informar de forma “gratuita”. Ora, o mesmo se passou com o surgimento do rádio e da TV, quando se debatia que a informação por meio de papel seria descartada. A realidade é que diversos jornais ainda circulam e as bancas estão cada dia mais abarrotadas de diversos segmentos de revistas.

O texto escrito, bem como a notícia e o jornalismo impresso, derivam da necessidade de se ter arquivado algum fato importante. Segundo Nilson Lage (2006, p.6), em seu livro *Estrutura da Notícia*, “O texto escrito deriva da linguagem falada segundo regras sintáticas mais estritas, que se devem à necessidade de levar o registro para além do ambiente do discurso, no espaço e no tempo”. Assim, quem busca se informar por meio do jornalismo impresso, procura se aprofundar no assunto, saber algo mais que os outros meios não foram capazes de fornecer.

Relatando situações, espaços, reações e reproduzindo falas sem o uso de sons e imagens em movimento, o jornalismo impresso tem como missão passar por meio das palavras e recursos visuais (imagens, infográficos, tabelas, etc) a notícia, o fato, a interpretação para o leitor. A linguagem usada em revistas e jornais também permite recursos de amplificação e segmentação da notícia. A legenda, o box e infográficos são ferramentas eficientes na construção da reportagem. A versão impressa do jornalismo foge da superficialidade, disponibilizando uma ampliação qualitativa, e não somente quantitativa, do conhecimento da realidade.

---

<sup>1</sup> Bremen, Alemanha.

A principal vantagem do texto impresso é a praticidade da leitura, que pode ser feita em qualquer lugar (sem depender de meios eletrônicos), em qualquer momento (sem precisar esperar o horário do noticiário) e por qualquer pessoa (desde que alfabetizada). Ainda se somam a ela mais outras duas vantagens em relação às outras mídias: profundidade e durabilidade. O texto impresso, principalmente os de revista, possuem informações mais aprofundadas do tema, visto sua disponibilidade de espaço e não de tempo, como acontece em rádio e televisão. Já a durabilidade leva vantagem também sobre os textos da internet, já que enquanto a revista ou jornal não for descartado, estará ao dispor; sem depender de plataformas digitais ou mesmo da memória dos computadores.

Com a profundidade da informação também há a credibilidade e, conseqüentemente, a veracidade do conteúdo. Uma vez que o que está escrito e impresso pode ser usado como documento, há uma apuração mais delicada das informações.

#### **4.2. Revista**

A primeira revista do mundo também é do século XVII e da Alemanha, criada em 1663. Essa modalidade de jornalismo impresso tem como principal função levar ao leitor complementações das informações já dadas por outros meios. Não significa, necessariamente, que as revistas são excluídas dos “furos jornalísticos”, porém, trata de furos com detalhes de uma notícia já em pauta.

Usando recursos visuais diversos e diagramação independente (cada revista tem seu estilo), a revista tem como missão envolver o leitor tanto visualmente quanto por conteúdo. O texto de revista caminha entre as técnicas jornalísticas e as literárias, podendo fazer uso de ambas. Sérgio Vilas Boas (1996, p. 9), em *Estilo Magazine*, explana: “Não fazem exatamente literatura, porque jornalismo não se expressa por supra-realidades. Ao contrário, tratam de uma realidade comum a todos. Mas a técnica literária é perfeitamente compatível com o estilo jornalístico”. Providos de mais espaço para a escrita do que os jornais, o texto em revista permite o uso da criatividade do escritor – jornalista ou não.

A proximidade do texto literário e de revista se dá especialmente em grandes reportagens, quando o aprofundamento no tema é ainda maior e há uma liberdade de recursos linguísticos para informar e entreter o leitor. As semelhanças acabam no



momento em que o principal objetivo da reportagem é documentar, interpretar e informar, itens não obrigatórios na literatura.

No texto de revista, na maioria das vezes, estão presentes as questões *O que*, *Quando*, *Onde* e *Por que*, porém, não na forma de lead. Elas estão dispostas de forma diferente, não seguindo o modelo de pirâmide invertida. A abertura das reportagens precisa ser envolvente, sem entregar toda a informação logo no início, para que o leitor não abandone a leitura. Essa liberdade de criação engloba todo o estilo de escrita, o que exige do escritor criatividade e jogo de cintura para passar a informação de forma completa, sem que se perca a atenção do leitor. Ritmo, clareza e concisão são três características básicas na escrita jornalística, fundamentais também na revista. “O leitor precisa, no mínimo, terminar de ler o texto com uma suave sensação de que chegou a algum lugar”, afirma Vilas Boas (1996, p. 45). Algumas formas que não são bem-vindas em textos de jornais, como neologismo, coloquialismo e gírias, podem ser recursos atraentes na revista, se usadas com critério.

Sem dúvida, escrever para uma revista requer uma ótima sintonia entre os profissionais da arte e os jornalistas. O texto, os recursos visuais e o projeto gráfico têm que ser complementares. Por possibilitar inúmeras abordagens, abre-se um leque enorme de como passar as informações de forma efetiva, mas que ao mesmo tempo leve prazer ao leitor. Sempre seguindo as características da editoria da revista em questão, obviamente.

Toda essa liberdade, no entanto, não desvia o profissional das balizas técnicas e éticas do jornalismo, que não perde a função básica de informar. Mas é uma informação com ecos e ressonâncias. Um jornalismo ampliado (no conteúdo) e literário (na forma), cuja prática – a princípio no jornalismo cotidiano – teve início nos Estados Unidos e ficou conhecido como *New Journalism*<sup>2</sup>. (VILAS BOAS, 1996, p.105, grifo do autor)

A periodicidade das revistas também é algo particular, podendo ser mensais, quinzenais, semanais, bimestrais, semestrais ou até esporádicas, além de edições únicas. Outro ponto relevante é o tempo que as revistas ficam disponíveis para consumo, isso é, o tempo que ficam nas bancas. Diferentemente dos jornais, rádio e televisão que transmitem uma informação perecível, as revistas são compostas por matérias com uma “data de validade” maior.

---

<sup>2</sup> Gênero jornalístico surgido na década de 60, nos Estados Unidos.

### 4.3. Linguagem no texto de revistas especializadas

A linguagem usada nos textos de revistas, em geral, segue os padrões do jornalismo impresso, porém possui algumas características próprias. Uma peculiaridade das revistas é a segmentação. Hoje existem inúmeros estilos de revistas definidas de acordo com o público que pretende atingir, diferentemente dos jornais, que em geral, buscam atingir um número grande de leitores. A periodicidade e o público são fatores determinantes no estilo do texto de uma revista.

Segundo Sérgio Vilas Boas (1996), as revistas podem ser divididas em três grupos de estilo: as ilustrativas, as especializadas e as de informação-geral. Ele afirma que, de certa forma, toda revista é especializada, já que visa atingir um público determinado.

A especialização de uma revista pode ser temática ou segundo a segmentação dos leitores. Roberto Civita, presidente do grupo Abril, acha que para uma revista sobreviver é preciso saber definir bem o seu público. “Na Abril, fomos evoluindo e acabamos adotando a estratégia de segmentação, porque é o que os leitores querem”. (VILAS BOAS, 1996, p.71)

A maneira de atender ao público-alvo da revista é por meio da linguagem e dos recursos estilísticos e estéticos. A linguagem busca o melhor diálogo possível com o leitor (sério, lúdico, humorado, etc), permitindo, inclusive, o uso de palavras específicas que possuem um significado determinado para aquele leitor. O tom, a interpretação dos fatos, o tempo em que se passa, os tipos de palavras, os personagens escolhidos e a angulação são itens de enorme relevância em qualquer tipo de texto jornalístico, porém na revista eles merecem atenção redobrada, já que têm um público específico a atingir. A estética da diagramação também deve dialogar com o público. Quantidade de texto, cores, tipos de imagens, tudo deve atender da melhor forma possível às intenções do leitor.

Apesar dessa focalização a públicos específicos, as revistas têm a premissa de serem acessíveis e atingirem o maior número possível de pessoas. Ou seja, as revistas devem, ao mesmo tempo, serem segmentadas e gerais.

Com seu espaço maior de texto do que os jornais, o que permite mais aprofundamento, as matérias de revistas também têm o papel de serem interpretativas. Isso não significa ser opinativa. Interpretar implica informar sem opinar, expondo ao leitor o quadro completo de uma situação, porém, deixando espaço para o leitor ter sua própria interpretação.

#### 4.4. Reportagem

Considerado um dos gêneros jornalísticos, a reportagem se configura como o aprofundamento de informações, não ocorrido em notícias baseadas no lead. Um de seus desdobramentos é a grande reportagem, que constitui uma versão mais completa, fazendo uso de diversos recursos estilísticos e estéticos.

As grandes reportagens assim se nomeiam não só por serem maiores que as reportagens comuns, em questão de quantidade de caracteres e páginas, mas também porque exigem um grande investimento em termos humanos, como em pesquisas e na escrita, o que demanda tempo, recursos financeiros e disposição do repórter.

Ao meio de todo o trabalho de apuração e desenvolvimento da grande reportagem, o jornalista exerce sua função primordial de entrevistar, contatar fontes e personagens e contextualizar os fatos. “A reportagem é a própria alma da revista e o seu texto deve ser uma grande história, um grande documentário.” (VILAS BOAS, 1996, p.15).

Tendo a narrativa como uma de suas principais ferramentas e estando presente em jornais e revistas, a grande reportagem permite ao jornalista certa liberdade na escrita e diagramação. A abertura é um dos principais diferenciais do texto de notícia e da reportagem. Por meio das primeiras linhas, é possível instigar o leitor.

Geralmente, é uma estrutura baseada em antíteses: o fato e sua causa surpreendente, a aberrante aproximação de dois casos; do fato e sua circunstância, do fato e sua consequência. Criado o clima de tensão e angústia, que é a própria motivação para a leitura, logo depois vem a explicação da antítese. (VILAS BOAS, 1996, p.72)

O decorrer da reportagem também pode ser feito por um texto sem regras pré-determinadas. O fluxo, a descrição, os tempos verbais, as expressões, tudo pode ser desenvolvido de maneira criativa, desde que se alcance o objetivo de informar o público-alvo de forma interpretativa. Segundo Nilson Lage, em certos casos, admite-se que o repórter faça descrições em primeira pessoa: “O importante é que se respeitem os fatos, dos quais não se pode discordar, e se dê ao leitor, com humildade, o direito de avaliá-los segundo seu próprio repertório, seus valores.” (LAGE, 2006, p. 54).

Outro diferencial em comparação à notícia é a ausência de um único fato a ser descrito: “[...] a reportagem não cuida da cobertura de um fato singular ou de uma série de fatos, mas do levantamento *de um assunto* ou do relato de um episódio complexo, de acordo com um ângulo preestabelecido.” (LAGE, 2006, p. 54, grifo do autor).

Devido a sua grande extensão e aprofundamento em um tema, o desenvolvimento de uma grande reportagem requer planejamento, tanto de coleta de dados como de relato. Na hora da escrita é fundamental organizar as informações e a lógica do pensamento, para que o leitor consiga seguir com o autor o fluxo da reportagem.

Para o desenvolvimento da reportagem é de extrema importância a criação de uma pauta. Comum também aos outros meios, a pauta, ferramenta essencial para a prática jornalística, serve como guia para a elaboração de perguntas e coleta de dados documentais. Faz parte do planejamento da reportagem e exige uma atenção especial, já que é dela que nasce o produto final do texto. Nesse momento há outra distância em relação à elaboração da notícia. A pauta de reportagens geralmente é mais farta de informações e dados, além de ser necessário indicar o uso de ilustrações, tempo de apuração, deslocamento da equipe, quantidade de páginas disponíveis e a linha editorial da matéria.

A apuração e a coleta de dados para uma grande reportagem exigem uma observação mais atenta dos fatos para colaborar no aprofundamento do texto. As fontes, documentais ou humanas, são essenciais, como toda apuração jornalística, porém, em grandes reportagens devem ser fartas para que rendam material para o desenvolvimento do produto.

Com os dados em mãos é preciso selecionar as informações de acordo com sua relevância, para que a partir daí seja possível escrever a matéria. A estrutura do texto costuma ser dividida em retrancas com frases chamativas, geralmente com ausência de notação essencial, que introduzem os parágrafos seguintes nos quais os assuntos serão desenvolvidos.

Como todo texto jornalístico, o de revista pede uma revisão, no entanto mais detalhada, já que é longa. Revisar não se resume em checar a gramática ou cortar o que está sobrando no projeto gráfico, mas sim, ver a coerência, o fluxo, a linguagem, enfim, buscar perceber se está apresentável para o público. “Desconfie do seu texto, nunca acredite no seu primeiro ‘rascunho’, revise, faça de novo, crie um duelo entre seu lado editor e seu lado criativo.” (VILAS BOAS, 1996, p.25).

#### **4.5. Narrativa**

“A narrativa é gênero literário de tradição assentada no épico. Sua espinha dorsal é a organização dos eventos em sequência” (LAGE, 2006, p.17). De acordo com Oswaldo Coimbra, em seu livro *O Texto da Reportagem Impressa* (1993), a estrutura do texto da reportagem narrativa tem como característica fundamental fatos organizadores dentro de uma relação de anterioridade ou de posterioridade, mostrando mudanças progressivas de estado nas pessoas ou nas coisas.

Esses fatos são desenvolvidos por meio de:

- Narrador – Pode ser em primeira pessoa (narrador testemunha ou protagonista) ou em terceira (onisciente ou dramático);
- Tempo – Planos e alcances diversos. Pode ser relatado por meio do tempo psicológico, físico, cronológico ou linguístico. Há interrupções da linearidade da sequência temporal se retardando ou acelerando a narração. Não necessariamente, é preciso haver uma relação entre o tempo de duração de um fato e o espaço que ele ocupa na narrativa;
- Espaço – O local onde se passam os acontecimentos é dividido em espaço físico, social e psicológico;
- Personagem – Se apresentam de cinco modos: personagem plana (construída em torno de uma única ideia ou qualidade), redonda (complexa), referencial (plena e construída por ideia pré-estabelecida), anáfora (só é apreendida dentro do texto) e figurante (ocupa um lugar subalterno).

A narração reconstitui ações fazendo com que haja uma aproximação do ocorrido com o leitor, quase o tornando em testemunha do fato narrado. O ritmo envolvente deve ser dirigido por um fio condutor, e é preciso atentar-se para que o texto flua de maneira natural, entrelaçando um tema ao outro, para que o leitor não se perca, mas pelo contrário, se envolva e compreenda o texto.

Narrar tem suas origens no contar histórias, o que, de certa forma, remete à fantasia. Em uma reportagem que usa a narrativa faz-se com que a informação seja passada usando o imaginário, porém, sem se distanciar da realidade.

É recorrente, no entanto, que em reportagens narrativas se usem episódios descritivos para dar ritmo, ambientar e incluir melhor o leitor.

Na reportagem narrativa, segundo Lopes e Reis, há sempre fragmentos portadores de informações sobre os personagens, os objetos, o tempo e o espaço que configuram o cenário das ações (cf. Lopes & Reis, 1988, p.23). Essas informações servem [...] para enraizar o texto na realidade. (COIMBRA, 1993, p. 88)

#### 4.6. Entrevista

A entrevista tem como princípio ser um diálogo do jornalista com o entrevistado, sua fonte, para conseguir conhecimento aprofundado para a matéria. O objetivo da entrevista é extrair o máximo de informações e ideias possíveis a respeito do assunto da reportagem.

Ela pode ser feita com fontes oficiais e personagens, sendo essa segunda a mais envolvente e carente de atenção aos mínimos detalhes. As entrevistas são o que dão vida aos personagens, e é por meio delas que é possível traçar um perfil dos entrevistados. Tom de voz, o olhar, características físicas, o maior número de particularidades são melhores observadas nas entrevistas face a face, porém as entrevistas também podem ser feitas de outras maneiras, como por e-mails e telefone. “Ela pode ser apenas uma eficaz técnica para obter respostas pré-pautadas por um questionário. Mas certamente não será um braço da comunicação humana, se encarada como simples técnica” (MEDINA, 2002, p.5).

A entrevista realizada pessoalmente e ao vivo é muito mais rica em questões de informações para a reportagem. Oswaldo Coimbra (1993, p.118), parafraseando Flora Davis, afirma: “Quando seres humanos se encontram face a face, há uma comunicação em muitos níveis simultâneos, consciente e inconscientemente. Tais seres usam nessa ocasião boa parte dos seus sentidos: a vista, o ouvido, o tato e o olfato”.

Diversos estudiosos buscam classificar os tipos de entrevistas face a face, gerando inúmeras rotulações. Cremilda de Araújo Medina, em *Entrevista O diálogo possível* (2002), agrupa as entrevistas em duas tendências: a de espetacularização (entrevistas fúteis, com perguntas e respostas pré-moldadas, beirando um ritual de cerimônia) e a de compreensão (um diálogo de aprofundamento do assunto, quando, muitas vezes, o entrevistador se apaga, deixando o entrevistado se aprofundar em seu próprio psicológico e trazer à tona revelações íntimas).

Medina (2002) fala também que a entrevista é uma interação social, que além da técnica, é um compromisso com a comunicação coletiva. A partir disso, elenca três comportamentos fundamentais:

- O entrevistador deve encarar o momento da entrevista como uma situação psicossocial, complexa. A busca de confiança deve ser recíproca;
- A atitude do entrevistado deve ser considerada, pois pode ser impermeável para um diálogo;

- Geralmente, o jornalista é visto como um invasor da privacidade, por isso, é preciso preparar a atmosfera de trabalho e proporcionar um desbloqueio por parte do entrevistado.

A preparação de perguntas com o uso da pauta, bem como a abordagem do entrevistado, é fundamental para o jornalista desenvolver uma boa entrevista, sabendo brevemente informações que ajudam no guiar da conversa. Entretanto, em muitos casos, é importante saber não se deixar prender pela pauta. Há entrevistados que precisam se sentir livres para falar, pois, na maioria das vezes, as perguntas abordam assuntos da intimidade que podem ser atrapalhadas por uma marcação insistente do jornalista. Pessoas são diferentes entre si, por isso, cada entrevistado merece uma atenção especial. Gênero, idade, nível educacional, entre outros fatores, devem ser levados em consideração na elaboração das perguntas e no momento da entrevista.

O espaço maior para a escrita do texto em grandes reportagens permite também uma descrição mais detalhada dos personagens, porém, nunca deve fugir à fidelidade. “O jornalista não pode acrescentar aos personagens de uma reportagem uma projeção pessoal. Os personagens em jornalismo são fato.” (VILAS BOAS, 1996, p. 63-64).

Após seguir a pauta e coletar os dados, é preciso fazer uma seleção sobre os pontos mais importantes obtidos, úteis e relevantes para a elaboração da grande reportagem e que, assim, possam ser passados ao público.

## **5. O produto grande reportagem**

### **5.1. Público**

A grande reportagem sobre o ICA tem como público-alvo profissionais que lidam com educação e suas diversas ramificações, bem como a arte-educação. Porém, busquei tratar do assunto de uma maneira em que seja possível qualquer tipo de leitor interpretar. É o papel de toda matéria em revista, ser segmentada, mas ao mesmo tempo universal. Pessoas envolvidas com organizações não governamentais, principalmente que trabalham com educação e inclusão social, também podem ser considerados potenciais leitores.

Busquei usar uma linguagem simples, porém não simplória, para que o maior número possível de leitores fosse alcançado, no entanto o tema tratado tende a despertar maior interesse em indivíduos envolvidos em arte, arte-educação, educação e organizações não governamentais.

### **5.2. Projeto gráfico**

A grande reportagem foi diagramada pela designer Larissa Ramos. Baseada em revistas no mercado sobre educação e seus respectivos perfis, além da bagagem adquirida nos estudos universitários, busquei traçar um projeto gráfico que dialogasse bem com o texto. A revista Nova Escola da editora Abril, periódico referência do segmento no Brasil, foi o principal material no qual nos baseamos. Larissa, com seu conhecimento profissional e, conseqüentemente, mais aprofundado que o meu, me ajudou com a tipografia, escolha de imagens, tamanho da página, localização dos boxes, etc.

A escolha por fazer uma grande reportagem de doze páginas se deve ao resultado obtido por meio de pesquisas de outras revistas do segmento e os respectivos espaços reservados para matérias especiais de capa. Em geral, essas matérias ocupam um espaço de seis a doze páginas.

O uso de cores primárias tem como intuito remeter ao universo infanto-juvenil, público atendido pelo ICA. Os espaços sem texto e o uso de fotos estouradas visa à leveza da reportagem para que o leitor se sinta confortável durante a leitura.

Uma preocupação em especial que tive foi com a disposição dos blocos de texto. Além do texto principal com o fio condutor de toda a dinâmica da ONG, também



escrevi boxes com textos sobre assuntos complementares. “O início”, “Terceiro Setor”, “Arte-educação” e “Respeitável público” são complementos do assunto principal tratado na grande reportagem, já que o ICA é uma organização não governamental (relação com o Terceiro Setor), que trabalha com arte-educação, tendo como seu principal destaque as atividades circenses (Respeitável público). Optei por escrever a história do nascimento do ICA (O início) em um box, pois entendi que não cabia como uma retranca no texto principal, já que estaria deslocada do desenvolvimento do texto, além de deixá-lo muito extenso e cansativo ao leitor. A coletânea “Diário de plateia” também foi deixada à parte do texto principal por tratar de uma linguagem diferente, já que escrevi como um relato, sendo um narrador participativo, inclusive, escrevi na primeira pessoa.

Sob minha orientação, o infográfico “Onde a magia acontece” foi criado pela designer Clarice Diamantino. Optei por esse recurso visual para desafogar o texto e tornar a leitura mais agradável e dinâmica. O uso das cores, bem como os itens e personagens presentes, além de todo o espaço representado, buscou ser fiel ao ambiente real. Clarice se baseou em fotografias e descrições feitas por mim. O traço infantil, marca de Clarisse, ao meu ver, casou bem com o tema abordado na reportagem.

A tabela “Taxa de escolarização” também foi outro recurso para chamar a atenção do leitor, passando as informações de forma mais direta e clara. Tirada do resultado da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (Pnad), de 2011, os dados são os mais recentes sobre o tema.

As fotos, em sua maioria, são do ICA. Visto que a diagramação de uma grande reportagem, ainda mais como sendo de capa de uma revista, exige uma ótima qualidade das fotos, optei pelas cedidas pela organização.

Alguns dos títulos das retrancas e dos boxes foram propositalmente escritos para fazer referências ao mundo circense (“Com vocês: o ICA”, “Picadeiro sem lona”, “Respeitável público” e “Diário de plateia”).

A frase em destaque foi outro recurso usado buscando dar leveza ao texto e destaque a esse fragmento.

### **5.3. Abordagem**

Minha relação com o texto impresso foi amadurecendo durante todos os anos acadêmicos. Mesmo tendo contato com o rádio, a TV e o digital, sempre gostei mais de

jornalismo impresso e de todas suas possibilidades estilísticas e visuais; tanto de ler quanto de fazer. A afeição só aumentou depois que comecei a fazer estágio em uma editora de revista. Dada essa situação, optei por desenvolver mais minhas habilidades textuais nesse trabalho experimental.

O tema ONG, mais especificamente, o Terceiro Setor, sempre me chamou bastante a atenção. Confesso que desconhecia o contexto da arte-educação, mas me encantei totalmente depois do contato mais profundo.

A minha grande reportagem se encaixa na classificação, que segundo Edvaldo Pereira Lima, no livro *Páginas Ampliadas* (1993), denomina-se reportagem documental (*quote story*). Trata-se de um relato acompanhado de citações que ajudam na complementação e esclarecimento do assunto tratado, se apoiando em dados que conferem fundamentação.

Tendo como base a pesquisa bibliográfica e o conhecimento das aulas de jornalismo, busquei escrever o texto com recursos linguísticos que tentassem envolver o leitor, porém de uma forma agradável e que ao final deixasse aquela sensação citada por Vilas Boas de que “chegou a algum lugar”, ou seja, que a mensagem foi passada e bem interpretada pelo leitor.

O desenvolvimento da grande reportagem começou com as pesquisas teóricas já no projeto do trabalho experimental. As pesquisas continuaram por toda a criação do texto e do relatório.

Busquei referências bibliográficas em diversos livros e artigos sobre técnicas jornalísticas, arte-educação e Terceiro Setor. Esse estudo foi fundamental para minha compreensão dos temas abordados e a relação deles com o ICA. Também fez parte, como pesquisa documental, o acesso ao Projeto Político Pedagógico do ICA de 2011, bem como algumas relações financeiras de inscrições de projetos. A instituição não demonstrou resistência ao meu pedido de acesso aos documentos.

As entrevistas foram essenciais para o desenvolvimento da grande reportagem, e da mesma forma, para meu entendimento da instituição e da arte-educação. Busquei informações com profissionais da área pedagógica sobre a relevância para a sociedade dos trabalhos desenvolvidos pela instituição. Foi uma visão externa, que muito contribuiu para o desenvolvimento do produto já que, ambas as entrevistadas, não conheciam o ICA, até então. Primeiramente conversei com a professora doutora em pedagogia, Maria do Carmo Kobayashi, da Faculdade de Ciências da Unesp Bauru, do

Departamento de Educação. A entrevista com Kobayashi pode me ajudar na contextualização do ensino da arte no Brasil e sobre a importância da arte-educação para crianças e adolescentes.

A poucos dias de entregar o relatório e com a matéria já em processo de diagramação, a educadora Ana Mae Barbosa, referência nacional e internacional no estudo do ensino da arte, esteve no VIII Encontro de Arte e Cultura realizado pelo departamento de Artes da Unesp Bauru. Eu havia tentado antes entrar em contato com ela para entrevistá-la, porém, não havia tido êxito. Em sua palestra no evento, tive a oportunidade de questioná-la sobre o uso da arte-educação por ONGs como ferramenta de inclusão social. A resposta segue anexa ao relatório. Dessa especialista pude incluir somente uma pequena citação da educadora na grande reportagem. Entendi que a resposta completa não caberia no texto que desenvolvi. A figura de Ana Mae é tão significativa no cenário da arte-educação que seria merecido, talvez, a disponibilização de um espaço exclusivo a ela. Por outro lado, o possível enfoque maior na educadora mudaria o foco da minha grande reportagem que, de todo modo, era falar sobre o ICA.

Trouxe os temas arte-educação e Terceiro Setor na reportagem porque acreditei que seria viável uma contextualização ao leitor sobre esses temas, não que eles fossem o centro da informação.

As demais entrevistas foram feitas durante os três dias que estive no ICA, além de uma troca de e-mails com Márcia Hiromi de Oliveira, do departamento administrativo da instituição, que estava de férias durante esse período que estive lá.

Foi bastante numeroso o total de pessoas, entre crianças, jovens e funcionários, com quem conversei. No intuito de captar o máximo possível de informações, lá pude colher distintas histórias pessoais. Possuo, ao todo, 11 entrevistas gravadas. As demais conversas ocorreram na vivência e sem gravador. Na tentativa de não assustar ou intimidar os entrevistados, busquei nem sempre usar o gravador. Principalmente com as crianças, com as quais sempre conversei enquanto faziam as atividades ou em momentos de refeição e recreação.

Conversei com alunos atuais, ex-alunos, pai de ex-alunos, colaboradores e diretores atuais. Cheguei a essa mostra de entrevistados por terem como característica em comum o fato de todos terem algum tipo de ligação com a instituição, seja profissional ou pessoal, e até mesmo ambas.

Tentei usar uma linguagem diferente no momento da entrevista com cada tipo de entrevistado. Como já citado acima, é preciso saber se portar para que o entrevistado não se intimide. Com as crianças busquei ter uma conversa mesmo, mostrando interesse em suas vidas. Quase sempre a resposta era também uma pergunta sobre mim. Já com os adultos as perguntas eram mais direcionadas.

Desde o início tinha em mente a questão de pesar o valor das informações fornecidas pelos entrevistados, principalmente os adultos. O jornalista tem como papel saber medir até que ponto o entrevistado está colaborando ou se promovendo. Essa responsabilidade pesou bastante no momento de eu escrever a reportagem.

Elaborei pautas com algumas perguntas para as entrevistas, porém, muitas sofreram alterações, pois me permiti seguir o fluxo do entrevistado. Ora ou outra eu incluía uma pergunta da pauta, outros momentos fazia perguntas que me, circunstancialmente, surgiam à mente.

Como característica da maioria das reportagens de revista, optei por escrever de forma narrativa, fazendo uso da descrição em alguns momentos. Acredito que a narração colabora para uma leitura mais leve e proveitosa do leitor. Os fragmentos descritivos foram usados para uma melhor imersão do leitor no ambiente.

A forma como abordei, os ângulos, o que optei por escrever ou não, tudo foi pensado para a criação de um texto informativo, longe da imparcialidade, mas que deixasse o leitor ter sua própria interpretação.

#### **5.4. ICA**

A instituição tema da grande reportagem foi escolhida devido ao seu trabalho de destaque com crianças e jovens carentes de Mogi Mirim, que vem sendo reconhecida por meio de premiações e conquistas de projetos em editais públicos e privados.

O ICA nasceu da iniciativa de uma família tradicional da cidade, donos da Viação Santa Cruz. Sofia Idalina Mantovani Mazon e sua filha Tarcísia Mônica Mazon Granucci, em 1997, fundaram a organização para tentar resolver um problema que a matriarca percebeu na cidade. Então, com 79 anos e presidente do Educandário Nossa Senhora do Carmo, uma instituição também de Mogi Mirim e que presta atendimento a crianças, porém de seis a dez anos em regime socioeducativo, Dona Sofia, como é chamada por todos, recebia as queixas das mães das crianças prestes a saírem do

atendimento social sobre a falta de lugar para deixarem os filhos enquanto estariam no trabalho.

Com uma situação econômica boa, a família de 11 filhos sempre esteve envolvida em trabalhos voluntários. Com um pequeno planejamento, ajuda financeira dos filhos, além da própria Sofia, e apoio de amigos próximos, mãe e filha decidiram criar o ICA para atender, a princípio, 40 crianças. Hoje, 250 jovens são atendidos por ano e, nos 15 anos de história, mais de 900 jovens já passaram pela instituição. De acordo com Maristela Mason<sup>3</sup> Albejante, também filha de Sofia e que hoje faz parte da diretoria da instituição, com o passar do tempo e com o reconhecimento da instituição pelo Departamento de Promoção Social da prefeitura do município, o ICA passou a receber encaminhamentos de crianças para serem atendidas, o que fez com que o número aumentasse. O nome “ICA” vem do apelido de Dona Sofia, que acompanhou somente os primeiros passos da ONG, pois faleceu um ano após a fundação, deixando Tarcísia à frente da organização.

O ICA atende jovens de dez a 18 anos que estudam em escola pública e estão em situação de risco, isso é, propícios a caírem na marginalização. Isso porque o sistema educacional brasileiro não atende de forma satisfatória às necessidades das famílias, principalmente da classe baixa. A escola em meio período não é suficiente para as crianças e os adolescentes dessas classes, uma vez que nos demais períodos elas ficam sozinhas em casa ou na rua, já que os pais ou responsáveis estão trabalhando. Essa situação gera o que a instituição chama de “situação de risco”, uma vez que essas crianças, por ficarem desamparadas parte do tempo, estão mais propícias a se envolverem em problemas, como drogas. A maioria é moradora da periferia da cidade e são de famílias de baixa renda. O ICA tem como critério atender somente os jovens que frequentam a escola, dando um suporte para que não abandonem os estudos.

Desde 2008 o Ministério da Educação colocou em prática o Programa Mais Educação que busca oferecer educação integral nas redes estaduais e municipais de ensino, ampliando a jornada nas escolas públicas com atividades extracurriculares. Algumas escolas de Mogi Mirim fazem parte do programa, e ainda que o público de ambos os programas sejam os mesmos, o ICA se diferencia pelo atendimento mais longo aos jovens, visando à socialização e até a profissionalização dos mesmos, além de

---

<sup>3</sup> A grafia não está incorreta, Maristela tem o sobrenome com “s” e não com “z”.

acompanhar mais profundamente o desenvolvimento dos educandos, interagindo com a família e dando suporte de atendimento médico, por exemplo.

#### **5.4.1 Público atendido**

Atendendo crianças e jovens que cursam o Ensino Fundamental e o Ensino Médio, a instituição busca fazer com que esses jovens não abandonem a escola. Segundo a Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (Pnad) do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), de 2011, 3,5 milhões de crianças e jovens brasileiros estão fora da escola, sendo a maior parte jovens de 15 a 17 anos. A organização justifica seu trabalho também por meio de dados do documento Políticas de Educação Infantil no Brasil: Relatório de Avaliação do Ministério da Educação, de 2009<sup>4</sup>. Nele afirma-se que 51% das famílias brasileiras possuem rendimento mensal de até R\$1 mil, dos quais cerca de 4% são gastos com educação, o que evidencia a falta de recursos para investimento no ensino de seus dependentes. Diante desse quadro, o ICA acredita serem imprescindíveis iniciativas que auxiliem no processo formativo de escolarização e seguridade das crianças, sendo mais uma força no movimento de romper com o ciclo da pobreza e desigualdade social.

A maioria dos jovens atendidos vive na periferia da cidade, zona Leste e Norte, possuem dificuldade de aprendizagem na escola e, geralmente, apresentam problemas familiares, como abandono e violência. Conhecendo esse perfil, a organização busca ter uma relação próxima com a família dos educandos, por meio de reuniões e confraternizações, e com as escolas, participando de reuniões. Juntamente com a família e a escola, o ICA forma uma trílice articulação de acompanhamento do desenvolvimento dos jovens.

#### **5.4.2 Missão, visão, valores e objetivos**

De acordo com o Projeto Político Pedagógico (PPP) versão 2011 do ICA, a missão organizacional da instituição é desenvolver em crianças, adolescentes e jovens em situação de vulnerabilidade social, a consciência da realidade e de suas potencialidades através do aprimoramento moral, ético e de cidadania e criar oportunidades de atuação positiva na sociedade. Já a visão é alcançar todas as crianças, os adolescentes e os jovens de Mogi Mirim até 2013, para que suas realidades sociais

---

<sup>4</sup> Apud Projeto Político Pedagógico do ICA, 2011, p. 17.

sejam transformadas pela sua atuação positiva, construindo para um mundo melhor alicerçado na verdade, no bem e no belo. Tudo isso baseado nos valores: ética, solidariedade, respeito, determinação, fé, responsabilidade e transparência.

Ainda segundo o PPP, os objetivos institucionais são:

- Gerar rentabilidade para manter a sustentabilidade da organização;
- Captar recursos para construção e equipamentos da nova sede;
- Formar jovens alicerçados em fundamentos morais e espirituais (desenvolvimento integral);
- Incentivar a família a desempenhar o seu papel na formação de seus filhos;
- Tornar os Programas da Organização acessíveis a todas as crianças, adolescentes e jovens de Mogi Mirim;
- Articular diferentes setores sociais para investimento na inclusão social de crianças, adolescentes e jovens;
- Mobilizar a sociedade para atuação voluntária nas necessidades da organização;
- Obter reconhecimento da qualidade do trabalho por órgãos nacionais e internacionais;
- Manter uma equipe de profissionais comprometida com os ideais organizacionais;
- Manter uma equipe de profissionais preparados para o desenvolvimento do público atendido.

A organização tem como lema educar pela arte, algo ímpar no município, se tratando de uma organização. Fazendo uso da metodologia da arte-educação, o ICA desenvolve atividades artísticas como música, teatro, dança e circo com os jovens. Por causa do método empregado, os alunos são chamados de educandos e os profissionais de arte-educadores.

O uso da arte-educação como metodologia de ensino é um marco na história da instituição. Em 2000, percebendo a falta de foco nas atividades, foi contratada uma consultoria para direcionar o trabalho da ONG. Determinou-se que o trabalho com os jovens seria baseado na arte-educação, devido a atividades já desenvolvidas que despertavam o interesse dos jovens.

O uso da arte-educação como ferramenta pedagógica busca por meio das potencialidades individuais dos jovens, estimular a inteligência e contribuir para a

formação da personalidade e do caráter. Ao experimentar o fazer e a apreciação artística a criança e o jovem aperfeiçoam os processos que desenvolvem a percepção, a imaginação, a observação, o raciocínio e o controle gestual, fatores que influenciam na ampliação das capacidades cognitivas. Na vivência artística, eles compreendem a própria emoção, libertam-se, ajustam-se, organizam pensamentos, sentimentos e sensações. Assim, o ICA acredita que a arte facilita o processo de inclusão social dos sujeitos, pois se encontram mais preparados emocionalmente para os desafios da vida, encarando-os de maneira mais equilibrada e assumindo uma postura positiva diante de sua realidade. Todo esse processo com o fortalecimento do vínculo familiar e o acompanhamento escolar.

As práticas são sustentadas em três pilares:

- Autonomia – capacidade dos sujeitos agirem com independência, pois já têm internalizado os valores necessários do bom senso;
- Protagonismo – atuação do jovem, destacada e construtiva, em temas do seu interesse, participando da vida pública para ajudar a construir o mundo em que se vive;
- Empoderamento – capacidade de agir para influenciar a própria realidade e a do outro de modo a transformá-la positivamente.

Esses pilares podem ser vistos nas responsabilidades passadas aos educandos. Cada um tem seu próprio armário e é responsável pelo material e uniforme. O desperdício nas horas de refeição é intolerável, assim, cada um coloca no prato o que pretende comer. Há uma hierarquia entre os mais novos e os mais velhos, que sempre estão atentos para impedir confusão e passam os valores aprendidos. De modo geral, o ICA se parece com uma escola, porém há muitas particularidades que o difere.

A estrutura e a gestão organizacional do ICA são baseadas no modelo de gestão participativo, no qual todos os funcionários têm participação em atividades como análises, planejamentos e monitoramentos anuais, porém existe uma diretoria presidida por Tarcísia.

A organização não age isolada. O ICA se articula – baseado nas diretrizes que o Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA) determina – com canais que promovem a garantia de direitos de crianças e dos adolescentes. São eles: Conselho Municipal de Direitos da Criança e do Adolescente (CMDCA), Conselho Municipal de Assistência Social (CMAS), Conselho Municipal da Pessoa com Deficiência (CMPcD), Fórum de



Entidades e Conselho Tutelar. Todas essas frentes somam esforços em busca dos direitos de crianças, adolescentes, famílias e sociedade, sendo hoje importantes alianças para a participação e controle social do público atendido.

Essas parcerias possibilitaram uma grande influência das ações do ICA nas políticas públicas municipais na área de educação integral e cultural, gerando um crescimento no número de jovens atendidos. Desde então, busca-se uma maior consolidação das atividades externas com as oficinas oferecidas nos Centros de Referência de Assistência Social (CRAS) – ambientes ligados à Política Nacional de Assistência Social que busca atender famílias carentes –, na lona itinerante (atividades externas esporádicas) e nas organizações parceiras Casa da Criança (casa abrigo que atende crianças de até seis anos) e Educandário Nossa Senhora do Carmo (que atende crianças de até 10 anos).

Ainda há parcerias com outros setores para a possibilidade do fomento das atividades desenvolvidas, como Departamento de Educação, Cultura, Promoção Social e Turismo, além de profissionais, como dentistas, cabelereiros e médicos, que atendem de forma voluntária os jovens do ICA.

### **5.4.3 Carpe Diem**

O primeiro projeto desenvolvido foi o Carpe Diem, que é o carro-chefe da instituição até hoje em dia. O projeto apresentou-se como uma inovação, pois a utilização da arte-educação era algo inédito na comunidade e região. Implantado em 2002, o projeto é fruto do estudo que definiu a arte-educação como principal ferramenta da instituição. Anteriormente, as atividades de cunho lúdico e artístico eram realizadas esporadicamente, já que o reforço escolar era o que mais recebia atenção.

O Carpe Diem é composto por um currículo que reúne oficinas de circo, teatro, dança e música, bem como ações de valorização e acompanhamento escolar e social, atuando de maneira formativa, potencializando habilidades em competências humanas, artísticas e educacionais.

Atualmente, o projeto se divide em duas frentes: interna, realizada na sede institucional, e externa, realizada em espaços comunitários. O Carpe Diem interno são as atividades desenvolvidas diretamente com os jovens atendidos. A grade é dividida, diariamente, em três momentos: primeiro momento para aulas de base e referência, segundo, para intervalo, e o terceiro para oficinas das vertentes artísticas (circo, música,

teatro e dança). Aulas de base correspondem a atividades que desenvolvem as capacidades de comunicação e de lógica e dimensões afetiva-sexual, espiritual e social. Já as de referência acompanham as atividades escolares.

O atendimento aos educandos no Carpe Diem se dá em três fases:

- Nível básico (10 a 12 anos). Introdução dos educandos à aprendizagem de princípios de convivência social e de trabalho em equipe. Nessa fase os jovens têm contato com todas as vertentes artísticas;
- Nível intermediário (12 a 13 anos). Ensino de valores éticos-morais e conhecimentos de formas de participação no ambiente social. Igualmente ao nível básico, todas as vertentes artísticas são ensinadas;
- Nível avançado (13 a 14 anos). Fortalecimento da identidade, protagonismo jovem e produção de arte e cultura por meio do senso crítico. Nessa fase os adolescentes optam por até duas vertentes artísticas para aprofundamento. Após os 14 anos os jovens fazem parte do Projeto Ícaro, que será explicado a diante.

Paralelamente a essas atividades ocorrem assembleias mensais com os educandos, educadores e demais colaboradores para discutir temas propostos no Abraboka, que é a ouvidoria do ICA, uma caixa onde todos podem depositar elogios, sugestões, entre outros assuntos, em qualquer momento do dia. Todos os educandos são divididos em quatro fraternidades identificadas por cores (amarelo, azul, verde e vermelho) onde se misturam os jovens de todos os níveis para participarem de uma gincana anual. A proposta é promover o coleguismo e o espírito de cooperação, pois mensalmente são realizadas contagens de pontos com temas surpresas, como frequência, rendimento escolar, etc. No final do ano, todos participam de um acampamento para a premiação da fraternidade campeã. Também a cada semestre os educandos participam de passeios culturais, como exposições, espetáculos, etc.

Já o Carpe Diem externo contempla a multiplicação da metodologia arte-educacional em articulações com diferentes parceiros, como escolas municipais e unidades CRAS. O objetivo é possibilitar o acesso a experiências e manifestações artísticas, culturais, esportivas e de lazer de crianças e jovens do município. Da mesma forma que na sede da instituição, as atividades se desenvolvem no período matutino e vespertino, porém com duração de apenas 1h30 por turma, sendo quatro turmas de até 25 alunos por dia. Diferentemente do atendimento dos educandos, não há atividades de

base e referência, somente oficinas artísticas de circo, expressão (teatro e dança) e leitura. As atividades são realizadas por um educador e dois monitores formados pelo Programa Ícaro em arte-educação. As atividades externas atingem cerca de 700 crianças e jovens de três a 18 anos.

Devido a todas essas atividades, desde 2010, o ICA é um Ponto de Cultura. O Ponto de Cultura é a ação prioritária e o ponto de articulações das demais atividades do Programa Cultura Viva do governo federal. É composto por entidades reconhecidas e apoiadas financeira e institucionalmente pelo Ministro da Cultura que desenvolvem ações de impacto sociocultural em suas comunidades. Somam-se aproximadamente, 2,5 mil pontos em 1122 cidades brasileiras, atuando em redes sociais, estéticas e políticas.

Podemos concluir que, após quase 14 anos de fundação, o ICA multiplicou seu trabalho, articulando com diferentes espaços locais a irradiação de sua metodologia como uma nova alternativa educativa, de desenvolvimento integral e de participação social ativa em Mogi Mirim, consolidando a arte-educação como uma potente ferramenta de transformação social e desenvolvimento de competências humanas, sociais, artísticas e educacionais. (Projeto Político Pedagógico do ICA, 2011, p. 11)

#### **5.4.4 Ícaro**

O Projeto Ícaro é oferecido para os jovens a partir dos 14 anos. Já em idade de entrar no mercado de trabalho, o ICA busca continuar acompanhando e participando da formação desses jovens. Trata-se de uma especialização profissional com parcerias técnicas e artísticas, podendo encaminhá-los ao mercado de trabalho. Os jovens passam por uma orientação vocacional e optam por fazer o curso de arte-educação ou metal mecânica. O primeiro busca dar uma base para o jovem ser arte-educador. Ele pode começar a experiência já dentro do próprio ICA, sendo monitor (ajudante) dos educadores e ganhando uma bolsa de R\$ 200 por mês. Há muitas histórias na instituição de educandos que participaram do Projeto Ícaro, foram monitores e hoje são arte-educadores, pois estão fazendo faculdade na área pedagógica. Já quem opta pelo metal mecânica participa de cursos oferecidos em parceria com a Escola Técnica Centro Paula Souza de Mogi Mirim e empresas do ramo da cidade. É uma ótima oportunidade, visto que a cidade é um polo industrial.

#### **5.4.5 Demais projetos**

Paralelamente ao Carpe Diem o ICA tem outros projetos que são desenvolvidos com os jovens durante todo o ano. São eles:

- Espiral da leitura – O projeto engloba a Mediação de Leitura (jovens participam como mediadores e contadores de histórias em escolas primárias e asilos do município), História da Mala (contadores de história que usam uma mala como recurso de encantamento para transmitirem as histórias que sabem de cor), Biblioteca interna (acervo de literatura infanto-juvenil para o uso de educandos e educadores) e JornalICA (jornal do ICA produzido pelos alunos no nível intermediário);
- Menina Mulher e Fala Garoto! – Atividades com conteúdos afetivo-sexuais. O primeiro é para o público feminino e o segundo para o masculino. Ambos visam orientar em assuntos sobre afetividade e sexualidade e promover o acompanhamento médico-ginecológico de adolescentes e jovens, por meio de orientação de uma psicóloga. Nos 15 anos de história do ICA não foi registrado nenhum caso de gravidez durante o atendimento aos jovens;
- Quintal Cultural – Exibição de produções artísticas dos jovens do ICA e de artistas regionais, profissionais ou não, na própria sede da organização, aberto ao público;
- Trupe Sofia - Composta por alunos artistas do Carpe Diem e Ícaro, se configura um grupo de apresentação teatro-circense do ICA;
- Acorde – Banda do ICA que faz apresentações em diversos eventos da instituição e do município;
- Grupo de Dança Evolução – O grupo participa de festivais na cidade e região;
- Cia Carpe Diem – Grupo profissional de artistas ex-educandos ICA. A companhia tem aulas técnicas ministradas por educadores do Grupo Circus da Universidade Estadual de Campinas (Unicamp).

#### **5.4.6 O circo**

De acordo com as vertentes artísticas, o circo é um elemento educativo trabalhado na ONG de maneira interdisciplinar, buscando valorizar o mundo imaginário, da fantasia e do brincar por meio da experimentação. No ICA, o foco das

atividades é ir além das técnicas, buscando despertar a autonomia e a superação dos limites corporais e pessoais dos educandos.

A ONG faz parte da Rede Circo do Mundo Brasil (RCM-Br) que tem como objetivo reunir instituições e escolas de circo de todo o mundo para mudar a situação de desigualdade social por meio da arte circense. Nascida no Canadá e fomentada pela companhia canadense Cirque Du Soleil, a Rede estimula a arte-educação e a formação de profissionais, além de apoiar financeiramente os associados. No Brasil, 22 organizações fazem parte da iniciativa o que permite uma troca de experiência entre elas. No mês de julho, por exemplo, educadores do ICA foram para Pernambuco participar de um treinamento, com tudo pago pela Rede. Quando o Cirque Du Soleil, referência mundial em circo moderno, está no Brasil, os jovens atendidos podem assistir ao espetáculo de graça.

#### **5.4.7 Religiosidade**

A organização não possui cunho religioso, porém, a religiosidade e fé são temas abordados com as crianças e os adolescentes. Há dois momentos durante o ano em que isso pode ser visto: a Coroação de Maria, que, segundo a organização:

É um momento de espiritualidade em que refletimos sobre a importância de amar e ser amado. Independente da sua religião os alunos são convidados a “Olhar para dentro” e trazer para fora o que têm de mais precioso. No momento da coroação de Maria, o aluno que não se sentir à vontade em participar pode ir para outra atividade, numa postura de respeito consigo e com os demais. (Projeto Político Pedagógico do ICA, 2011, pág. 74)

E o café da manhã de Páscoa, quando os educandos e familiares são convidados a fazerem a refeição na manhã de domingo na sede da organização.

Além disso, antes do café da manhã e almoço diário são feitas orações cristãs e da fé Bahá'í – religião monoteísta que mescla os ensinamentos de várias crenças –, e há duas imagens de Nossa Senhora na sede. Segundo os diretores, a família Mazon tem origem cristã católica, porém, não impõe essa devoção aos jovens e os atende sem discriminação de crença.

#### **5.4.8 Administração**

O ICA caracteriza-se como uma organização não governamental uma vez que não recebe verba direta do governo e tampouco é uma instituição privada. A ONG

sobrevive, então, por meio de doações de pessoas físicas, parcerias com empresas municipais e ajuda financeira de projetos inscritos em editais públicos e privados.

A instituição tem um setor administrativo que controla a área financeira, fiscal, contábil e recursos humanos. Há um orçamento anual, que é elaborado ao final de cada ano para o ano seguinte. Este orçamento é monitorado mensalmente por meio de planilhas do que foi realizado e do que foi orçado e apresentado para a diretoria do ICA, juntamente com as justificativas de gastos superiores ou não. O modelo de gestão se baseia em planejamento estratégico, avaliação interna e orçamento (planejamento de projetos).

Há diversas formas de captação de recursos:

- Renúncia fiscal: lei Rouanet / Imposto de Renda (Ministério da Cultura) e ProAC-ICMS (Programa de Ação Cultural do Governo do Estado de São Paulo). O Ica possui projetos aprovados nas duas frentes para captação de recursos. Uma parte dos impostos que as empresas pagariam ao governo é destinada a projetos. Para a Lei Rouanet as pessoas jurídicas devem ter a tributação de lucro real e destinam parte do imposto de renda devido para projetos culturais aprovados pelo MinC. O aporte ocorre mais para o final de cada ano, quando as empresas calculam o valor de imposto a pagar. Nesse caso o ICA realiza um trabalho de contato, envio de material e busca de patrocinador. Em 2005 a ONG conseguiu aprovar seu primeiro projeto na Lei Rouanet o que vem seguindo até hoje. Até este ano, o ICA era a única instituição com projeto inscrito na Rouanet, de 22 instituições não governamentais que Mogi Mirim possui. No caso do Imposto sobre Circulação de Mercadorias e prestação de Serviço (ICMS), o aporte é mensal, as empresas que pagam ICMS têm um valor que pode ser revertido e destinado ao Programa de Ação Cultural. É gerado um boleto, porém também é necessário um trabalho de captação e contatos com as empresas para apresentar o projeto cultural. O projeto tem que estar aprovado e constar na lista para geração de boletos pelas empresas;
- Convênios com poder público: parcerias com Departamento de Promoção Social e Departamento de Educação da Prefeitura Municipal de Mogi Mirim, que repassam uma quantia para todas as instituições conveniadas da cidade;
- Editais: monitoramento e acompanhamento de abertura de novos editais públicos ou privados, voltados para educação, cultura, educação inclusiva e outros, onde

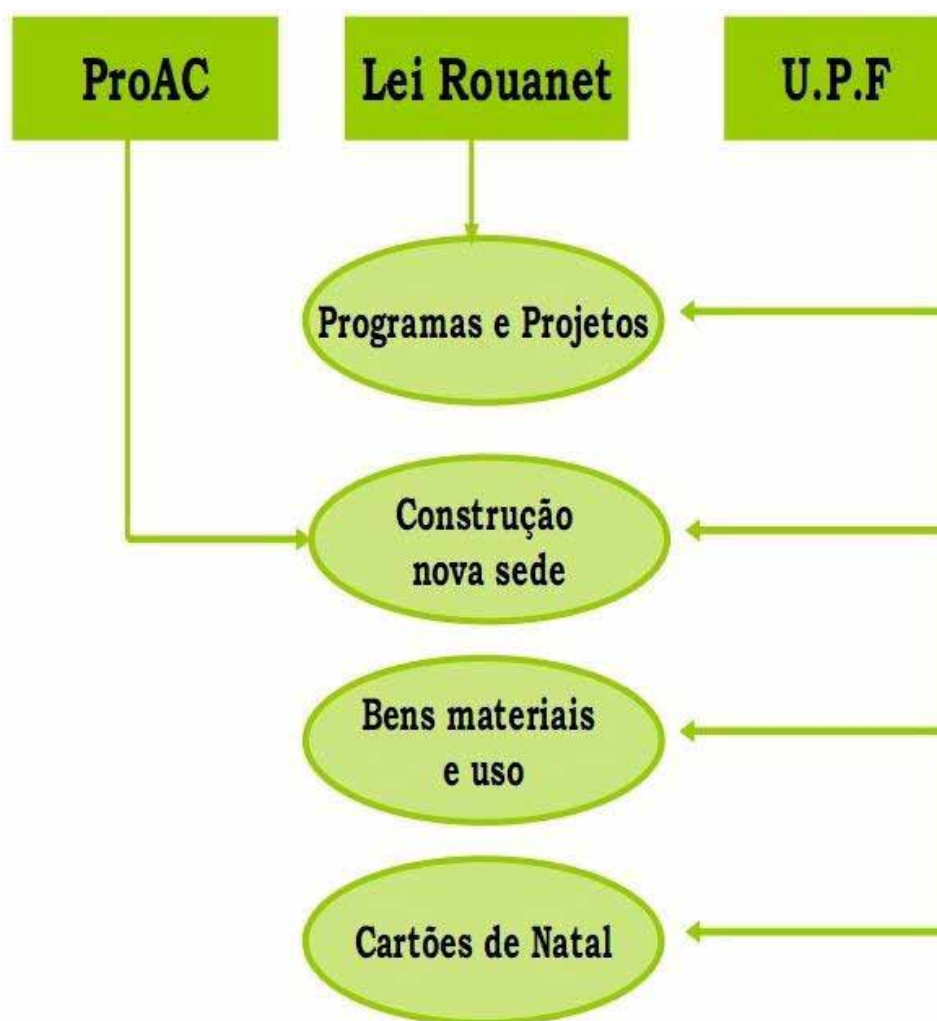
o ICA se inscreve apresentando projetos que estão sendo desenvolvidos para avaliação e premiação;

- **Parcerias com empresas da região:** o ICA busca firmar parcerias com empresas da região para a manutenção da organização, com aportes mensais para projetos que estão sendo desenvolvidos.

Os quadros a seguir ilustram as fontes de recurso e seu uso:

FONTE DE RECURSO				
FRENTE PRINCIPAL	PÚBLICA	PRIVADA	PESSOA FÍSICA	PRÓPRIO
FRENTE SECUNDÁRIA	Convênios	Editais	Campanhas	Rendimentos
	Municipal	Nacional	Contínuo	Aplicações
	Estadual	Internacional		
	Federal	Premiações		
	Renúncia Fiscal	Doações Diretas <sup>1</sup>	Pontual	Venda de Produtos e Serviços <sup>2</sup>
	Municipal - FMDCA	Contínuo - Termos de Parceria		Produtos Culturais
	Estadual - ICMS	Pontual - Doações Espontâneas		Palestras e Treinamentos
	Federal - Lei Rouanet			

Fonte: Márcia Hiromi de Oliveira, departamento administrativo do ICA



Fonte: Projeto Político Pedagógico ICA 2011



<b>Ferramentas utilizadas pelo ICA para Captação de Recursos e Gozo de Benefícios Fiscais</b>	
<b>Qualificação</b>	<b>Descrição</b>
Utilidade Pública Municipal, Estadual e Federal	Permite a dedução do valor do Imposto de Renda até o limite de 2% do lucro operacional, antes de computada a doação, conforme Lei 9.249 - inciso III do §2º do artigo 13. Nesse caso, serão beneficiadas as empresas tributadas com base no lucro real.
CEBAS (Certificado de Entidade Beneficente de Assistência Social)	Possibilita à organização social a isenção da cota patronal ao INSS e de outras contribuições sociais (CPMF, CSL, PIS, Cofins). É concedido pelo CNAS
Lei Rouanet (lei de incentivo à Cultura de âmbito federal, assinada em 23 de dezembro de 1991)	Permite para empresas de lucro real, a dedução do Valor do Imposto de Renda devido de 30% a 1000% do valor investido, desde que este não ultrapasse o limite de 4% do IR devido no ano. Já as pessoas físicas, a dedução do Imposto de Renda devido é de 60% a 100% do valor investido, desde que este não ultrapasse o limite de 6% do IR devido no ano.
FMDCA (Fundo Municipal dos Direitos da Criança e do Adolescente)	Fundo gerido pelo CMDCA - Conselho Municipal dos Direitos da Criança e do Adolescente de cada município. Para empresas de lucro real, o uso do incentivo fiscal é limitado a 1% do Imposto de Renda devido a cada ano, devendo o incentivo ser realizado através de depósito identificado na conta do Fundo Municipal de Direitos da Criança e do Adolescente. Já para pessoas físicas, o limite é de 6% do imposto de renda devido.
ProAC (Programa de Ação Cultural do Estado de São Paulo)	Programa que permite a empresa contribuintes do Imposto sobre Orientações Relativas à Circulação de Mercadorias e sobre Prestação de Serviços de Transporte Interestadual e Intermunicipal e de Comunicação – ICMS, patrocinar ações culturais com parte do ICMS a recolher, devendo esses percentuais variar de 0,01% a 3,0 %, de acordo com escalonamento por faixas de saldo devedor anual.

Fonte: Projeto Político Pedagógico ICA 2011

Para cada projeto aprovado há um orçamento que é apresentado. Somente após a aprovação que a verba é liberada. Esse orçamento é composto por despesas com recursos humanos, com pessoal de apoio e com clientela. Periodicamente a instituição deve prestar contas para os órgãos ou entidades dos recursos recebidos. O orçamento do ICA do ano de 2012 é de R\$ 999.827,00.

#### **5.4.9 Nova sede**

Desde sua fundação o ICA tem como sede um local improvisado, na verdade uma garagem emprestada pela Viação Santa Cruz. Apesar de bem localizada, no centro

da cidade, o lugar não tem infraestrutura para receber bem os educandos e desenvolver as atividades.

Com o aumento de jovens atendidos e projetos desenvolvidos, com o passar do tempo, surgiu a necessidade de a organização ter uma sede própria e que atendesse às melhor o público atendido. Nos 15 anos de história, a idealização de um espaço próprio e adequado era uma meta, que conseguiu ser alcançada em 2007. Por meio de captação de recursos e parcerias com a prefeitura municipal e empresas privadas, o ICA está prestes a inaugurar a nova casa. A área, de 4 mil m<sup>2</sup>, terá capacidade para atender os atuais 250 educandos, e não tem como objetivo aumentar o número de atendimentos diretos, e sim, desenvolver mais projetos que cheguem a todos os cantos da cidade. Segundo a coordenadora geral Maria Isabel Somme, a ideia é que a sede se torne um polo radiador. O projeto de ser um polo de irradiação de arte, educação e cultura significa estabelecer-se como centro de formação, capacitação e desenvolvimento para educadores, arte-educadores e artistas.

A ideia de polo radiador já está em prática com algumas iniciativas como o Fórum de Arte-educação que está em sua terceira edição. O evento dialoga com profissionais da educação de Mogi Mirim e região sobre os desafios que cercam a inclusão social, a educação e a cultura brasileira.

#### **5.4.10 Prêmios e reconhecimento**

O trabalho desenvolvido pelo ICA foi premiado em vários momentos desde a sua fundação. Em 2000 a organização ganhou seu primeiro prêmio de reconhecimento, o Prêmio Criança da Fundação Abrinq, tornando a Viação Santa Cruz uma empresa amiga da criança. Em 2005 e 2009, foi semifinalista regional pela Fundação Itaú Social e o Unicef, com o Prêmio Itaú-Unicef e, em 2007, como finalista nacional, ficando entre as 33 melhores organizações do Brasil, levando o primeiro lugar em 2011. Esse é o mais recente e importante prêmio da instituição. Em 2008, foi apoiado pelo Criança Esperança. Já em 2009 teve sua metodologia publicada no livro Educação 2010<sup>5</sup>, além de ter sido reconhecido como Ponto de Cultura, passando a ser uma referência nacional de promoção, incentivo e democratização da cultura e cidadania. A organização também tem apoio atualmente da BrazilFoundation e do Instituto HSBC Solidarietà.

---

<sup>5</sup> Editora Humana Editorial.



Logos dos prêmios e das instituições

### 5.5. Arte-educação

De acordo com os Parâmetros Curriculares Nacionais para Artes<sup>6</sup>:

A educação em arte propicia o desenvolvimento do pensamento artístico e da percepção estética, que caracterizam um modo próprio de ordenar e dar sentido à experiência humana: o aluno desenvolve sua sensibilidade, percepção e imaginação, tanto ao realizar formas artísticas quanto na ação de apreciar e conhecer as formas produzidas por ele e pelos colegas, pela natureza e nas diferentes culturas. (PCNA, 1997, p. 19)

Assim, é importante destacar que a arte-educação não visa à criação de um artista, nem mesmo a aprendizagem de uma técnica num dado ramo das artes, e sim o aprendizado como ciência e processo de desenvolvimento do intelecto. Significa uma educação que tenha a arte como uma das suas principais aliadas e que permita uma maior sensibilidade para com o mundo que nos rodeia.

Conforme o Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA) explana, entende-se como criança a pessoa de até doze anos de idade incompletos, e adolescentes aquela

<sup>6</sup> De acordo com o PCN, quando se trata da área curricular, grafa-se Arte; nos demais casos, arte.

entre doze e dezoito anos de idade<sup>7</sup>. De acordo com o educador José Carlos Libâneo, em seu livro *Didática* (1990), a educação é dividida em três formas:

- Formal: que acontece nas escolas;
- Informal: educação social, regras ditadas pela sociedade;
- Não formal: aquela realizada fora dos sistemas educacionais convencionais.

Assim sendo, o ICA é uma instituição que trabalha com crianças e adolescentes usando a metodologia da arte-educação para desenvolver o pensamento artístico, contribuindo para a socialização e o desenvolvimento do lúdico, configurando-se uma educação não formal.

Tendo esses pontos esclarecidos podemos aprofundar no significado de arte-educação. Com base em Robert Saunders<sup>8</sup> e Ana Mae Barbosa, Teixeira Coelho, em seu livro *Dicionário crítico de política cultural: cultura e imaginário* (1999), define a arte-educação como ciência do ensino da Arte.

O trabalho do ICA encaixa-se no ensino da Arte, pois segue as diretrizes dos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN) de 1997. Segundo o documento, a arte-educação é composta por quatro linguagens:

- Dança: expressão e comunicação humana, manifestação coletiva e produto cultural;
- Artes visuais: conhecimento, apreciação e produção de formas plásticas e visuais (desenho, pintura, colagem, escultura, gravura, modelagem, vídeo, fotografia, etc);
- Teatro: expressão e comunicação humana, produção coletiva e produto cultural;
- Música: comunicação e expressão em música, por meio de interpretação, improvisação e composição; apreciação significativa e produto cultural.

O acesso aos bens culturais e o direito de crianças e de adolescentes de se expressarem com liberdade estão previstos no ECA, porém, somente em 1971 pela Reforma Educacional que resultou na Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB), a disciplina se tornou obrigatória nos diversos níveis da Educação Básica, de forma a promover o desenvolvimento cultural dos alunos. Antes, a Arte era ensinada de maneira tecnicista.

---

<sup>7</sup> Artigo 2º, do título I.

<sup>8</sup> Arte-educador norte-americano.

Uma das principais discussões a respeito da arte-educação é a dicotomia entre produto e processo. A arte é produto e é processo. Processo é o desenvolvimento criativo e produto é o objeto, apresentação em si. Ou seja, o ensino da disciplina não pode resultar somente em produtos, ficando restrito às atividades festivas do ano, por exemplo, e tampouco pode ser somente processo lúdico. É necessária a convergência das duas frentes para que o ensino seja completo. O contato com a arte, tanto de forma criativa, quanto de forma plástica, fortalece a autoestima, além de desenvolver a capacidade cognitiva, servindo como uma mediadora na inclusão social das crianças e dos jovens.

De acordo com a professora doutora Maria do Carmo Kobayashi, da Faculdade de Ciências da Unesp, o ensino da Arte contribui para a socialização de crianças e adolescentes, uma vez que desenvolve a criatividade dos jovens: “A criatividade não é um dom, ela é alimentada pelos processos de criação artística. Aí entra a fantasia e a ludicidade. O brincar, jogar, ler e ouvir histórias e a produção artística, trabalha com o mundo da imaginação. Uma criança que não tem isso alimentado, não é uma pessoa criativa e inventiva”, afirma.

A mediação se personifica no arte-educador, que não precisa ser, necessariamente, aquele professor formado em Educação Artística. O profissional de arte-educação é todo aquele professor que trabalha com arte em sua prática pedagógica, logrando o bom desenvolvimento artístico do público atendido.

O Brasil tem como ícone da arte-educação a educadora Ana Mae Barbosa, pioneira do estudo da metodologia no país e primeira estudiosa brasileira a ter um doutorado em arte-educação em 1977, pela Universidade de Boston, Estados Unidos. Barbosa rompeu com a metodologia antiga de ensino da arte e desenvolveu uma abordagem triangular baseada em ler, refletir e fazer, relacionados – contextualização histórica, apreciação artística e fazer artístico. Sua maior defesa é a de que a arte é uma linguagem que amplia a percepção do mundo, sendo uma aliada no ensino de outras disciplinas. Atualmente, diversos educadores também se destacam no ensino da arte-educação, geralmente, discípulos de Ana Mae Barbosa.

Barbosa começou seus estudos em arte inspirada no educador Paulo Freire. Ambos viviam em Recife, Pernambuco. Consagrado educador e filósofo brasileiro, Freire revolucionou a pedagogia desenvolvendo a ideia de que ninguém aprende sozinho e ninguém ensina nada a ninguém, e sim que aprendemos um com os outros

mediatizados pelo mundo. Freire também foi um atuante defensor da valorização da cultura popular.

### 5.5.1 Histórico de ensino de Arte no Brasil

Em seu livro *Arte-educação no Brasil*, escrito em 1978, Ana Mae cita o pensador Amoroso Lima para descrever a situação do ensino da arte no Brasil:

Apesar da afirmação de Alceu Amoroso Lima de que o “brasileiro tem uma tendência natural muito maior para as artes do que para as ciências, para a imaginação do que para a observação”<sup>9</sup>, o ensino artístico no Brasil só agora, e muito lentamente, se vem libertando de acirrado preconceito com o qual a cultura brasileira o cercou durante quase 150 anos que sucederam à sua implantação. (BARBOSA, 2002, p. 15)

Realmente, o ensino da Arte passou por várias mudanças em sua história no país.

Com a vinda da família Real para o Brasil em 1808, vieram também muitas mudanças para a, até então, colônia portuguesa. Uma dessas renovações foi o início do ensino da arte, que antes resumia ao ensino de geometria a poucos favorecidos de classes sociais altas. O século XIX foi marcado pela criação da primeira instituição de ensino superior a ter um curso de artes, a Academia Imperial de Belas-Artes, criada em 1816, mas que só começou a funcionar em 1826.

Inspirado nos ideais neoclássicos, buscando a conservação do poder, D. João trouxe para o Brasil importantes artistas e professores franceses como os famosos Joachim Lebreton, Jean-Baptiste Debret e Nicolas Antoine Taunay, principais responsáveis pela retratação do país dessa época. Em seus ensinamentos, os estrangeiros substituíram a tradição regional barroco-rococó da época, pelo estilo neoclássico, agradando à burguesia. Com isso, perde-se o começo da identidade artística brasileira, substituída pelo modelo importado. Na ocasião, os artistas regionais eram vistos como simples artesãos e não artistas. O relato de Ana Mae Barbosa explana sobre o tema:

Afastando-se a arte do contacto popular, reservando-a para *the happy few* e os talentosos, concorria-se, assim, para alimentar um dos preconceitos contra a arte até hoje acentuada em nossa sociedade, a ideia de arte como uma atividade supérflua, um babado, um acessório da cultura. (BARBOSA, 2002, p. 20, grifo da autora)

As raízes dos ensinamentos jesuíticos fincados na população brasileira de que os trabalhos manuais eram menos importantes que os com as letras, como poetas, foi mais

---

<sup>9</sup> LIMA, Alceu Amoroso. Introdução à literatura brasileira. Rio de Janeiro: Agir, 1956, p.101.

um fator que contribuiu para o preconceito com as artes. Os jesuítas ligavam os ofícios manuais aos escravos e indígenas, concluindo, assim, que não tinham valor artístico.

Para contornar essa mentalidade, a arte passou a ser vista como um instrumento para a modernização e não uma atividade com importância particular. Com influências europeias, o que a Corte Real buscava era modernizar a colônia, ao menos nos anos em que estivesse ali.

O ensino da arte pode ser dividido em quatro principais fases:

- Virada Industrial (anos 1870 – 1890)

No final do século, começou-se a difundir a ideia de artes aplicadas à indústria e ligadas à técnica. Assim, o ensino da arte começou a ser valorizado como meio de redenção econômica do país, buscando qualificar mão de obra. Nessa mesma época iniciou-se o ensino da arte na escola primária e secundária, porém, se resumia ao ensino do desenho, mais como uma ramificação da escrita do que uma arte plástica.

Ruy Barbosa foi o principal entusiasta da implementação da arte nas escolas devido aos seus ideais liberais, baseado no exemplo dos Estados Unidos. O país usou de técnicas artísticas industriais para o progresso econômico, o que influenciou o Brasil por muitos anos.

Em 1890 ocorre a primeira reforma educacional republicana denominada Reforma Benjamim Constant. Constant era um professor positivista e seus ideais foram amplamente implementados nas bases educacionais. A arte, então, era considerada um poderoso veículo para o desenvolvimento do raciocínio desde que ensinada por meio do método positivo. Mesmo com esse avanço nas políticas educacionais, o ensino da arte recebeu pouco destaque, tendo mais importância o ensino de ciências. O ensino da arte era visto como preparatório para o ensino das ciências. Baseado na cópia, essa época foi o auge do ensino da geometria, justificada como ferramenta para o desenvolvimento do raciocínio. Havia falta de professores capacitados e o ensino da arte vivia um paradoxo: a visão liberalista de Ruy Barbosa, com uma metodologia romântica, e o positivismo, com uma metodologia realista.

- Virada Modernista (anos 1920 – 1970)

Mesmo com diversas reformas educacionais depois, os ensinamentos de desenho e geometria foram se aproximando, tornando o ensino da arte ainda mais tecnicista visando à aprovação em exames de admissão no “ginásio” e na universidade. A

preocupação era somente com o nível superior, buscando ensinar a arte como uma ferramenta para os estudos superiores.

Na primeira metade do século XX, as disciplinas Desenho, Trabalhos manuais, Música e Canto orfeônico faziam parte do ensino das escolas primárias e secundárias. Valorizavam-se as habilidades manuais, demonstrando uma visão utilitarista e imediatista da arte. O professor tinha o papel de transmitir aos alunos os códigos, conceitos e categorias, tendo o foco em reprodução de modelos.

A Primeira Guerra Mundial acelerou o processo brasileiro de industrialização, valorizando as escolas profissionais, voltando o desenho a ser visto como tecnicista.

Estava preparado o longo caminho percorrido desde as influências do liberalismo, procedentes do século XIX, até as primeiras manifestações da Arte Moderna, em 1922, para que no Brasil fosse possível, sobretudo após a Segunda Guerra Mundial, sob a influência de Bauhaus<sup>10</sup>, o desdobramento dialético das tensões entre o Desenho como Arte e o Desenho como Técnica, entre a expressão do eu e a expressão dos materiais. (BARBOSA, 2002, p. 115)

Entre os anos 20 e 70, as escolas brasileiras viveram uma forte experiência no ensino da arte, sustentada pela estética modernista e com base na tendência escolanovista<sup>11</sup>. O ensino da Arte foca no desenvolvimento natural da criança. As práticas pedagógicas, antes direcionadas para a repetição de modelos, são redimensionadas, investindo no processo de desenvolvimento do aluno e sua criação.

Os artistas participantes da Semana de Arte Moderna de 1922, em São Paulo, influenciados pelo expressionismo, futurismo e dadaísmo, promovem essa relação de desenvolvimento pessoal, fugindo da reprodução de modelos.

O estado de São Paulo se destacou no ramo da educação da arte com a inserção da pedagogia e psicologia no estudo do desenho. O estado recebeu diversos imigrantes norte-americanos que viam a arte do desenho como elemento informativo de natureza psicológica do ser. Diversas escolas na capital e em cidades do interior se destacaram pela metodologia utilizada de incentivo à criatividade e processo artísticos dos alunos.

No final dos anos 60 e a década de 70 nota-se uma tentativa de aproximação entre as manifestações artísticas ocorridas dentro e fora da escola, como os festivais de canções e teatro. Os anos 70 foram marcados mundialmente pela revolução de ideias de diversas áreas, como psicologia e comunicação, baseada em ideais de pensadores da

---

<sup>10</sup> Escola alemã que rompeu com o ensino tradicional da arte.

<sup>11</sup> Movimento europeu e norte-americano de renovação do ensino que chegou ao Brasil por Ruy Barbosa.



época. Na área artística pode-se citar Herbert Read<sup>12</sup>. O pesquisador apresenta concepções sobre o pensamento criativo e a imaginação infantil. É uma constante em seus estudos a defesa da ideia de espontaneidade e livre-expressão na atividade artística da criança.

No Brasil, o marco é o ano de 1971, quando é criada a Lei de Diretrizes e Bases (LDB) da Educação Nacional, um avanço para o sistema educacional. No documento a arte é incluída no currículo escolar como Educação Artística, mas é considerada uma atividade educativa e não uma disciplina. Porém, o ensino da Arte não era consistente e faltava especialização dos professores para ministrar a atividade. Os professores de Arte passam a atuar em todas as áreas artísticas, independente de sua formação.

- Virada Pós-modernismo (anos 1980 – 1990)

Na década de 80 nasce o movimento arte-educação, inicialmente com a finalidade de conscientizar e organizar os professores de Arte, tanto da educação formal como da não formal. Em 1988 com a promulgação da Constituição, houve a discussão sobre a necessidade de uma nova Lei de Diretrizes e Bases, que seria sancionada em 1996. Nessa LDB ficou decidido que o ensino da Arte é obrigatório na educação básica. São características dessa nova base curricular a mudança da identificação da área por Arte e não mais por Educação Artística, e de incluí-la no currículo escolar como área e não apenas como atividade.

Também se inicia o debate do conceito de educação como mediação. De acordo com Ana Mae, no século XX o conceito de educação como ensino dá lugar a ideias socioconstrutivas, atribuindo ao professor o papel de mediar as relações dos alunos com o mundo, por meio do conhecimento. Nesse contexto o papel da arte-educação é ser mediadora entre a arte e o público.

- Virada Educacional dos artistas (anos 2000)

Momento atual da arte-educação, marcado pela migração de artistas para as salas de aulas, principalmente, das universidades. O exploratório e o incentivo ao desenvolvimento artístico autônomo do educando é enfatizado, ainda que muitas heranças dos modelos antigos ainda perpetuem.

Ana Mae cita em seu livro sobre a importância do ensino da arte para a percepção de mundo, contribuindo assim para as diversas áreas educacionais:

---

<sup>12</sup> Crítico inglês de arte e de literatura.

A arte, como uma linguagem aguçadora dos sentidos, transmite significados que não podem ser transmitidos por nenhum outro tipo de linguagem, como a discursiva e a científica. O descompromisso da arte com a rigidez dos julgamentos que se limitam a decidir o que é certo e o que é errado estimula o comportamento exploratório, válvula propulsora do desejo de aprendizagem. Por meio da arte, é possível desenvolver a percepção e a imaginação para apreender a realidade do meio ambiente, desenvolver a capacidade crítica, permitindo analisar a realidade percebida e desenvolver a criatividade de maneira a mudar a realidade que foi analisada. (BARBOSA, 2002, p. 21)

### 5.5.2 Arte-educação em ONGs

Por mais que o direito de crianças e adolescentes se expressarem com liberdade e terem acesso aos bens culturais esteja previsto no Estatuto da Criança e Adolescente (ECA)<sup>13</sup>, a maioria desse público com baixa renda social é privada dessa oportunidade, a não ser as apresentações divulgadas pelos meios de comunicação de massa.

O sistema educacional oficial do Estado brasileiro, devido ao seu tratamento homogêneo da população, não consegue abranger todos seus usuários, acabando por excluir quem esteja marginalizado da sociedade, seja por questões econômicas, culturais ou de moradia. Esse cenário é um dos motivos da sociedade civil se articular e formar organizações não governamentais voltadas para a promoção dos direitos das crianças e dos adolescentes, trabalhando com a dificuldade de aprendizagem e a socialização.

Barbosa afirma que a área de mediação cultural e social está começando a se consolidar teoricamente no Brasil. Ela cita a tese de Lívia Marques<sup>14</sup> como exemplo dos projetos sociais de educação que vêm desempenhando um trabalho bem sucedido despertando a consciência e identidade cultural dos educandos por meio da arte.

No Brasil, todas as organizações não governamentais (ONGs) que têm obtido sucesso na educação dos excluídos, esquecidos ou desprivilegiados da sociedade estão trabalhando com arte e até vêm ensinando às escolas formais a lição da arte como caminho para recuperar o que há de humano no ser humano. (BARBOSA, 2009, p. 21)

De acordo com o artigo “Reflexões sobre o ensino da arte no âmbito de ONGs”, da arte-educadora Lívia Marques de Carvalho, o trabalho dessas instituições no Brasil tem recebido, nos últimos anos, uma visibilidade nunca antes recebida. Muitas dessas ONGs usam da metodologia da arte-educação para desenvolverem seu trabalho com os jovens atendidos.

<sup>13</sup> Artigo 58, do capítulo IV.

<sup>14</sup> *O ensino de artes em ONGs: tecendo a reconstrução pessoal*. São Paulo, 2005. Tese (Doutorado) – ECA – SP.

Carvalho analisou em seu artigo três organizações da região Nordeste do país (João Pessoa – PB, Natal – RN e Recife – PE) que trabalham com o ensino da arte e que têm como público crianças e adolescentes em situação de risco social. Apesar da distância geográfica, as ONGs pesquisadas têm muito em comum com o ICA, a começar pelo público atendido. Outra semelhança foi o apontamento dos arte-educadores do ensino da arte-educação como meio de fortalecer a autoestima, desenvolver a capacidade cognitiva, socializar o acesso aos bens culturais, desenvolver habilidades e competências em modalidades artísticas, favorecer a obtenção de atitudes positivas e possibilitar a inserção no mercado de trabalho. Também o trabalho em grupo contribui para o protagonismo dos educandos, um dos pilares trabalho pelo ICA. Em geral, tanto as organizações nordestinas quanto o ICA afirmam que as referências estéticas proporcionadas pelo contato com a arte favorecem a compreensão do mundo, permitindo ao jovem refletir e se posicionar criticamente diante dele. O ICA se diferencia somente na questão de atividades artísticas desenvolvidas, pois possui o circo, enquanto as demais focam no ensino de música, teatro, dança e artes plásticas.

A pesquisadora aponta um detalhe muito interessante. Observou-se que as atividades realizadas coletivamente, como bandas, dança e teatro, têm mais chance de receber apoio financeiro, uma vez que geram um produto capaz de ser divulgado, havendo uma maior interação social com o público, em comparação com as artes visuais. Essa ação desperta o interesse de agências financiadoras, públicas ou privadas, pois lhe rendem marketing social. “Para as ONGs aparecer também é muito importante. As de maior visibilidade são as que têm mais chances de receber apoio das agências financeiras, uma vez que muitas preferem investir naquelas que já são referência.” (CARVALHO, 2005).

Claramente que esse não é o único motivo do trabalho desenvolvido, já que a questão pedagógica é a base das apresentações.

A autora conclui que as atividades artísticas desenvolvidas com esses jovens permitem ainda que eles expressem seus sentimentos, brinquem e fantasiem, ou seja, agucem o lúdico. Ela também frisa a importância de empregar uma pedagogia como a arte-educação que possui a força de interferir no plano da autoimagem e da autoestima do público atendido, tendo em mente as situações de marginalização dos jovens.

A divergência entre o ensino da Arte como processo de aprendizagem e como produto final também foi notada nas ONGs. Para as organizações é importante a mostra

do trabalho desenvolvido, para motivar os educandos e prestar contas à comunidade, porém, os educadores não podem se deixar repreender pela ideia de que os trabalhos por eles desenvolvidos sejam somente para eventos comemorativos. Carvalho aponta, então, a necessidade de se formarem educadores abertos à diversidade do mercado de trabalho, hábitos a ensinar os educandos a atuar em espaços especiais e não somente nas escolas regulares, já que o Terceiro Setor vem crescendo a cada dia.

### 5.6. Terceiro Setor

ONG, instituição, organização, entidade. São muitas as nomenclaturas que definem a iniciativa espontânea de determinados cidadãos de suprir alguma necessidade da comunidade no campo das políticas sociais. Porém, se buscado a precisão terminológica, é possível ver que essas denominações, apesar de frequentemente serem usadas para um mesmo objetivo, podem significar coisas diferentes dentro do que é chamado Terceiro Setor.

Segundo Simone de Castro Tavares Coelho, em seu livro *Terceiro Setor: Um estudo comparado entre Brasil e Estados Unidos* (2000), o termo foi utilizado pela primeira vez por pesquisadores nos Estados Unidos (tradução de *third sector*) na década de 70 e a partir dos anos 80 passou a ser usado no resto do mundo. Sem ser um ramo do governo ou de empresas, mas que ao mesmo tempo pode receber apoio e incentivo desses setores, as organizações buscam um desenvolvimento social sustentável suprimindo, na maioria das vezes, um interesse público em comum, mas que também pode ser particular. O mapeamento é complexo, pois não há uma única definição.

Numa definição mais simplista, diria que se trata de todas aquelas instituições sem fins lucrativos que, a partir do âmbito privado, perseguem propósitos de interesse público. Mas aqui terminam as semelhanças. Ao tentar entender o que é esse setor, e qual é o seu papel, as diferenças são enormes. (THOMPSON, 1997, p. 41)

Trata-se de instituições não governamentais e sem fins lucrativos, que, no entanto, são organizadas e independentes. Denomina-se Terceiro Setor justamente por não configurar ser do Primeiro – governo – nem do Segundo Setor – privado -, e sim, uma mescla dos dois. Muitas vezes, buscam suprir as políticas sociais públicas referentes às funções do Estado de produzir, instituir e distribuir bens e serviços sociais de direitos do cidadão, como educação e saúde.

Sob o impacto de um Estado que vem diminuindo sua ação social e de uma sociedade com necessidades cada vez maiores, cresce a consciência nas pessoas – tanto físicas quanto jurídicas – de que é necessário posicionar-se pró-ativamente no espaço público, se o que se deseja é um desenvolvimento social sustentado. (IOSCHPE, 1997, p.II)

Mas o que é política social? José Rogério Lopes, em seu artigo “Terceiro Setor: a organização das políticas sociais e a nova esfera pública” (2004, p. 58), cita a definição de Pereira<sup>15</sup> sobre o tema:

Quando falamos de política social, estamos nos referindo àquelas funções modernas do Estado capitalista – imbricado à sociedade – de produzir, instituir e distribuir bens e serviços sociais categorizados como direitos de cidadania. Trata-se, portanto, de política associada a um padrão de organização social e política que, desde os fins do século XIX e, mais precisamente, depois da Segunda Guerra Mundial, foi distanciando-se dos parâmetros do *laissez-faire* e do legado das velhas leis contra a pobreza [...] para transformar-se num esquema de proteção social que incumbe ao Estado decisiva responsabilidade pelo bem-estar dos cidadãos. [...] [e] uma expressiva atividade regulamentadora [que visa] a garantia de acesso do cidadão comum a benefícios e serviços de natureza pública.

Lopes expõe um ponto interessante: não deveriam existir políticas sociais se o desenvolvimento de um país atingisse a todos. Assim, como o desenvolvimento feroz do capitalismo gera desigualdades, o papel do Estado em fornecer bem-estar social é tentar suprir essa disparidade. Porém, quando um governo, seja ele federal ou municipal, dá enfoque em políticas públicas, é acusado de agir contra o desenvolvimento. Mais um tema complexo na contextualização da assistência social.

O assunto se torna ainda mais delicado quando levado em consideração a existência de organizações que trabalham visando interesses particulares e privados.

Ocorre que esta esfera não é tão pública como parece, à primeira vista, visto que as ONGs se articulam em torno de interesses públicos, mas regularmente se constituem em uma esfera privada, visando gerir necessidades públicas específicas ou atuar sobre elas utilizando recursos advindos geralmente da fonte pública. (LOPES, 2004, p.60)

Assim, é fundamental que haja um controle e avaliação das ações de cada organização, para que se confirme se os trabalhos desenvolvidos realmente atendem às necessidades públicas ou se reproduzem demandas de grupos restritos que buscam a defesa de seus interesses, com captação de recursos públicos. Só é possível dizer que

---

<sup>15</sup> PEREIRA, P.A.P. A política social no contexto da seguridade social e do *Welfare State*: a particularidade da assistência social. *Serviço Social & Sociedade*, São Paulo, Cortez, n. 56, p. 60-76, 1998.

uma organização tem fins públicos quando produz bens ou serviços de interesse geral da sociedade.

Rubem César Fernandes, em seu livro *Privado porém público* (1994, p. 21) elabora um esquema didático para explicar a relação entre público e privado:

AGENTES		FINS	SETOR
privados	para	privados =	mercado
públicos	para	públicos =	Estado
<b>privados</b>	<b>para</b>	<b>públicos</b> =	<b>terceiro setor</b>
públicos	para	privados =	(corrupção)

Fernandes destaca ainda que, por serem organizações sem fins lucrativos, eventuais benefícios não podem gerar um patrimônio particular, devendo ser investido na própria estrutura da organização.

Diferentemente das outras intervenções sociais, o Terceiro Setor busca intervir de forma democrática, contribuindo para o desenvolvimento de cidadania e de autonomia. “Se a intervenção é assistencialista, cria dependência; se é autoritária, cria a baixa-autoestima; se é clientelista, cria uma cultura de adesão.” (TORO, 1997, p. 36).

Tendo como principal referência a política social dos Estados Unidos, o Terceiro Setor no Brasil, bem como em toda a América Latina, se depara com uma grande diferença em relação ao outro país: nos Estados Unidos a democracia não necessita ser refundada. Já por aqui, a luta no Terceiro Setor começou com o direito à democracia para, depois, exigir políticas públicas.

No entanto, não é tão simples. O Terceiro Setor nasceu timidamente, mas tomou uma proporção nunca antes imaginada. O setor atinge hoje diversas áreas e não há parâmetros claros para defini-lo.

A iniciativa é marcada pelo trabalho voluntário, o qual existe até hoje, porém, com a profissionalização do setor, também é possível trabalhar de forma remunerada. Com o passar dos anos, o trabalho desses grupos foram se aprimorando. O Terceiro Setor brasileiro veio ampliando seu espaço de atuação, em função das próprias demandas sociais da população.

O Terceiro Setor no Brasil há anos não é visto como um trabalho amador. Passou por diferentes legislações, conquistou leis próprias e o surgimento de prêmios de qualidade e eficiência, que geralmente concedem recursos financeiros, mostrou-se como um importante incentivador da profissionalização do setor.

Hoje há organizações que congregam as diversas organizações nacionais e internacionais, como a Associação Brasileira de ONGs (Abong) e a Asociación Latinoamericana de Organizaciones de Promoción al Desarrollo (ALOP). Além disso, encontros internacionais são recorrentes e existem centros de estudos e divulgação especializados no setor, como a Revista Eletrônica do Terceiro Setor (Rets), a Rede de Informações para o Terceiro Setor (Rits), a Escola Brasileira de Administração Pública e de Empresas da Fundação Getúlio Vargas (EBAPE/FGV) e o Centro de Estudos do Terceiro Setor (Cets) da Fundação Getulio Vargas (FGV).

### **5.6.1 Histórico do Terceiro Setor**

O setor tem como referência os trabalhos desenvolvidos nos Estados Unidos. Com o poder descentralizado e a forte tradição associativista dos norte-americanos, criou-se uma cultura incentivando e valorizando o trabalho voluntário, fundamentais para as ONGs e demais instituições.

A origem desse movimento no Brasil data do século XVI quando grupos religiosos portugueses se uniam para oferecer gratuitamente assistência à população carente. Assim nasceu as Casas de Misericórdia ou as Santa Casas. Os princípios iniciais eram filantrópicos, com visão assistencialista e de caridade religiosa. Esse cenário durou até o final do século XIX. De maneira parecida, foi em outras partes do mundo. “A noção de caridade, incentivada por quase todas as religiões, está fortemente relacionada a esse tipo de atividade” (COELHO, 2000, p.69).

No século XX há uma maior atuação estatal nas questões sociais. Na Constituição de 1934, o Brasil assume o modelo de Estado social e põe em prática políticas públicas (focado em saúde e educação e quase que exclusivamente nas áreas urbanas). Nas décadas de 20 e 30, com a industrialização e a urbanização, há um acirramento dos problemas socioeconômicos da população.

O trabalho não governamental ganha impulso nos anos 70 e acelera a partir dos anos 80 até a atualidade. Com o passar do tempo e o desenvolvimento do Terceiro Setor pode-se perceber que os movimentos sociais, associações civis e ONGs estiveram intimamente associados, reforçando-se mutuamente, enquanto quase não se relacionaram com as formas tradicionais de ajuda mútua (vizinhanças, coleguismo, etc) e a filantropia empresarial.

Os anos 70 foram marcados pela resistência política, favoreceram a entrada de recursos organizações internacionais, como a Fundação Rockefeller<sup>16</sup> e agências de cooperação como Banco Mundial e Unicef. Já na década de 80 com a queda da ditadura, há a atuação mais ampla da Constituição de 1988 e o Terceiro Setor ganha importância com a introdução de novos direitos civis e socioeconômicos.

Coelho (2000) afirma que, até 1994, nenhum órgão brasileiro sabia quais e quantas eram as organizações não governamentais existentes no Brasil. Até que nesse ano foi necessário fazer um levantamento para cumprir uma cláusula contratual imposto pelo Banco Mundial para repasse de verba ao ensino básico na região metropolitana de São Paulo.

A própria necessidade da pesquisa é um indicador suficiente de que, apesar da superexposição do tema na mídia, a extensão, a profundidade e a diversidade do campo no país eram pouco conhecidas. Ao mesmo tempo, a exigência do Banco Mundial, que cumpria uma determinação geral de sua política de investimento, induzia os governos a prestarem mais atenção a essas entidades e a buscar sua parceria – e refletia, assim, um movimento mundial de estreitamento das relações entre o setor público e esse conjunto de organizações. (COELHO, 2000, p.18-19)

É a partir da década de 90 que se delineou o atual panorama nacional, inspirando-se principalmente nas organizações dos Estados Unidos.

“Comunidade” e “movimentos sociais” nos anos 70, sob a pressão dos regimes autoritários; “cidadania” e “sociedade civil”, com os processos de democratização da década de 80; “sem fins lucrativos e não governamental”, com suas múltiplas e inumeráveis expressões, nos últimos anos. [...] Pensar “terceiro setor” significa reunir sob uma mesma classe conceitual atividades tão distintas que, no passado, costumavam ser vistas como contraditórias ou mesmo antagônicas. (FERNANDES, 1994, p.32)

A criação da Abong; o surgimento de frentes específicas para os estudos tendo como objetivo fortalecer as organizações, formar especialistas e disseminar conhecimento; maior projeção na mídia e introdução do setor empresarial por meio de doações e recursos, são alguns dos principais avanços do Terceiro Setor devido à expansão e diversificação das organizações. Em 1999 criou-se o Instituto Ethos, que reúne empresas com responsabilidade e cidadania empresarial. É dessa época o surgimento de prêmios de qualidade e eficiência.

---

<sup>16</sup> Fundada em 1913 com sede nos Estados Unidos, visa ajudar instituições em vários países do mundo.

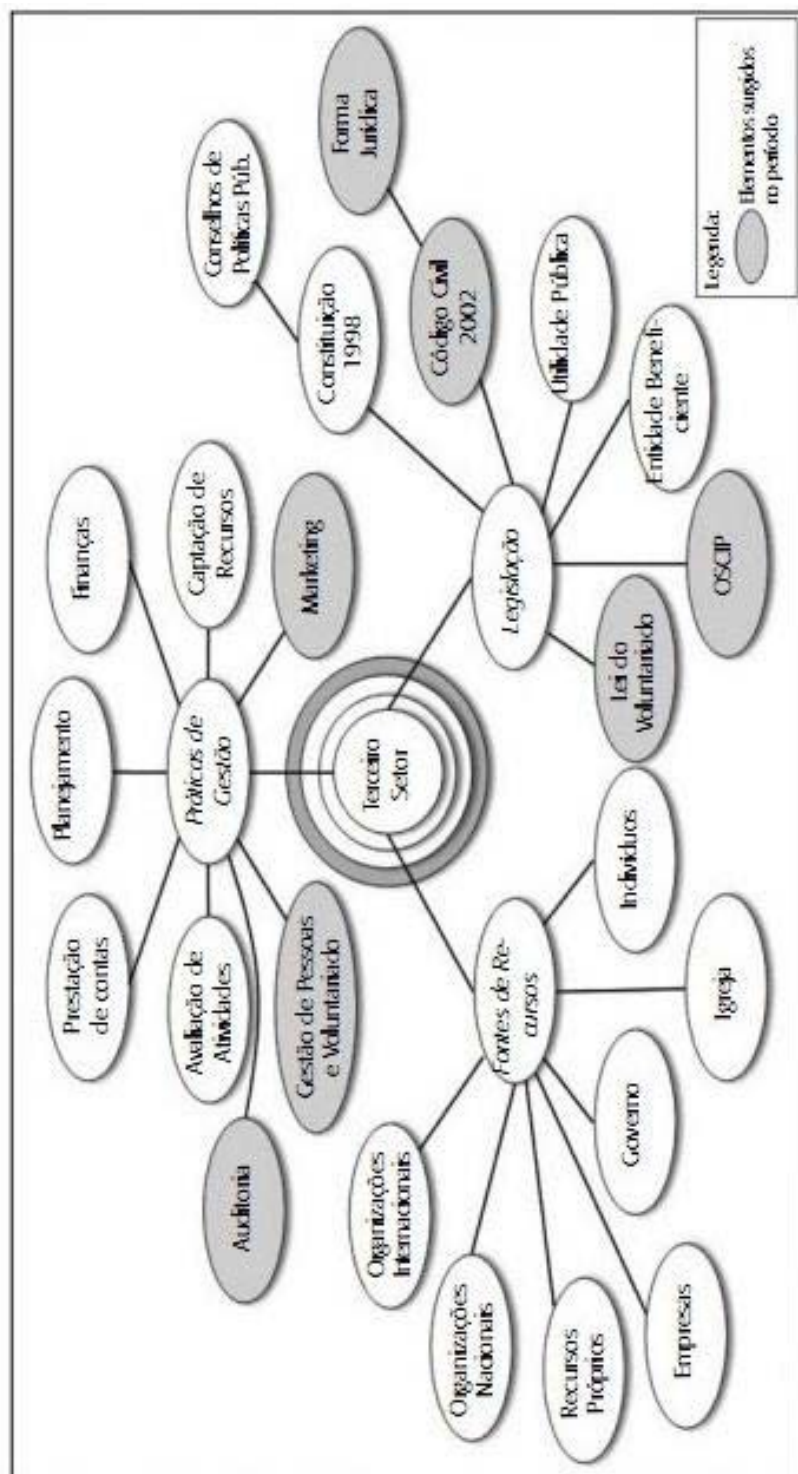


Particularmente, o surgimento de prêmios de qualidade e eficiência, que na sua maioria concedem recursos financeiros às organizações premiadas, mostrou-se também importante fator indutor da profissionalização do setor. Entre esses, destacam-se pelo pioneirismo o prêmio ECO (Amcham), Bem Eficiente (Kanitz e Associados), Empreendedor Social (Ashoka & Mckinsey), Tecnologia Social (Fundação Banco do Brasil) e o Prêmio Itaú-Unicef, que remete ao nome de seus instituidores. (SILVA, 2010, p.1314)

A legislação sofreu diversas alterações nas últimas décadas. Atualmente as principais regulamentações encontram-se na Lei do Voluntariado (9.608/1998), que reforça a tendência de profissionalização do setor; a Lei das Oscips – Organização da Sociedade Civil de Interesse Público (9.790/1999), a mais completa que trata de diversos aspectos do Terceiro Setor, como estatutos, captação de recursos e transparência, e o atual Código Civil (10.406/2002) que estabeleceu as associações e fundações como formas jurídicas.

O esquema a seguir demonstra a atual situação do Terceiro Setor no Brasil:

## Configuração do terceiro setor no início do século XXI



Fonte: Gestão, legislação e fontes de recursos no terceiro setor brasileiro: uma perspectiva histórica, de Carlos Eduardo Guerra Silva (2010)

### 5.6.2 ONGs

A expressão “organizações não governamentais” – ONGs – tem sua origem na nomenclatura do sistema de representações das Nações Unidas, que assim chamou as organizações internacionais, que, mesmo não representando governos, eram significativas o bastante para estarem presentes nas conferências da ONU. Na América Latina o termo foi introduzido pelas agências internacionais e se tornou popular após o ECO 92<sup>17</sup>

As ONGs compõem apenas um dos termos presentes na nova esfera pública do Terceiro Setor. “Tenho a convicção de que o conceito de Terceiro Setor descreve um espaço de participação e experimentação de novos modos de pensar e agir sobre a realidade social.” (CARDOSO, 1997, p.8).

O fato de essas instituições prestarem algum serviço público não é suficiente para caracterizá-las, já que existem diversas iniciativas que apresentam o mesmo trabalho e fazem parte de outros órgãos. Assim, essa característica deve sempre vir associada a outras duas principais: serem privadas, o que as difere das instituições governamentais; e sem fins lucrativos, o que as diferencia das empresas. Há alguns outros pontos, como serem estruturadas, autogovernadas e haver trabalho voluntário. Assim sendo, o ICA se encaixa nesse âmbito.

Em suma, o trabalho das ONGs se relaciona com o Estado para a gestão das políticas públicas, isso claro, em casos de organizações que desenvolvem trabalhos visando à cidadania e não o assistencialismo. “As instituições resultantes deste gênero de atividade incorporam a necessidade da autoprodução e passam a funcionar com os cacoetes característicos das operações. Formam um mercado de trabalho específico”. (FERNANDES, 1994, p. 24).

As ONGs na América Latina surgiram num contexto de regimes militares, tendo como objetivo manter espaços de ação cidadã e da defesa da democracia. Assim, tinham um caráter transitório, devido ao momento histórico.

Nos anos 80, com a mudança do cenário político-econômico, começam a mudar, também, as instituições e a visão sobre elas. “Ganha peso uma percepção funcional em lugar de uma percepção político-ideológica” (THOMPSON, 1997, p. 41).

Na América Latina, cerca de 68% das ONGs surgiram depois de 1975.

---

<sup>17</sup> Conferência das Nações Unidas sobre o Meio Ambiente e o Desenvolvimento que ocorreu no Rio de Janeiro em 1992.

Carlos Eduardo Guerra Silva em seu artigo *Gestão, legislação e fontes de recursos no terceiro setor brasileiro: uma perspectiva histórica* (2010) cita a pesquisa *As fundações privadas e associações sem fins lucrativos no Brasil (Fasfil)*, desenvolvida pelo IBGE<sup>18</sup> em 2008, que apontou a existência de 338 mil organizações em 2005 no país. O número era de 44 mil na década de 80. Esse resultado, porém, não pode ser considerado exato, já que o controle da existência de ONGs é algo de difícil estimativa, por muitas trabalharem de maneira informal.

Podem-se notar algumas semelhanças com os movimentos sociais, já que ambas são não governamentais, sem fins lucrativos, autônomas e envolve trabalho voluntário. Porém, ao contrário das ONGs, os movimentos não possuem uma estrutura formal feita para serem sustentáveis no tempo. Movimentos sociais são esporádicos e contextuais.

A captação de recursos é um dos pontos mais complexos da gestão de uma instituição. As ONGs são independentes em sua administração, porém, muitas vezes, precisam do apoio financeiro externo, seja público ou privado. Por isso, é fundamental a transparência nos projetos desenvolvidos. Os editais de fundações privadas e leis públicas são formas de conseguir manter a instituição. Como as leis de incentivo, caso da Lei Rouanet (8313/91) que permite que empresas deduzam os tributos fiscais, sendo 4% do imposto devido para pessoas jurídicas e 6% para pessoas físicas. Em 2009, 2744 projetos receberam o apoio da Rouanet. Outro destaque é a ProAc (lei 12.268) na qual contribuintes do ICMS podem destinar parte do valor do imposto à recolher, variando de 0,1 a 13%, de acordo com o escalonamento por faixa de saldo devedor anual. “Várias fundações passam a cumprir um papel educativo e de assessoria junta a essas entidades (ONGs e associações), visando à sua melhoria e ao seu fortalecimento”. (COELHO, 2000, p. 193).

É preciso que haja metas claras para que haja uma política social consequente e não apenas uma distribuição de fundos públicos.

O discurso sofre uma mutação: de “assistir o mais carente” e “tirar a criança da rua” passa-se a pensar em termos de “educar para a cidadania”, “formar o indivíduo para a vida em sociedade”. Muda, inclusive, a forma de encarar a criança – de carente e objeto de caridade, ela passa a ser vista como um indivíduo com capacidades, que precisa apenas de informações para se desenvolver. Trata-se, portanto, de um olhar mais positivo. (COELHO, 2000, p.192-193)

---

<sup>18</sup>Também pode ser vista em: <http://abong.org.br/ongs.php>

## 6. Diário de campo

Acredito que o trabalho de conclusão de curso começa muito antes de pesquisas, coleta de dados e a elaboração. Para mim, pelo menos, foi assim. Mesmo me formando com um ano de atraso em relação à maioria dos meus colegas de classe, comecei a pensar no TCC no final do segundo ano. Muita coisa passou pela minha cabeça e quando tive a oportunidade de fazer intercâmbio para a Argentina fui certa de que lá encontraria um tema perfeito e voltaria com a ideia pronta na minha cabeça. Mas não foi bem isso que aconteceu.

No começo deste ano, meu quinto, podia optar em me formar no meio do ano ou no final. O surgimento de uma oportunidade de estágio na editora Alto Astral me fez escolher a segunda opção, para que eu pudesse fazer um trabalho com o mínimo de qualidade, sem correria.

A produção de algo impresso era indiscutível. Sempre gostei de escrever e tive paixão por ler. Assim, faltava escolher o meio (livro-reportagem? revista? me arriscar no digital?) e o tema. Lembrei que desde o primeiro semestre da faculdade, quando conhecemos os tipos de jornalismo, me encantei pelas reportagens de imersão. Passar dias, meses, com pessoas diferentes de você, tendo experiências inovadoras e depois passar isso a outras pessoas por meio de palavras e fotos sempre despertou algo intrigante em mim. Como já havia tido experiências com a produção de texto para revista e estava tendo novamente naquele momento com o estágio, resolvi optar pelo texto de revista.

Pois bem, estava decidido o meio: uma grande reportagem para revista. E o tema? Queria relatar algo pouco conhecido da sociedade, que eu conseguisse passar um tempo significativo de vivência e que o meu relato colaborasse, de alguma forma, para que o leitor se conscientizasse. Aqui, “abrimos um parênteses”: em toda minha adolescência estive envolvida com algum tipo de manifestação social, seja no grêmio da escola, grupos de jovens da igreja, enfim. Em 2011 tive a oportunidade de passar dois meses na sede da Rede Fora do Eixo de Bauru (rede de cultura independente), na mesma época em que conheci a AIESEC (maior organização de jovens universitários do mundo). Ambas as organizações, cada uma de sua forma, fazem parte do Terceiro Setor. Acredito que todo esse meu envolvimento com o trabalho coletivo em busca de um bem

comum sempre esteve no meu inconsciente, o que deve ter colaborado pela escolha do ICA.

Lembrei do ICA, essa ONG da minha cidade que sempre ouvi falar. Amigos meus na época da escola faziam parte do ICA, outros conhecidos trabalharam lá, mas nunca tive claro o que eram, o que faziam e porque. Minhas referências eram de que foi fundada por uma família tradicional da cidade e que atendia crianças carentes no contraturno escolar. Resolvi buscar na internet sobre o ICA e me deparei com seu site, muito bem feito, onde falava da recente premiação Itaú-Unicef. Continuei buscando e vi que as parcerias e prêmios não paravam por aí. Pensei: como essa ONG não é mais reconhecida na cidade?! Tomei a mim mesma como referência. Vivendo há 18 anos em Mogi Mirim, meu conhecimento se resumia ao que descrevi. Resolvi tentar contato.

Tenho uma amiga, a pedagoga Tamiris Cristina Pinto, que trabalhou na instituição como orientadora pedagógica. Falei com ela, que me passou o contato de Maristela Mason, vice-presidente do ICA. Trocamos e-mails e ela me convidou para ir ao café da manhã de Páscoa. Fui e já pude ter o primeiro contato com o local e com um evento tradicional. O café da manhã de Páscoa era feito somente entre Sofia e seus onze filhos há muitos anos, logo depois de uma missa também tradicional da cidade, que acontece no domingo às cinco horas da manhã. Desde que se criou o ICA, a refeição passou a contar com os colaboradores, educandos e seus familiares.

Ali conversei com Maristela e Márcia Hiromi de Oliveira, da administração, sobre minha proposta de fazer uma grande reportagem sobre o ICA com a ideia de passar alguns dias na sede. Elas não hesitaram em dizer sim, mas, como costuma ser comum quando se tratando de jornalismo, imaginaram ser algo publicado, enfim, tratei de deixar claro que, a princípio, seria somente um trabalho da faculdade.

Ao pensar no ICA como tema da minha reportagem surgiram as questões: mas por que essa instituição entre tantas outras de Mogi Mirim? Por que o ICA e não outra ONG que também pode ter recebido tantas ou até mais premiações?

Escolhi a instituição por ela se destacar entre as demais da cidade. Com cerca de 90 mil habitantes, Mogi Mirim não é considerada uma cidade grande e ainda preserva na população o pensamento de caridade, de ajudar ao próximo visando um “pedacinho no céu”. Nesse contexto, o ICA se destaca pela forma de captar recursos (a única até 2012 que havia conseguido a Lei Rouanet) e por buscar a profissionalização do trabalho desenvolvido. A resposta da outra pergunta é o circo. Numa época em que os costumes

populares são, muitas vezes, deixados de lado, a organização resgata a arte circense, de uma maneira moderna e cativante, não deixando morrer essa manifestação artística.

De abril até agosto fomos trocando e-mails conforme dúvidas surgiam da minha parte e marcamos o melhor dia para que eu fosse fazer a vivência. Nesse tempo, também buscava referências em livros, sites e até conversando com algumas pessoas sobre a história do ICA, arte-educação e o Terceiro Setor para poder desenvolver meu projeto e formular as perguntas e a abordagem.

Em junho houve uma grande comemoração dos 15 anos do ICA. Infelizmente não pude comparecer por ter sido durante a semana. Aliás, a maioria das apresentações e eventos que os jovens participam ocorre de segunda à sexta. Como faço estágio em uma cidade a 250 km de Mogi Mirim, não pude acompanhar.

Aproveitei o feriado do dia 1 de agosto, aniversário de Bauru, que caiu numa quarta-feira e não iria para o estágio e pedi à minha chefe para faltar segunda e terça. Ela e seus supervisores aceitaram, com a condição de que repusesse as horas depois. Enfim, teria três dias inteiros na sede para viver o dia a dia do ICA e fazer entrevistas. Além da questão do feriado, pensei nessa data por ser um período bom, pois já havia feito meu projeto de TCC e haveria tempo depois para descrever as entrevistas, escrever a grande reportagem, enfim...

Nos dias 30 e 31 de julho (segunda e terça), os educandos ainda estavam de férias da escola. Como o ICA é uma instituição, ela não para seu atendimento em nenhuma época do ano. Porém, nas férias escolares, os educandos ficam livres para escolher se querem ou não ir à ONG. As atividades são realizadas normalmente, mas com menos crianças, já que algumas optam por faltar. Por outro lado, havia crianças que iam aos dois períodos, manhã e tarde, por não terem onde ficar nesse período que os pais trabalham. Ali no ICA recebiam as refeições e faziam as atividades de que gostavam, o que não teriam em casa.

Assim sendo, nos dois primeiros dias convivi com um cotidiano um pouco atípico, já no terceiro, as atividades eram normais. Isso não impossibilitou o contato com os educandos e até pude participar mais intimamente. Inclusive os colaboradores tiveram mais tempo para conversarem comigo.

Todos os dias eu chegava à sede às 7h30 e só saía depois das 17h30, no último dia, sai às 19h. Fazia as refeições com eles e participava do maior número possível de atividades, intercalando com as entrevistas com os colaboradores.

Fui muito bem recebida, tanto pelos funcionários e diretoria, quanto pelos educandos. Tive a oportunidade de conversar pessoalmente com a presidente Tarcísia, já que não é sempre que ela está na sede, pois vive em Florianópolis, Santa Catarina.

Tentei me passar como “despercebida” para realmente poder observar como se dava o trabalho. O assessor de imprensa, Danilo Castro, foi quem mais me auxiliou apresentando as dependências e os funcionários. Porém, já na parte da tarde do primeiro dia, ia sozinha conversando e me envolvendo nas atividades.

Alguns educandos se mostravam muito curiosos, querendo saber quem eu era, o que estava fazendo. Aproveitava a oportunidade para fazer perguntas sobre eles e a relação com o ICA. O Osni, por exemplo, que abre a grande reportagem, foi quem chegou a mim querendo saber quem eu era. Havia alguns mais tímidos, que eu chegava mais devagar, ou apenas observava de longe.

O fato de eu ter estudado toda minha vida em escola pública e de Mogi Mirim, acredito que tenha ajudado na conversa e compreensão dos jovens. Felizmente não fui uma criança que passei necessidades, mas entendia várias questões que eles me falavam, como a questão das aulas nas escolas serem chatas e os professores não estarem nem aí com a aula. Por outro lado, com os educandos mais velhos, me sentia como um ser estranho para eles. Todos com os quais eu conversei ficaram surpresos por saberem que sai de casa para fazer faculdade e que consegui passar no vestibular. Nenhum deles nem pensava na possibilidade de prestar vestibular de uma universidade pública. Queriam fazer uma faculdade sim, mas por Enem ou na própria cidade e região.

O caso do Airton me chamou bastante a atenção. Entre as crianças ele chegou tímido, mas depois queria falar sem parar e mostrou uma realidade que representa a de muitos educandos ali: de uma família com muitos filhos, moradora do subúrbio, que lida com a gravidez precoce, estuda em escola pública e retirante do nordeste.

A Nicolina também foi uma personagem intrigante. Consegui conversar mais abertamente com ela somente no final do segundo dia. Até então, ela se mostrava uma figura carinhosa com as crianças, mas desconfiada com quem chegasse muito perto da “minha cozinha”, como ela mesma se referia ao seu lugar de trabalho. A partir de algumas conversas mais curtas, falando da minha vida, ela se abriu de uma forma que até me surpreendi. Nicolina contou detalhes de sua vida (quando eu não estava com o gravador ligado), principalmente sobre a fase difícil de quando seu filho se envolveu com drogas, a polícia invadiu sua casa e ela teve que viver de favor, além do episódio



em que ele foi preso e ela o visitava toda semana. Ela foi uma personagem muito rica, que não pude dar mais enfoque para não atrapalhar o desenvolvimento do restante da grande reportagem, que afinal, era sobre o trabalho do ICA.

Em algumas conversas/entrevistas usei o celular como gravador e deixava claro que estava gravando. Porém, houve muitas outras, como no caso do Airton, que optei por não usar, para que as crianças se sentissem mais à vontade.

Cada contato me agregou muitas informações e no final dos três dias pude ver como também aprendi com essas pessoas. Foi uma verdadeira troca de experiências e me identifiquei com esse trecho do livro de Medina:

Para além da troca de experiências, informações, juízos de valor, há uma ambição ousada que filósofos como Martin Buber já dimensionaram: o diálogo que atinge a interação humana criadora, ou seja, ambos os partícipes do jogo da entrevista interagem, se modificam, se revelam, crescem no conhecimento do mundo e deles próprios. (MEDINA, 2002, p.8)

Confirmei durante toda a produção, de que falar sobre o ICA se tratava de um assunto delicado. Não especificamente dela, mas falar sobre uma instituição exige um cuidado especial. Não havia me atentado tanto a isso, até que em nossas conversas antes da coleta de dados, o professor Arlindo me alertou sobre a questão. Trata-se de uma organização que trabalha com crianças e com dinheiro público. Os prêmios de reconhecimento não são desmerecidos, porém, nem por isso, significa que o ICA é um ideal alcançado.

Durante a vivência procurei sempre observar por dois ângulos: o que parecia e o que poderia parecer. Por exemplo: os educandos fazem atividades circenses por que querem ou por que são obrigados?

Acredito que o momento mais delicado foi retratar sobre a religiosidade. As imagens e as orações não pareciam incomodar ninguém, nem educandos, nem colaboradores. Inclusive sempre buscava perguntar sobre isso, e a resposta que recebia era algo vago, como: “ah, é, tem que fazer, mas eu não me importo”. Quando alguém da diretoria era questionado, faziam questão de destacar que nada era imposto. Só participava das orações quem queria.

Realmente foi algo que tentei ter muito cuidado, porém, não me espantou tanto. Em um país que se diz aberto a todas as religiões, mas ostenta um crucifixo nas câmaras dos deputados e senadores, parece “normal” que uma ONG também queira deixar claro qual a fé predominante.

Pude observar também quão corrido é o dia a dia da instituição. Com a diretoria, por exemplo, conseguia conversar nos intervalos entre reuniões. Principalmente agora que a sede está na reta final para a entrega, sempre havia reuniões longuíssimas e eu aproveitava para estar com os educandos nesse período. Não foram poucas as vezes que conversei com Tarcísia enquanto ela comia uma fruta como almoço.

Visitei a sede nova, tive acesso à planta de construção e pude comparar como o novo espaço será melhor para desenvolver as atividades. Sempre que perguntado sobre isso para qualquer entrevistado, a resposta era empolgante. Realmente é um sonho que está se concretizando para eles.

No segundo dia fui com Danilo e mais quatro jovens em um encontro de professores de Mogi Mirim que a Secretaria de Educação estava organizando. Os jovens foram fazer uma apresentação rápida vestidos de palhaços e tocando instrumentos. Todos adoraram e inclusive vieram conversar com Danilo sobre futuras apresentações. Questionei-me até que ponto aquelas apresentações têm ligação com o trabalho desenvolvido pelo ICA na cabeça das pessoas, ou se não passam de “shows”.

A impressão geral que tive dos jovens com quem falei foi que eles realmente vestem a camisa do ICA e se orgulham de fazerem parte da organização. Duas perguntas – Como você acha que seria sua vida se não estivesse entrado no ICA e O que você quer fazer no futuro – tiveram respostas quase unânimes: “acho que estaria passando o dia na rua” e “penso em fazer educação física”. Interpretei que a segunda tem grande influência das atividades feitas por eles no ICA.

A disciplina também não me passou despercebida. A preocupação com a chave do armário, a limpeza do uniforme, além das tarefas diárias, são nítidas. Em todas as refeições, por exemplo, há um líder em cada mesa, que fica responsável pela ordem durante a refeição. Esse líder, geralmente, é um dos alunos mais velhos e é escolhido pela inspetora. Qualquer problema na mesa é passado para o líder e depois para ela. As demais impressões que tive, busquei relatar na grande reportagem e não irei repeti-las aqui para que não fique muito extenso.

Sai dos três dias de vivência com a sensação de missão cumprida. Foram dias exaustivos, por acompanhar os trabalhos desenvolvidos o dia todo e o mais atentamente possível, mas que valeram muito a pena. Somente a ausência de Márcia não me permitiu colher dados sobre as finanças, mas que consegui depois por e-mail.

Após todo o material recolhido (eles também me disponibilizaram o PPP e alguns materiais impressos) começou a parte de escrever a matéria. Descrever as entrevistas levou mais tempo do que eu esperava, o mesmo passou com a grande reportagem.

Deparei com um dos maiores desafios do jornalista: escrever. Passar ao leitor as informações deixando-o refletir sobre o tema. Aliado a isso, a prática da “arte” de cortar palavras para que o texto não se torne cansativo e caiba em algumas páginas. Nesse momento tive que resolver a questão dos assuntos delicados, como religiosidade. Procurei não tomar partido, passar o que eu havia presenciado e concluído. Isso, na verdade em toda a grande reportagem, não somente nessa parte.

Abordei um tema que pode ser de interesse de todos, mas ao mesmo tempo, também atende a curiosidades de um público específico. Quem tem contato com ONGs ou com arte-educação, tende a se interessar mais pelo o que eu retratei. Assim, sendo, classifiquei o produto como uma grande reportagem para revista especializada. No entanto, não deixa de ser universal.

No planejamento gráfico contei com a ajuda da designer Larissa Ramos, experiente na diagramação de revistas. Pesquisamos sobre revistas do ramo de educação e buscamos fazer algo leve e que chamasse a atenção do leitor. A ideia de retratar o pátio pelo infográfico foi minha, mas o ângulo e características ficaram por conta de Clarisse Diamantino, também designer com experiência em diagramação.

O grande volume de informações sobre arte-educação e Terceiro Setor também foi outro fator difícil de lidar. Procurei fazer vários recortes e focar em o que realmente interessaria à minha pesquisa. A falta de material sobre um assunto, com certeza, é um obstáculo, porém a grande oferta também. Não se trata de volume físico, como quantidade de livros e artigos, isso, aliás, é até um pouco escasso, visto o pouco tempo de debate sobre as frentes; a questão é a abrangência dos assuntos. Ambos possuem diversas correntes e modos de serem vistos o que me exigiu uma leitura atenta para selecionar o que realmente me interessaria.

Desde que defini a arte-educação como um dos pilares do meu produto, busquei referências e, como não podia ter sido diferente, cheguei até Ana Mae Barbosa. Tentei contato por telefone e e-mails, mas não obtive retorno, até que fiquei sabendo que ela estaria dia 18 de outubro no VIII Encontro de Arte e Cultura realizado pelo

departamento de Artes da Unesp Bauru. Os organizadores afirmaram que ela não daria entrevista exclusiva a ninguém, por causa de sua idade e cansaço da viagem.

Na palestra muitas coisas chamaram a atenção, como uma das perguntas que ela abriu a explanação: “Pobre não tem direito a filosofar?”. Realmente ela é uma pensadora espetacular e no auge de seus 76 anos tem uma lucidez incrível. Tive uma experiência única a ouvindo falar ideias que estava lendo e havia escrito no meu relatório na manhã daquele dia. Quando a questioneei sobre o uso de ONGs da arte-educação como ferramenta de inclusão social ela afirmou, sem sombras de dúvidas, que a arte-educação pode sim servir como ferramenta socializadora, mas despertou outro viés que não relatei na minha matéria: a dúvida de como as ONGs realmente ajudam as crianças ou somente alimentam um sonho de serem artistas.

No caso do ICA, nas entrevistas que fiz, algumas vezes foi falado que o papel da instituição não é formar artista e sim desenvolver o potencial de cada jovem para que tenham um espaço na sociedade. Mas caberia uma reflexão: até que ponto isso realmente acontece? Como ter uma base tão consistente que garanta que o jovem saia daqueles anos de atendimento e continue sendo um bom cidadão? O filho de Nicolina pode ser um exemplo. Quão consistente está sendo os trabalhos das ONGs? Como somente por meio de editais e premiações é possível mensurar a qualidade do trabalho?

Com o passar do tempo em que eu desenvolvia o trabalho de conclusão, tive, várias vezes, a sensação de me sentir mais jornalista do que no estágio, onde literalmente estou em um ambiente jornalístico. A responsabilidade de fazer a pergunta certa, do jeito certo, na hora certa; de escolher o que entra e o que sai da reportagem; a incerteza de estar pesquisando o recorte certo; a ansiedade de ver o produto pronto; e muitas outras sensações que me fizeram ter certeza da profissão que escolhi.

Espero ter conseguido alcançar o meu objetivo que no primeiro momento pareceu simples: uma grande reportagem de imersão sobre uma ONG. Mas que com o decorrer do trabalho pude ver quão amplo e delicado pode ser esse assunto. Procurei sempre seguir um fio condutor para não me perder nas pesquisas, no relatório e, claro, na grande reportagem.

Busquei apresentar a arte-educação e o Terceiro Setor por meio do trabalho desenvolvido pelo ICA. Foram essas três frentes em que me aprofundei nestes últimos meses na tentativa de fazer um produto de qualidade que alcançasse as metas de uma grande reportagem de revista.

## Considerações finais

Chegando ao final do trabalho fica a sensação de missão cumprida, mas também a de ansiedade de como essa minha “missão” vai ser enxergada por outros olhares.

Nesses meses de pesquisa, apuração, coleta de dados, elaboração e produção os sentimentos foram vários: tensão, insegurança, dúvida, e por aí vai. Revisitando as teorias apreendidas nos anos de faculdade e colocando em prática as funções do jornalista pude ter certeza que a profissão é desafiadora e encantadora ao mesmo tempo. Desafia por tentar provar a todo instante seu nível de parcialidade e responsabilidade. Encanta por possibilitar o contato direto com diversas pessoas que, além de algumas palavras, também concedem a você histórias e a permissão de passá-las a muitas outras pessoas.

Acredito que meu objetivo de produzir uma grande reportagem como Trabalho de Conclusão de Curso foi alcançado, pois desde o surgimento da ideia, até a pauta, passando pela pesquisa, busca de dados, entrevistas, descrição de horas de gravações, escrita, diagramação, cheguei a um produto que relata o trabalho do ICA.

Os meses envolvidos no trabalho me proporcionaram mais que a grande reportagem e o relatório. O contato com as crianças e os adolescentes, o maior conhecimento da arte-educação e seu poder transformador, e o enfrentamento dos dilemas do fazer jornalismo deixaram como aprendizado o quão rico é o papel do jornalista e a preocupação em passar a informação da melhor forma possível ao público leitor. O cuidado em relatar uma ONG, o recorte necessário nas teorias, a escolha da palavra e da foto certa, tudo ganha uma proporção gigante no momento de criar um produto. Sem dúvida o jornalismo impresso vai muito além de escrever uma notícia, ele tem o papel de informar com elementos que agreguem algo para o leitor.

## Referências

BARBOSA, Ana Mae; COUTINHO, Rejane Galvão (Org.) [et. al.] **Arte/educação como mediação cultural e social**. São Paulo: Editora Unesp, 2009.

BARBOSA, Ana Mae Tavares Bastos. **Arte-educação no Brasil**. 5 ed. São Paulo: Perspectiva, 2002.

COELHO, Simone de Castro Tavares. **Terceiro setor**: Um estudo comparado entre Brasil e Estados Unidos. São Paulo: Editora Senac São Paulo, 2000.

COELHO, Teixeira. **Dicionário crítico de política cultural**: cultura e imaginário. São Paulo: Iluminuras, 1999.

COIMBRA, Oswaldo. **O texto da reportagem impressa**: Um curso sobre sua estrutura. São Paulo: Ática, 1993.

FERNANDES, Rubem César. **Privado porém público**: O terceiro setor na América Latina. 2 ed. Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 1994.

ICA. **Projeto Político Pedagógico**: Versão 2011. Mogi Mirim, 2011. 118 p.

IOSCHPE, Evelyn Berg (Org.) [et al.]. **3º Setor**: Desenvolvimento social sustentado. 2. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1997.

LAGE, Nilson. **Estrutura da notícia**. 6 ed. São Paulo: Ática, 2006.

LIBÂNEO, José Carlos. **Didática**. São Paulo: Cortez, 1994.

LIMA, Edvaldo Pereira. **Páginas ampliadas**: O livro-reportagem como extensão do jornalismo e da literatura. Campinas: Unicamp, 1993.

LOPES, José Rogério. Terceiro Setor: a organização das políticas sociais e a nova esfera pública. **São Paulo em Perspectiva**, São Paulo, v. 18, n. 3, p.57-66, 2004.

MEDINA, Cremilda de Araújo. **Entrevista**: O diálogo possível. 4 ed. São Paulo: Ática, 2002.

MEREGE, Luiz Carlos; BARBOSA, Maria Nazaré Lins (Org.). **3º setor: Reflexões sobre o Marco Legal**. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1998.

SILVA, Carlos Eduardo Guerra. Gestão, legislação e fontes de recursos no terceiro setor brasileiro: uma perspectiva histórica. **Revista de Administração Pública: RAP**, Rio de Janeiro, v. 44, n. 6, p.1301-1325, 2010.

VILAS BOAS, Sérgio. **O estilo magazine: O texto em revista**. 3 ed. São Paulo: Summus, 1996.

Sites:

Estatuto da Criança e do Adolescente

Disponível em: <[http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/leis/L8069.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/L8069.htm)>. Acesso em: 12 de outubro de 2012.

Ministério da Cultura – Lei Rouanet

Disponível em: <<http://www.cultura.gov.br/site/categoria/apoio-a-projetos/mecanismos-de-apoio-do-minc/lei-rouanet-mecanismos-de-apoio-do-minc-apoio-a-projetos/>> Acesso em: 22 de outubro de 2012.

Parâmetros Curriculares Nacionais

Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/livro01.pdf>>. Acesso em: 12 de outubro de 2012.

Projeto ICA

Disponível em: <<http://projetoica.org.br/>> Acesso em: 22 de outubro de 2012.

Todos pela educação

Disponível em: <<http://www.todospelaeducacao.org.br/comunicacao-e-midia/sala-de-imprensa/releases/21698/de-olho-nas-metas-2011-aponta-fluxo-escolar-como-um-dos-principais-desafios-da-educacao-brasileira-na-proxima-decada/>> Acesso em: 22 de outubro de 2012.

## Apêndices

### Apêndice A

Entrevistas realizadas no ICA de 30 de julho a 1 de agosto de 2012

**Aneliane Nayara Marques**  
**Ex-educanda e atual educadora do ICA**  
**19 anos**

**Natália:** Está estudando Letras? Em que ano você está?

**Aneliane:** Sim, estou no primeiro.

**N:** Com quantos anos você entrou no ICA?

**A:** Com nove para 10.

**N:** E por quê?

**A:** Como desde os três anos eu faço aula de dança e no ICA também tinha, minha mãe resolveu me colocar lá. Eu não queria muito. Nas duas, três primeiras semanas, eu fiquei até doente, porque eu não queria ir, porque eu tive que sair da aula de balé pra entrar no ICA. Só que a mesma voluntária do ICA era minha professora de balé, a Eliana Furno. Então, por fim eu fiquei e ia à aula de balé normal.

**N:** E daí você gostou?

**A:** Hanrã. Daí eu acabei gostando, por que as aulas eram bem diferentes. A gente tinha artesanato, várias coisas. E aí eu saía em algumas aulas para poder fazer o balé. E por fim eu fui ficando, ficando, e como eu fui ficando maior, eu comecei a fazer balé à noite e aí eu ficava no ICA normal no período da tarde. Estudava de manhã, ia pro ICA à tarde e fazia balé à noite.

**N:** Você mora com seus pais?

**A:** Eu não, eu moro com meus avós.

**N:** E o que eles achavam?

**A:** Adoram! Meu pai com minha mãe [avós?] incentivam tudo. O que a gente tem vontade eles ajudam a gente a ir. Mesmo sabendo que não vai dar certo, do mesmo jeito eles tão ali do lado pra incentivar.

**N:** O que você mais gosta no ICA?

**A:** Eu sempre gostei de dança. Faz 13 anos que eu faço dança. E depois eu adquiri o circo como hobby, pelo ICA.

**N:** E o que você mais gosta no ICA? Se você encontrasse com você criança, que não queria largar o balé pra ir pro ICA, o que você falaria pra essa criança?

**A:** Eu ia falar, arruma um jeitinho porque o ICA é bom também, igual o balé, você vai gostar mais que o balé (risos). Eu não me vejo agora fora do ICA. Eu sai, fiquei três meses fora do ICA, fui trabalhar em um escritório de advocacia de secretária. Sai porque arrumei um emprego. Eu estava de monitora, daí eu arrumei um emprego e fiquei três meses fora e voltei. Pedi a conta do serviço e voltei pro ICA. Agora para trabalhar. Eu era monitora, com 14 anos eu virei monitora. Fiquei três anos de monitora, sai por três meses, voltei como monitora e depois me contrataram como funcionária.

**N:** E por que você quis virar monitora?



**A:** Lá [no ICA] a gente passa por alguns processos. A gente é aluno, depois tem um curso que chama arte-educador, do Projeto Ícaro. Aí a gente faz esse curso e alguns alunos que se destacam ganham a oportunidade de ser monitor. E ganhamos uma ajuda de custo, como se fosse uma experiência, como um primeiro emprego. Eu fui destaque nas aulas, e ganhei as duas maiores notas na avaliação que os educadores fizeram dos monitores, quando eu já estava como monitora. A gente passa por duas avaliações por todos os educadores que trabalham com a gente. E eu ganhei a nota máxima das duas avaliações e me contrataram como funcionária. Eu era monitora de expressão corporal: circo, dança e teatro.

**N:** Você passou por outras áreas?

**A:** Quando a gente é aluno, a gente faz todas as áreas. A gente faz circo, dança, teatro e música. E tem comunicação lógica, base-referência, que trabalha junto da escola. E depois disso a gente escolhe. Quando chega na turma 4, que é a turma mais velha, a gente escolhe a área artística que a gente quer fazer. Pode escolher duas áreas. E eu escolhi circo e dança.

**N:** E como você acha que seria sua vida se você não tivesse entrado no ICA?

**A:** Eu só ia fazer dança. (risos) Só dança! Só ia ficar na dança mesmo. Porque agora, mesmo eu estando no ICA, eu trabalho o dia todo, vou pra faculdade à noite e final de semana eu tenho aulas de dança das oito da manhã às oito da noite. Eu tenho a Evolução, que é aqui no ICA também, que é um grupo de dança, à tarde a gente tem a Cia Carpe Diem, que é um grupo mais de educadores, que também são todos ex-alunos que agora são educadores e a gente faz circo, a gente treina. É um espaço pra gente. E à noite eu tenho um grupo que chama Arte Movimento, que é de dança também, dança contemporânea. Dança o tempo inteiro.

**N:** Você acha que ter escolhido fazer Letras teve a ver com o ICA?

**A:** Tem, como comigo não tem a ver professora de sala de aula. Eu não me vejo em sala de aula, ensinando português e matemática. Mas eu acho que a Letras abrange bastante outros objetivos em questão de educação. E eu também pensei em fazer Educação Física. Então, minha primeira opção era Letras, a segunda Educação Física, e a terceira, Pedagogia. E como eu consegui a nota, eu atingi para fazer Letras. Então, eu permaneci.

**N:** Você fez pelo Prouni?

**A:** Não, fiz o vestibular mesmo.

**N:** Você está gostando?

**A:** Estou. Normalmente, a gente faz a faculdade e depois a gente tem uma experiência, né? A gente tem que ficar em sala de aula... E o meu [caso] foi o contrário, primeiro eu fiquei em sala de aula e depois eu fui fazer a faculdade. Tanto que eu tenho alguns alunos que a gente terminou na outra Lona que eu dava aula, que eram mais velhos do que eu. Eu tinha 16 anos e tinha aluno de 19. E agora eu tenho 18 e tenho alguns alunos de 15, 16, então são mais ou menos na minha faixa etária.

**N:** E o que você está vendo na faculdade está te ajudando?

**A:** Está, está muito. A gente vê as coisas com outro objetivo, né? Outro foco. Normalmente a gente ensina “o circo”, tá, mas porque que eu vou ensinar o circo? O que vai ajudar na criança e o que não vai? Então, a gente acaba tendo outra visão, outro olhar. Além do mais que a gente já tem experiência. Eu adquiri primeiro a experiência pra depois o conhecimento próprio, a teoria.

**N:** Onde você mora?

**A:** Eu moro aqui perto do Zerão.

**N:** E quando você era criança tinha algum vizinho que participava [do ICA]?

**A:** Não, eu sou a única que moro pra cá. Todo mundo mora na Vila Dias, até meus dois irmãos. Meus irmãos são do ICA também, são mais novos do que eu. E eles também moram lá na Vila

Dias. Só eu que moro pra cá! Eu estudava no Sinhazinha, então eu saía do Sinhazinha e vinha sozinha pro ICA.

**N:** Mas tinha amigo de fora?

**A:** Tinha. A maioria da minha sala era do ICA.

**N:** Então você não era a “diferente”?

**A:** Não, a maioria já fazia.

**N:** E você pretende ter filhos?

**A:** Olha, eu falo que já tenho 50, que são 25 de manhã e 25 à tarde lá na Lona onde eu trabalho. E eu tenho alguns alunos do ICA também que eles vão na minha casa direto, os amigos dos meus irmãos, que têm 14, 15 anos. Então, eu falo que eles já são meus filhos. Eles me chamam de mãe, e eles têm bastante apego. Mas eu sonho sim.

**N:** Eu perguntei pra saber se você colocaria seus filhos no ICA.

**A:** Com certeza. Colocaria na Casa da Criança, da Casa da Criança pro Educandário, e do Educandário pro ICA.

**N:** Mesmo se eles não quiserem dança?

**A:** Mesmo se eles não quiserem dança. Eu acho assim: os sonhos nossos é nossos, a gente tem que aceitar e incentivar o dos outros filhos, ou sobrinhos, irmãos.

**N:** Lona é fora do ICA?

**A:** É. Porque a gente tem o ICA interno e o ICA externo. O ICA externo tem duas escolas que é o Caíque e o Jardim Planalto, que é onde eu fico, e a gente tem dois CRAS, que é um na zona norte e um na zona leste, que é do lado do Valério e atrás do São Judas.

**N:** São atividades extracurriculares?

**A:** São iguais as do ICA. Teatro, circo e dança. Eles vão pra escola e vão no horário contrário, igual o ICA. Só que lá mesmo no bairro deles. A gente começou com 50 crianças e agora a gente tem 200, quase 300 já. São 50 por lugar, atendidas indiretamente.

**N:** Como é a participação dos pais dos educandos?

**A:** A maioria dos pais, no mínimo uns 90% tem ótima participação. Estão em reunião, ou ligam perguntando se o filho está, como ele está indo. É lógico que a gente tem aquela minoria, né... Mas essas crianças são às vezes as que mais participam. Elas querem ocupar a cabeça com alguma coisa para esquecer o que aconteceu em casa. Daí elas se apegam na gente, se apegam mesmo. As crianças que mais se apegam na gente são as que a gente mais tem problema social. Mas melhorou muito. Graças a Deus a maioria dos pais agora é bem presente.

**N:** Famílias carentes acabam mandando crianças pra escola pra ganhar Bolsa Família. E no ICA a mãe não ganha nada...

**A:** Mas eles [crianças] mesmo acabam se policiando, eles constroem isso neles mesmo. Tipo: “eu vou pro ICA porque eu gosto do ICA”. Eles mesmos acabam se cobrando, ou: “Magina, não vou faltar do ICA”. Teve até um aluninho meu, lá do Planalto, que eu até chorei depois quando a gente comentou na reunião. Quebrou o relógio de força da casa dele, e a Eletro tinha que ir lá arrumar. E o moço falou que ia lá 9 horas. E a aula do ICA começa 7h30 e acaba 11h30. Quer dizer: ele não podia ir porque ele era a única pessoa que ia ficar em casa. Ele e a irmã dele fazem aula, então, ele levou a irmã dele pro ICA e tinha que voltar pra casa pra esperar o homem da Eletro. E ele foi e ficou lá e daí ele falou: professora, 9h30 você me avisa que eu tenho que ir embora? Falei: por quê? E ele falou assim: porque o moço da Eletro vai lá na minha casa e sabe o que eu fiz? Eu fechei o portão da minha casa, mas não coloquei cadeado, daí eu coloquei um bilhetezinho e coleí lá no portão, escrito assim: Qualquer coisa se você chegar, me

espera ou vai lá na escola me chamar que eu estou na aula do ICA e eu não posso faltar, porque eu gosto muito. E ele deixou o recadinho, como se o moço fosse lá procurar ele! Aí eu disse: nossa, William, vai embora, pelo amor de Deus, corre lá na sua casa. Ele chegou lá, o moço da Eletro arrumou e daí ele voltou de bicicleta: professora eu vim de bicicleta pra eu voltar rápido, senão não ia dar tempo de eu voltar. Ele tem nove anos. E escreveu o bilhetinho tudo errado, falando que tava na aula do ICA e que era pra esperar por favor.

**N:** O que você sente que mais mudou em você?

**A:** A responsabilidade que acaba gerando. Eu estudava no Rodrigues Alves, e moro aqui perto do Zerão. Então, tinha que pegar o ônibus aqui, descer lá na porta do Rodrigues Alves, vir pro ICA e depois ir embora sozinha. É pertinho, mas com nove, 10 anos, pra mãe, tudo é perigoso. E a minha tia é só sete anos mais velha que eu, e eu estudava no Sinhazinha e ela no Monsenhor Nora. Então, ela vinha comigo até aqui, daí ela ia pra escola. E na hora do almoço, ela vinha aqui e me levava do Sinhazinha pro ICA. Até que um dia ela viu que ia um grupinho de crianças, todo mundo pro ICA. Aí, minha mãe falou: então vamos testar, um dia você vai sozinha. Não aconteceu nada. Daí de segunda, quarta e sexta eu ia sozinha, de terça e quinta minha tia me levava, até eu ir acostumando ir sem minha tia. Porque assim: eu fui filha única quatro anos, fui primeira neta, primeira prima, primeira tudo. Daí era aquele xodó: não podia brincar na terra porque sujava, não podia não sei o que... Aí, depois que eu entrei no ICA que eu comecei a brincar, a dormir na casa de amigo, ir em festinha. Tanto que minha primeira festa de aniversário foi no ICA. Minha avó fez dois bolos gigantes e meu pai comprou um monte de fardinho de Coca-cola, e ao invés de dar o café da tarde, a gente cantou parabéns e deu bolo pra todo mundo (risos). A partir que eu entrei no ICA que eu comecei a andar de carrinho de rolimã, a soltar pipa, a brincar de taco na rua, porque eu não fazia nada disso, antes era: ah, vai machucar...

A gente aprendeu a pegar ônibus, a olhar a rua pra atravessar, aprendeu que sai da escola é direto pro ICA. Nada de parar no posto, nem na banca. Tem a banquinha do Seu Rubens, ali de cima, então antes de ir pro ICA, todo mundo queria parar pra compra bala, ou antes de ir pra escola. Aí, chegava atrasado na escola e não era porque saiu atrasado do ICA, mas porque parou na banquinha do Seu Rubens. E daí a gente tinha a responsabilidade de carregar a chave, ir todo dia de uniforme, então a gente acaba criando essas responsabilidades. Todo dia eu sei que tenho que levar minha chave, senão aonde eu vou por minha mochila? Tenho que por uniforme, se eu estudo de manhã, eu vou com o uniforme da escola, mas ponho o uniforme do ICA na minha bolsa ou se estudo no ICA de manhã, uniforme da escola na minha bolsa. Antes tinha o dia da semana no uniforme e a manga. Cada ano era a manga de uma cor. Daí você sabia quem era mais velho e quem não era, pela manga da camiseta. Era vermelha, amarela, azul, verde e a branca, os mais novinhos tinha a camiseta branca. Você tinha que vir com o dia certinho, mas aí o pessoal começou a colocar pra lavar o dia errado. Se você não viesse com o dia da semana você perdia uma estrela, porque a gente tinha um quadro de estrelas com cinco estrelas. Se você não se comportou, esqueceu a chave, alguma coisa, perdia uma estrela naquele dia. Mas acabou mudando, porque a manga manchava. Agora está com esse, que é todo mundo igual. Agora a gente é dividido por fraternidade, que é azul, vermelho, amarelo e verde. Todo começo de ano a gente reúne os alunos novos, que vem uma semana antes, aí eles tem integração. Aí quando os alunos mais velhos voltam, eles escolhem pra fraternidade. No meio do ano tem competição, gincanas, que vai adquirindo pontos pra fraternidade. Aí no final do ano tem acampamento, no ano passado não teve, mas sempre tem onde tem competições para ganhar ponto. E a fraternidade que ganha, ganha um passeio. Quando minha fraternidade ganhou, ganhamos um dia inteiro numa chácara. E acaba sendo uma disputa sadia, as crianças adoram defender a fraternidade. E até um ajuda o outro. Estamos com a campanha do lacre, que 140 garrafas PET cheias de lacre, troca por uma cadeira de rodas, pela Renovias. E cada fraternidade tem a sua. A fraternidade amarela já encheu primeiro, então eles ganharam 100 pontos que estão acumulando pro final do ano. O ICA já trocou por duas cadeiras de roda e a gente doa. O pessoal dos CRAS e das escolas também estão fazendo essa competição, aí seria um CRAS contra o outro e uma escola contra a outra. Acaba criando uma família. Os mais velhos da fraternidade cuidam dos

mais novinhos, porque se desrespeitar professor, vier sem chave, sem uniforme, você perde ponto pra fraternidade. Então, os mais velhos acabam tornando líderes, acabam cuidando. O ICA paga metade do uniforme. São duas camisetas por aluno e uma o ICA dá e a outra você compra. Só que a camiseta é 10 reais.

**N:** E a nova sede?

**A:** A gente está sonhando com essa sede. Eu entrei no ICA em 2003, e desde então a gente sonha.

**N:** Você é católica?

**A:** Sim, católica. A Dona Sofia era uma pessoa muito católica, até que a gente tem o café da manhã de Páscoa todo ano. E quando começou o ICA, a gente vinha aqui [Teatro de Arena] pra missa e a Dona Sofia convidava todo mundo pra ir tomar o café da manhã na casa dela. Ela não tinha estudo, mas o que ela sabia era maior que qualquer escola. Ela era muito boa. Eu conheci ela, mas eu era pequenininha, porque a minha avó era cozinheira dela. As nossas orações não são católicas nem evangélicas, são bahá'í que é universal. A gente não reza pai-nosso nem ave-maria, só a oração do jovem e a oração do amanhecer. A oração é mais um agradecimento mesmo pra Deus e pedindo proteção. A gente tinha aula de educação espiritual, sexual e social. Só que ano retrasado a professora saiu e acabamos trabalhando isso mais na Base Referência.

**N:** Como é estar fora do ICA?

**A:** A gente saiu agora de uma escola, o Helena e eu tava substituindo uma educadora e uma mãe veio e falou: nossa, você não sabe que falta vocês estão fazendo lá no Maria Beatriz, as crianças tão sentindo falta. Daí ela me contou que as mães estão fazendo um abaixo-assinado e todas as crianças estão escrevendo cartinhas pra enviar pro ICA e pra prefeitura, pro ICA voltar. [**N:** Por que saiu?] Porque a gente tinha um projeto chamado Ponto de Cultura que ficava três meses em cada lugar e foi assim que começou o ICA externo. Começou no Caique, depois em duas escolas do Tucuru e depois Maria Beatriz. E na escola que estamos agora é fixo, por um ano, por causa da parceria com a prefeitura. Nos CRAS também é um ano a duração. Agora encerrou Ponto de Cultura, é só ICA na Escola e CRAS. [**N:** E o filho dessa mãe não poderia entrar no ICA?] Tem alguns alunos que se destacam e acabam vindo pro ICA, e temos alunos do CRAS que fazem atividades dos sábados. Mas a nossa sede não suporta muito aluno, só lá [na escola] eram 170 aluno, mais com os 250 do ICA, não tem estrutura pra todo mundo. E por isso que fazemos o ICA na escola, porque abrange mais jovens. Tinha aluno nosso que era da Vila Dias e saiu do ICA pra entrar no CRAS porque é do lado de casa.

### **Bartira Thays Bezerra**

**Idade: 14 anos**

**Está há 5 anos no ICA**

**Natália:** O que você faz no ICA?

**Bartira:** Tô na turma 3 e escolhi circo e dança, porque são as que eu mais me identifico. No circo gosto mais de fazer acrobacias e aéreo, que é o tecido.

**N:** Não é difícil?

**B:** No começo é difícil, mas depois você vai aprendendo. Na dança, não sou tão boa assim, mas eu gosto. (Não há um único tipo de dança, são vários).

**N:** O ICA tem alguma importância na sua vida?

**B:** Com certeza. Meio que muda a gente, faz a gente ser mais maduro, não sei...

**N:** O que mudou em você?

**B:** Ah, o jeito de falar, a conversa é diferente, a maneira como você trata as pessoas...

**N:** Como você conheceu o ICA?

**B:** Eu era do Educandário e de lá eles passam pro ICA.

**N:** Tem algum amigo seu que frequenta aqui também?

**B:** Sim, da escola.

**N:** E o que você mais gosta no ICA?

**B:** Ah, eu gosto de tudo! (risos) Acho que é das aulas de circo. Mas não são todos os dias, tem o dia certo.

**N:** E como você acha que estaria sua vida hoje se não estivesse no ICA?

**B:** Ah, não faço a mínima ideia... Estaria em casa sem fazer nada.

**N:** Onde você mora?

**B:** No Jardim Sbergh, perto da Vila Dias (zona norte).

**N:** E você pretende ficar até quando aqui?

**B:** Eu pretendo ser monitora.

**N:** Você se vê igual a Aneliane, dando aula aqui?

**B:** Talvez...

**N:** E você pensa e fazer alguma faculdade?

**B:** Eu gostaria de fazer Educação Física.

**N:** Você acha que tem a ver o que você aprendeu aqui com esse seu desejo?

**B:** Sim, eu gosto do ICA.

**N:** Você tem irmãos?

**B:** Todos meus irmãos estudam aqui, mais velhos.

### **Isabel Cristina da Silva**

**41 anos**

**Agente de organização escolar**

**Trabalha há 14 anos no ICA**

**Natália:** Como é a rotina no ICA?

**Isabel Cristina:** Às sete horas da manhã, as crianças da manhã, eu acompanho a chegada deles, 7h30 eu acompanho eles pro café, oração e todos tomam o café. Oito horas eu bato o sinal, todos vão para as atividades, eu acompanho algumas crianças o acompanhamento médico, sou eu que ligo e agendo, crianças que vão no neurologista eu acompanho junto com um responsável. Faço o acompanhamento e atendimento de pais e responsáveis aqui dentro da organização; geralmente com uma educadora, a gente sempre atende em duas pessoas. 9h30 tem o sinal, que é o horário do leite das crianças, daí, geralmente, eu acompanho também as crianças até o refeitório, eu dou uma caminhada pela organização, pra ver como é que tá. As crianças também cuidam da limpeza da organização, daí eu supervisiono e também sou eu que separo a turma que vai durante a semana inteira, cada semana vai uma turma, até passar todas as crianças. 9h50 é o sinal para o retorno para as atividades e eles ficam nelas até 11h20. 11h20 é o sinal para o almoço que eu acompanho também, durante o refeitório. Sou eu quem organizo eles nas mesas, geralmente em cada mesa tem um líder, que é um adolescente que organiza a mesa dele, limpeza. Qualquer problema na mesa é passado ao líder e depois para mim. Quem estuda longe, já almoça e vai saindo e a saída é pelo refeitório, e eu acompanho também a saída dessas

crianças até 12h20, que sai uma turma grande das escolas próximas. 12h45 eu bato outro sinal que são as crianças que estudam bem próximo, no Sinhazinha, saem e o período da tarde já chegou e 12h45 vai almoçar. Até 13h20 eu estou com eles no refeitório, a mesma rotina do almoço da manhã. 13h30 eu dou o sinal para eles entrarem pra suas atividades, e nesse momento tem criança que vai pra reforço, que vai pra fono, que vai pra médico. Aí eu já libero eles e vou almoçar. Das 13h30 até as 15h é meu horário de almoço. 15h é o intervalo da turma da tarde e nesse momento é servido uma fruta, e quando é possível eu também acompanho esse momento. 15h20 é o retorno pras atividades, mesmo processo da manhã e vai até 17h. Às 17h tem o sinal, eles vão para o refeitório, lancham e eu também estou com eles nesse horário, 17h20 abre o portão. Nas sextas eles saem 17 horas. Daí o lanche é servido mais cedo. Aí eles vão embora. Fora esses atendimentos que eu valei, atendimento de pais, nós estamos também com um projeto que chama Espiral da Leitura. Eu preparo os jovens daqui e eles vão levar leitura em outros espaços, tanto para crianças e adolescentes, quanto para idosos. Nós vamos numa escola municipal, todas as crianças dessa escola de segunda a sexta-feira. Sempre no período da manhã, das 7 às 8 e a tarde das 13 às 14. E no asilo a gente vai de segunda feira quinzenal. Também faço parte da Equipe Técnica do ICA, que nós somos em quatro [pessoas]. Essa equipe técnica sou eu, a Roberta, a Carla e a Maria Isabel, que toma as decisões referentes a educadores, às crianças, de assuntos mais técnicos mesmo.

**N:** Então você é inspetora e coordenadora?

**IC:** É, de tudo um pouco [risos].

**N:** Como funciona o espiral da leitura?

**IC:** São os alunos mais velhos. Essa formação é da Abriq, o Mudando a História. É uma parceria com a fundação Abrinq e quem fazia essa pareceria era a Nokia. Aí a Nokia encerrou o prazo em São Paulo em 2011 e ficou somente em Manaus. No interior de São Paulo só tem nós e nós fechamos até o final do ano e estamos caminhando, até quando der o recurso. Ver se alguma empresa, alguém vai ajudar... O ICA vai caminhando nesse projeto há sete anos. Os livros são da biblioteca daqui doados de uma parceria com o HSBC.

**N:** Como funciona a seleção das escolas participantes?

**IC:** No início, nos formamos os leitores e procuramos parceiros. Depois houve vários pedidos, mas não temos condições, até porque nossos jovens têm outras atividades. Então, nós estamos no Dona Sinhazinha, que é aqui do lado, e nos outros dois asilos eles têm van que vem buscar a gente. Os asilos é o Coronel João Leite e o Lar São Francisco. Já passamos por outras escolas, mas é preciso que os professores de lá também comprem a ideia, mas a gente sabe que no Estado se ele não tiver ganhando, fica difícil, querem que a gente também coordene para eles, aí fica complicado.

**N:** Como é nos asilos?

**IC:** Não é só leitura para os idosos. Lá nós conversamos, eles contam da vida, da família, porque estão lá... Quando a gente percebe que eles dispersam muito da leitura, tentamos retomar. Já encontramos idosos lá que eram professores e começa a contar da época que trabalhava na área da educação. Alguns pegam os livros e querem ler, mas nem todos conseguem. Mesmo os que não enxergam, a gente pega na mão e faz sentir o livro, fala o que é. Alguns não conseguem ouvir, mas podem visualizar.

**N:** Como são as atividades nas escolas?

**IC:** No Sinhazinha a gente tenta não sair muito da rotina, chegamos na sala de aula, e em cada carteira deixamos um montinho de livro. Daí as crianças terminam, levanta a mão, chama, pra trocar de livro, ou um troca com o outro. E isso dá 50 minutos. Cada dia nós atendemos uma sala, do 1º ao 5º ano, todas as crianças recebem leitura. Crianças que já são alfabetizadas leem sozinhas e quem ainda não era alfabetizada no começo do ano os mediadores liam pra ela, mas

agora já estão lendo sozinhas. No asilo costuma fazermos a leitura. Se houver algum que queira fazer a leitura pra ele, tudo bem, senão somos nós que lemos.

**N:** Tem algum aluno responsável?

**IC:** Martina é a mediadora responsável pelo Sinhazinha. Cada dia vão de dois a três educandos com ela. Assim, todos uma vez por semana devem fazer leitura, a não ser ela que é monitora e tem que acompanhar todos os dias.

**N:** Como é ser inspetora?

**IC:** Sei os nomes de todos, só uns últimos que entrou agora que são todos parecidos e ainda não consegue decorar os nomes [risos]. Sei da família, temos muito contato com as famílias.

**N:** Como é ver eles entrando pequenos e depois saindo maiores?

**IC:** É muito bonito! Porque você vê entrando criança e depois quando você vê, 17, 18 anos. É uma evolução muito grande, em relação a comportamento, física, familiar. Há uma mudança muito grande a partir do momento que eles entram na instituição e com a saída deles. É lógico que nem todos a gente consegue atingir. Dos 250 todos nós vamos chegar lá? Não, mas uns 230 a gente consegue. A maior diferença é no comportamento e na educação, mas é num todo, até na família. E quando a gente encontra com eles lá fora tão fazendo faculdade, já casaram, têm filhos... Alguns até vem trazer o filho aqui pra mim conhecer.

**N:** E como é fazer parte disso?

**IC:** Pra mim é muito maravilhoso. A organização é muito boa, muito transparente, clara no trabalho que faz, muita preocupação em relação ao jovem, ao bem-estar, ao crescimento deles, está em primeiro lugar aqui pra gente. Se os funcionários estão bem, vai receber bem a criança, vai trabalhar bem e aí consegue atingir a criança também.

**N:** Quais os principais problemas que eles dão?

**IC:** Esquecer uniforme, chave, mochila... Só que aí eu trabalho bem firme com eles. Uma das pequenas responsabilidades deles é cuidar da chave e vir de uniforme. Como que você sai da sua casa pra um lugar que você tem que usar uniforme e vem sem? Eles entram sem, mas comunico os responsáveis.

**N:** Por que não tem mais a contagem por estrelas?

**IC:** Já não tem mais porque não vemos com tanta finalidade. E era para um grupo menor de crianças, 100, 120. Hoje estamos com 250. Você imagina cinco estrelinhas pra cada um! [risos]

**N:** A família participa?

**IC:** A maioria participa. Mesmo aquela que a gente liga, a gente vai trabalhando. De um jeito delicado, porque se for muito firme não vai, mas também não pode ser muito mole. Você tem que ir trabalhando com a família, até que a família veja a importância pro filho. Muitas vezes a família tá numa posição tão delicada que não consegue enxergar a importância pro filho. Então temos que fazer a família participar, ver o trabalho da instituição e ver as mudanças que vai acontecer com o filho.

**Maria Isabel Somme**

**Coordenadora geral**

**Trabalha há 1 ano no ICA**

**Natália:** Como é a estrutura do ICA hoje?

**Maria Isabel:** Aqui no centro é só o ICA, mas fora são quatro pontos. Ou seja, nossa ideia mesmo é sair desse espaço da sede e ir aonde a realidade social caracteriza. Multiplicar a proposta dentro de um contexto social. Então, a gente trabalha com o jovem e eles voltam pra

realidade deles num processo já diferente. Hoje aqui dentro são 250 e lá fora a gente tá com 370, dá aproximadamente 700 atendimentos. Isso sem a mediação da leitura, que dá em torno de uns 200 atendimentos, que é direto, mas é menos hora.

**N:** E como vai funcionar a nova sede?

**MI:** A ideia não é crescer muito o atendimento na sede, é ele ser um polo radiador. A criança ou o jovem que tá lá fora, dentro das escolas. Reconhecendo alguém que tem talento, que demonstrou interesse, ele vem pra dentro, pra aperfeiçoar, se tornar monitor, educador... E a ideia é ter a mesma estrutura, talvez no máximo, 50 mais. Porque a gente precisa ampliar mais nossa faixa etária, a gente começa com 10, talvez a gente começaria a partir dos seis. Mas ainda é um desenho do que vai ser realizado.

**N:** Como acontece a matrícula?

**MI:** Mesmo o indicado pela escola, não acontece nada se ele não passar por uma entrevista. Porque geralmente a gente não aceita que vem direto da escola. Como que ele chega: através do Conselho tutelar, da Vara da infância ou vem do Departamento Social da Educação, ou seja, ele já é um caso de risco. Ou de violência familiar, ou drogas, ou situação social de extrema pobreza. Então, ele está numa esfera social de necessidade. Não existe, por exemplo, “vou tentar uma vaga”. Não existe, vai ter sempre Serviço Social de Educação.

A gente faz todo um levantamento, de estrutura familiar, da casa, desde o espaço físico, como é o hábito, se a mãe trabalha, qual a disposição, que disposição é essa, se é uma família com pai e mãe, vó que cria neta, mãe que assume a casa... Então, a gente já tem um primeiro contato com a realidade da criança que faz parte dessa entrevista. Daí, os dados são analisados, eles que criam o processo de análise, porque todos que chegam têm a necessidade de atendimento. A gente até tem 1% dos nossos casos que vem por contato da Cisa [Tarcísia], ou da Stela [Maristela]. A gente até tem o caso de um profissional nosso que tem filho que estuda aqui, ou sobrinho, mas é pouquíssimo. Então a gente tenta equilibrar esse processo. Isso está no regimento interno, tem documento que institucionaliza isso e credita o ICA junto à assistência social, porque ele é um projeto socioeducativo, social e educacional, mas ele é antes de tudo, social. Ele existe porque a gente escolheu trabalhar com esse público, e isso faz a gente conversar com a assistente social, com a educação e com a cultura, mas primeiro com o social.

**N:** Existe uma lista de espera?

**MI:** Tem. Por exemplo, essas crianças do Sinhazinha [escola primária da cidade] que te falei, tá na rede de atendimento, Casa da criança que atende até três anos, depois ele cai pro Educandário até nove anos, aí vem pro Sinhazinha e no período contrário ele vem pro ICA. Então, por ele estar nessa rede de atendimento, ele já é um caso. A gente recebe do Sinhazinha de 20 a 30 alunos por ano. Se a gente pegasse o extrato agora, acho que a gente vai ter em torno de 40 a 50 crianças, que vai acumulando pelo ano. Mas se pegar uma média, é de duas a três crianças por semana. Eu tô com três ofícios já do Conselho em cima da mesa. É que assim, a gente faz uma integração no começo do ano. Esse ano a gente fez em fevereiro, que é a chegada. Em janeiro a gente faz a integração com os pais. Aí depois a gente fez em março e abril. A gente precisa para completar os 250 e agora se a gente tiver vagas em aberto, é caso de família que mudou, ou a guarda que estava com o pai e passou pra mãe e ela vai pra outra cidade, ou o jovem que encerrou o ciclo dele aqui, ou prestou um curso técnico que seria o período que eles estaria aqui... Então, são esses casos. Não dá agora pra abrir uma turma, a gente abre com 20 a 25. Mas acredito que no final de agosto a gente complete. Não é uma prática comum, foi atípico esse ano, manter o nível de atendimento. Nosso critério é 10 anos, começa com 10 anos. Ele pode participar com 14 anos nos dois CRAS, aí é com qualquer idade e até com menos de 10 anos. Lá fora é um pouco mais flexível.

**N:** Como é trabalhar numa ONG?

**MI:** Eu já conhecia o ICA, trabalhei na parte organizacional, RH, dou aula... Então, é uma escolha pessoal, pela causa e acho que como contribuição também. À parte disso, da minha



escolha pessoal, eu acredito que é um movimento único, participar de um projeto sério, você consegue ver o processo da criança, o desenvolvimento, o descobrir-se. E pela potencialidade, pelas experiências produtivas, eu acho que é um espaço social maravilhoso, de reconstruir o tecido social individualizado. Melhorando cada um, você está melhorando um contexto. Como a gente mesura isso? Difícil, né? Acho que é um processo contínuo, é um desafio pra gente por em prática os métodos de trabalho, e esse é o desafio da ONG. É um ritmo assim, você tem que se articular bem com o público, com a rede de assistência, com promoção social, conselho tutelar, sistema de garantia de direitos, com a educação e, no caso do ICA, com a cultura ainda, porque a gente conversa com as três frentes. Então, assim, você vai de A a Z várias vezes ao dia. É uma gerência de competência técnica, mas a cima de tudo humana, nesse processo. Formar equipe, a gente tem vários desafios simultâneos, não é único. Não acredito que seja privilégio do ICA, mas pra responder a tudo isso você tem que ter uma capacidade de resposta muito conectada com as tendências de mudanças do mundo, historicamente falando. Aqui você tem que desenvolver as coisas por barreiras. Você tem que avaliar um pouco a comunicação, a captação, o financeiro, o orçamento, a diretoria. Você tem um leque de frentes. Existem as dificuldades, têm que ser resolvidas, sem dúvida, continuamente, e não são pequenas, mas você se conecta todo dia com coisas maravilhosas. Antes eu falava que pequenos milagres acontecem aqui todos os dias, mas não é, é muito trabalho.

N: Como é fazer um trabalho que, teoricamente, cabe ao governo?

**MI:** Qualquer ONG cumpre um papel que não está sendo cumprido pelas políticas públicas, seja ela qual segmento for, pode ser do idoso, da criança, do adolescente. Uma ONG atuando em um espaço social, ela está ocupando um espaço de alguém que não está fazendo o seu [trabalho]. Inicialmente ela nasceu pela caridade, e ainda existe esse movimento, algumas nasceram pela caridade e não conseguiram a sobrevivência e outras que ainda sobrevivem. Isso ocupa uma ação da sociedade civil, é uma articulação, que ao mesmo tempo é uma oportunidade, a gente ocupa um espaço pra fazer um trabalho bem feito, ele não é menos exigente, como a gente falou agora. Você tem que sair para captar verba, pra manter isso. É aproveitar os incentivos fiscais, que na verdade o governo delibera, mas pra que se faça um papel que seria dele. É um sistema esculpido. É uma perspectiva assim: a gente luta mais reivindicando ou luta mais agindo? Porque realmente, enquanto você trabalha nesse viés, você não está deixando os problemas sociais se ampliarem, isso no governo é uma estratégia também. Fazendo uma análise superficial, de fato é isso. Seja qual área for. Isso acontece no esporte, no idoso, na saúde. Onde existir uma ONG existe uma parte do tecido social que está sendo trabalhado que a política não está conseguindo alcançar. A gente ainda trabalha com uma dualidade, de realizar e conseguir ter um nível de exposição, mas ainda um pouco de dor de cotovelo [das outras instituições].

Olha quantas relações estão instituídas e que tem que transformá-las numa rede saudável. É um processo histórico que está sendo construído. Por outro lado, acredito que a crítica tem que ser continuamente visitada para que você entenda esse contexto, prepare também o jovem, essa rede de articulações, para que cada vez mais criticamente a gente ir atualizando. A gente que trabalha um pouco nessa perspectiva de enxergar a educação, a gente até costuma falar que é a educação não formal. E é muito interessante isso, porque falando com alguns educadores, inclusive nos programas de mestrado, tudo é educação. Se você pensar, até quando você vai fazer um prato de doce, é um processo educativo, você aprendendo a realizar aquilo, e não uma educação não formal, a educação não acontece só no espaço de formação. São várias discussões, aqui você encontra esse canal de troca, de aprendizado, de pesquisa. Dentro de um projeto como esse, o que ele traz de facilidade? Eu acho que tá pra assumir a forma que a própria missão, visão da instituição delimita. Você pode pensar na arte como ferramenta pra contribuir pra esse processo. E aqui, com a arte, dá pra você pensar na literatura, no circo, no teatro, na dança, na música, são vários canais. Dá pra você pensar na formação, em camadas, por que ao mesmo tempo em que você contagia a criança, você contagia a família, você traz a família para esse movimento também. A criança é esse veículo, esse canal muito vivo. Então, você não consegue medir as

repercussões disso, enquanto elas estão sendo lançadas por um processo social eufórico, que está em transformação.

**N:** Como funcionam os editais que o ICA participa?

**MI:** A gente já tem histórico, acho que no ICA essa é uma das forças. A gente conhece um pouco quais são os principais editais, um pouco dessa linha de abertura. Não é um processo fácil, porque, como você falou, como você fica sabendo de uma coisa que saiu hoje. Então, você tem que estar alinhado, tem que ter uma pessoa que tem um pouco da nossa história, mas também tem as mudanças, legislação, tendência. Às vezes, a gente participou de um edital dois, três anos atrás e hoje ele vem com uma nova roupa. Você tem que enxergar essas referências, “olha, esse edital tem tal finalidade”, e a gente tem que tomar cuidado também, porque às vezes você quer concorrer a um edital e muda um pouco sua prática. Todos têm um tempo determinado. Por exemplo, a Lei Rouanet você cadastra um projeto, como foi a arte-educação, no nosso caso foi de 13 milhões, você pode captar até 13 milhões. Acabou esse valor, você tem que prestar contas disso, num processo transparente, claro, com todas as documentações, todas as ações que você colocou no seu projeto, seu plano de trabalho, foto, imagem, reportagem de jornal, você tem que relatar tudo. Percebe o processo pra gerenciar tudo isso? Terminou aquele valor, encerrou aquele projeto, você tem que fazer outro projeto. Se você já tiver um projeto cadastrado, não pode colocar o segundo, isso é Lei Rouanet. Você ter feito a aprovação do projeto acontecer não significa que você conseguiu realizar o projeto, aí que é o desafio, que é bater na porta da empresa e conseguir a verba pra apoiar aquele projeto. Ao invés dele pagar um valor de imposto, ele vai direcionar. O que ele pagaria de imposto pro governo ele deduz no valor dele, até 6%, em alguns casos é até 2%, ele deduz isso para o projeto. E funciona assim com Lei Rouanet, que é imposto de renda, e com ProAc que é ICMS. E depois de captar, realizar e prestar contas daquilo. Em editais funciona assim. Em parcerias, por exemplo, com a prefeitura, com o Departamento de Promoção Social, você tem que apresentar o projeto, a promoção social tem um corpo eletivo, tem um conselho. Eles têm, sei lá, 100 mil reais para dividir com todas as entidades, e vem quanto cada um precisa. O projeto do ICA, por exemplo, por ano ele custa 999 mil reais, a gente consegue, 40, 60 mil dessas parcerias. Mais uma vez, mesmo enquanto promoção social a gente está cumprindo um papel que seria do município. E aí parece que você está pedindo pra eles te apoiarem. Olha o paradoxo disso, é essa relação.

**N:** Como funciona com as fundações?

**MI:** A gente foi apoiado uma vez pelo Criança Esperança, há três anos. Então, naquele ano eles destinaram um valor, mas era pra aquele ano, aquela sessão. E a gente tentou todos os anos, mas não conseguiu. É sempre temporal, pra um projeto específico, por um período específico. Não existe nenhum processo de apoio que ele seja continuado. O BrazilFoudantion é um projeto também. Eles apoiaram duas vezes. Esse último que a gente conseguiu, eles lançaram o edital para as empresas que eles já tinham apoiado, para eles apoiarem financeiramente para as ONGs estabelecerem a memória deles. Por exemplo, a gente recebeu 30 mil, para entrevistar pessoas que passaram pelo ciclo do projeto, fazer essa sistematização com as crianças, metodologia, ou seja, ela ajudou a gente a ressuscita essa prática de gestão, estabelecendo memória disso, criar materiais para que isso se tornasse monumento vivo, em troca desse apoio. Isso ajuda a gente a manter, mas tem uma finalidade, você tem que realizar aquele projeto. Então, não tem nada gratuito. Não tem um apoio gratuito. Mesmo a Criança Esperança, você cadastrou um projeto, você tem que prestar conta daquelas ações. Eles apoiam que você realize, sempre parcial, nunca total. Você nunca vai conseguir um projeto que assuma o que a gente custa num mês. Sempre tem uma contrapartida, aí você tem que buscar parceiros para compor essa despesa.

**Maristela Mason Albejante**  
**Vice-presidente do ICA**

**Natália:** Me conta um pouco como foi o começo do ICA.

**Maristela:** Era um sonho da minha mãe e do meu pai há muito tempo, montar alguma coisa em Mogi Mirim, entidade pra ajudar as pessoas menos favorecidas. Quando eu cheguei de Rondônia, que foi em 81, eles já me abordaram, achando que eu fosse montar. Mas eu tava grávida do quarto filho, morei cinco anos em Rondônia, tive três filhos lá e dois aqui. Mas eu disse: ah, mãe, não... [dá]. Eu comecei a trabalhar na Casa da Criança e na Apae como voluntária, com minhas crianças atrás, mas não pra assumir alguma coisa no porte de montar alguma coisa. Que fosse uma ONG pra 40 crianças, como começou, eu não tinha pique pra isso. E com o passar dos anos continuou esse desejo dela e dele. E quando meu pai faleceu, minha mãe acabou ficando mais com os netos e ela viu mais ainda a dramática da criança e do adolescente em Mogi Mirim. E foi quando ela começou a tomar de novo à frente com a Tarcísia. A Tarcísia, realmente, desde do início, abraçou junto com a minha mãe. Minha mãe ficou um ano no ICA e o ICA tem 15 anos. A Tarcísia foi atrás da Ana Maria, esposa do Vadão, que ajudou bastante na época, porque tinha experiência com uma ONG. Foi atrás da Maria Ângela também, que ajudou bastante nesse momento. E minha mãe, lógico, ia e queria montar e sempre botava a pitada dela. Tanto que alguns irmãos achavam, por experiência já, em algumas instituições da cidade, todos trabalhavam em alguma, (Apae, CCI), e eles falavam: mãe, menino e menina não vai dar certo, vamos colocar só menino ou só menina. E daí foi muito difícil pra minha mãe, e ela disse: não, vou montar uma coisa pra menino e menina, por que nessa faixa etária, eles gostam de estar juntos. E começou aquele monte de preocupação, que tem que considerar mesmo. No tanto que minha mãe chegou a ficar uma época rouca, sem fala e foram meses. Quem ia montar, como que ia montar, como que a Viação ia pagar, porque erámos irmãos, mas eram nossas ações lá dentro. Colocamos a mão no bolso também, mas quem ajudou no início foi a própria viação. Aí minha mãe foi na fono[dióloga] e ela disse: olha, Dona Sofia, a senhora engoliu um sapo. Minha mãe ficou brava na época, não gostou, não entendeu muito. Eu entendi porque era um vocabulário mais fácil pra mim. A senhora tem alguma coisa que engoliu que a senhora não gostou, não digeriu e está na garganta da senhora. Depois de uns dias ela [a mãe] disse: olha Stela, eu quero montar o ICA pra menino e menina, e tem irmãos seus que não querem. Ou eu monto pros dois ou eu não monto, mas eu vou montar! [risos] Minha mãe era muito paciente, o que ela queria ela não tinha pressa e não batia de frente também não. Raríssimas vezes. Ela conseguia as coisas mais na sabedoria. É a idade, né? Acabou todo mundo concordando, porque no Educandário e Casa da Criança é tudo dois sexo, e depois chegar aqui vai separar? E ela acabou montando. E pra nossa alegria, pra nossa gratidão a Deus, nós não temos um caso de gravidez até hoje, em 15 anos de ICA. Tem casinho, que a gente pede pra aqui dentro não namorar. A gente sabe que nessa idade o menino precisa da menina e a menina do menino. Eles passam o sábado todo aqui, tem acampamento, férias... Jovem quer estar junto. E uma coisa que eu acho que deu certo no ICA é isso. Então, intuitivamente, ou inspirada pelo Espírito Santo, minha mãe já sabia das coisas. Agora, quem montou mesmo o ICA, quem ajudou, quem fez, foi a Tarcísia e ela. Passaram muitas pessoas boas pelo ICA, muitos voluntários, até hoje nós temos. Profissionais da cidade. E outro diferencial do ICA, é que não é o profissional que vai à entidade, é a criança que vai ao consultório do dentista, do médico, da psicóloga, da fisioterapeuta, ou vai à escola de balé, de computação, de artes. Então, isso fez também com que as crianças do bairro, que tem menos acesso, menos oportunidades, a frequentarem lugares que qualquer nível social podia frequentar. Foram incluídas. Por que a Tarcísia sempre dizia assim: eu quero que vocês mandem as crianças tomadas banho e cheirosas. Porque meu marido trabalhou muitos anos como voluntário, só que uma coisa que constrangia, às vezes, é como chegava o cliente pra ele. Outra coisa: a maneira como a Tarcísia e a equipe dela, com minha mãe, cuidaram dessa ONG, fez um grande diferencial pra cidade, tenho certeza disso. Eu me lembro quando a gente começou, minha mãe disse: não vamos por pratos de plástico, vai ser de louça, não vai ser colher, vai ser garfo e faca, são jovens, adolescentes! Não tem copo de plástico, é como de vidro, e eles vão se servir. Então, ela deu um monte de autonomia, um mundo mais belo, um mundo normal que todo cidadão merece, ela deu oportunidade aqui. Tanto que o desperdício de comida aqui é mínimo, não é zero infelizmente, ainda, mas vai ser. Por que se colocou no prato, tem que comer. Isso já dá consciência, já dá uma autonomia responsável, que às vezes não tem em casa.

**N:** Como era os trabalhos voluntários?

**M:** Quando montou o ICA, foi um momento que muita gente quis contribuir. Muita gente tem relação com nossa família. E todo mundo queria ajudar. O que você pode fazer? Ah, eu vou dar aula de reforço escolar. Nós tínhamos professoras aposentadas que eram o elo nosso, das nossas crianças, com as escolas. Elas iam nas reuniões de pais, que os pais muitas vezes não iam, pra saber do aluno do ICA. Depois a gente mudou nosso plano estratégico, indo mais pra arte-educação, que foi um grande ganho nosso. Por que não adianta a gente ficar fazendo uma coisa que não é papel nosso. Papel do governo é da educação é educar, alfabetizar. Nosso papel é o contraturno escolar. É dar a outra parte, ele se relacionar com o mundo, ser um cidadão. Minha mãe sempre dizia quando perguntavam o porquê do ICA: eu quero que as crianças saiam gente do bem e gente boa. Gente boa pra ela significa o que, eu acho, respeitar a Deus e respeitar o próximo e a si mesmo. É esse triângulo, não é mais do que isso.

**N:** Eu vi que a religiosidade está bem presente aqui

**M:** Desde o início nós tivemos voluntários da fé bahá'í, no tanto que essa oração [aponta pra parede do refeitório] é fé bahá'í. Portanto, desde o início a gente teve muito cuidado com isso, porque nós somos católicos de origem, mas a gente aceita qualquer religião. Aliás, minha mãe sempre dizia assim: feliz de quem tem uma religião, com Jesus Cristo, melhor ainda! [risos]. Queira ou não, no nível educacional/cultural que nosso país está, a religião ainda ajuda muita gente a se formar. Não digo o estado de São Paulo, mas mesmo aqui, é verdadeiro. Você vai pra esse mundão, morei em Rondônia, a gente vê que é muito forte.

**N:** Qual era a problemática que originou o ICA?

**M:** Ela foi presidente primeiro da Casa da Criança, não sei quantos anos, foram muitos que ela trabalhou lá direto. Depois ela foi pro Educandário. Então a criança começava com meses na Casa da Criança, ficava até sete anos e ficava até os dez no Educandário. Eu fazia de vez em quando um clube das mães lá no Educandário, umas palestras. E o desespero das mães: no final do ano vai está onde meu filho? Vai pras drogas? Pro sexo? Vai pra onde? Porque a vó não quer ficar mais, a tia também. E eles também não querem mais. E daí ela [Dona Sofia] montou aqui pra primeiro pegar as crianças do Educandário que viesse, depois começou a Alma Mater na cidade e ela começou pegar de lá também e foi pegando. Só que hoje não é mais assim. Hoje a demanda é tão grande, tão grande que às vezes o Conselho Tutelar tem crianças antes do Educandário.

**N:** Qual você acha que é o diferencial do ICA?

**M:** Hoje tem muitos editais e esse foi o grande diferencial do ICA, além de incluir as crianças. Uma menina que passou por aqui queria ser operada com o uniforme do ICA. “Eu quero que o médico saiba que eu sou do ICA”. Porque ela queria ser bem tratada, ser diferenciada. Tem muitos professores, mais no início, agora pararam, que se encontravam comigo e diziam: ai Stela, você tem que fazer alguma coisa, eles não são bons alunos e nem acaba a aula e já querem se trocar e ir pro ICA. No começo eu falava, que estávamos tentando, havia professores de reforço. Mas depois de um tempo eu disse: escuta, vocês é que teriam que rever o que estão fazendo. Se eles estão loucos para estarem lá, porque querem sair correndo de vocês? Eles não queriam mais almoçar lá, queriam almoçar aqui. Não é que lá tá errado e aqui tá certo. É que a gente começou de uma maneira, com algumas intuições diferentes. E as pessoas que passaram aqui, ajudaram nessa ideia da comida. Eu também palpitei, como palpitei na viação. Aprendei muito em Rondônia, nossa, como aprendi naquele lugar!

**N:** Qual seu envolvimento com a ONG?

**M:** Eu me aposentei da Viação faz seis anos, aí eu vim pra cá. Mas assim, muito pouco, sabe? Porque eu já trabalhei 25 anos em gestão e eu não quero mais isso pra mim. A Tarcísia queria muito, mas eu não quis. Prefiro muito mais cuidar da meninada, vim falar com eles na Páscoa, Dia das Mães, ser jurada. Quando precisa viajar, São Paulo, Rio de Janeiro, eu vou. Eu tenho

condição social muito boa, a Tarcísia também. A gente pega o nosso carro e vai. E não precisa tirar gente daqui do dia a dia. Se bem que quando precisa o povo vai, estão em Pernambuco, já foram pra Salvador, Goiânia.

**N:** Como são essas viagens de capacitação?

**M:** O próprio pessoal, quando tem [cursos], já manda passagem. A gente faz uma viagem, acho que é uma ou duas por ano, que vamos a São Paulo visitar museu, Hopi Hari, antes a viação dava o ônibus, hoje ela dá com 50% de desconto.

Sobre o diferencial do ICA, além de incluir a meninada, minha mãe teve essa preocupação deles terem essa autonomia responsável. A Tarcísia mudou um pouco a cara de ONG Mogi Mirim, a Tarcísia não, o ICA. O primeiro desfile que teve do ICA, a Tarcísia ligou na viação pra mim e disse: Stela, eu quero por nessas crianças um uniforme lindo, igual vocês desfilaram no aniversário do colégio Imaculada. [colégio tradicional da cidade] O desfile foi um evento. E a Tarcísia disse que queria igual ou melhor. Eu falei: você tá ficando louca? E ela: eu quero dinheiro. Enfim, colocaram a criançada e não ia tocar nada, porque não tinha instrumento. Até hoje ainda tem uns uniformes aí. Era um chapéu azul marinho, pena amarela. Eles entraram, as mães... Você imagina, se minha mãe ficou orgulhosa de eu estar lá, imagina uma mãe que não tinha oportunidade, a mãe dessas crianças! A partir daquele ano, todas as ONGs e escolas melhoram o uniforme.

Também tem o Educandário: o ICA começou há três anos fazer monitoria lá, de circo, teatro, dança, música e leitura. Eles concorreram ao Unicef o ano passado, ficaram semifinalistas também, ganharam 20 mil reais. É mais uma que tá indo. Tá demorando um pouco, a gente pensou que fosse mais rápido. Mogi Guaçu, por exemplo, eles são bem mais abertos. O próprio conselho CMCDA deles é outra cabeça. Você pode dar verba direcionada, é 20% pro conselho e 80% pra aquela ONG que você conhece e tá fazendo um bom serviço. Em Mogi Mirim tudo que dá tem que vir igual, não importa se você tem 100, 50 ou 30 crianças. É igual por entidade, nem por número de criança. Estamos tentando mudar isso, vamos ver... Vocês enquanto líderes de uma comunidade têm que valorizar, pontuar, premiar aquele que é melhor, para que todo mundo copie. Quando fica uma coisa meio assistencialista... O ano passado a gente tinha a oportunidade de trazer 75 mil pra Mogi Mirim, 25 pro Conselho, votaram e não concordaram. Não tão precisando de dinheiro? Se a gente fosse pro jornal e falasse: oh, gente, vocês tão se matando pra comprar pizza, bingo, só que chega na hora eles tão abrindo mão de 25mil reais. Às vezes uma pizza dá 2 mil reais, no máximo 5 mil. Não tem explicação, é uma coisa divina pra abrir as cabeças.

**N:** A burocracia dos editais atrapalha?

**M:** Hoje pra abater impostos você tem que ter um projeto aprovado pela Lei Rounet. Todo ano, todas as empresas podem direcionar X por cento, eu não sei quanto, de imposto que é devido pra Receita Federal, acho que 1% pessoa jurídica e 6% pessoa física. Mas é tudo informatizado pra eles. Na hora que você põe seu imposto de renda você põe lá: declaro 1% pro projeto número tal da Lei Rouanet, porque tem um monte de projeto na tela, e você pode doar pra qualquer projeto do Brasil todo. Então, a Santa Cruz, como qualquer outra empresa. Só que pra entidade ganhar, ela tem que ter projeto aprovado, e aqui em Mogi Mirim ninguém tem projeto aprovado, só o ICA e parece que agora a Banda Lyra conseguiu pelo ProAc. É mole? E o ICA está aprovado há 12 anos. Todo ano você tem que prestar conta, porque se você não fizer certo, eles cortam você fora. Dá muito trabalho. Mas você tem que passar a limpo todo ano e esse é o maior ganho, você está toda vez se revisitando e acertando. Então você vai melhorando a maneira estrutural. ProAc é no estado de São Paulo é uma lei que tem mais ou menos 5 anos, todos os artistas, cantores, ganham ProAc. Aquele que escreve um projeto e manda pro Ministério da Cultura, mas esse é muito dinheiro. Por exemplo: todo mês, a Santa Cruz, a Eaton, todas as empresas têm que pagar o ICMS pro Estado de São Paulo porque fazem transporte. Só que na hora de você pagar tem que falar: eu vou direcionar o percentual (4%?) que eu posso pro projeto tal, mas é tudo dentro do próprio programa do estado. Não é nada pelo ICA, o ICA só está aprovado pelo programa. O bacana é que não tira dinheiro do bolso, aquilo que você

pagaria de imposto, você doa. E qualquer instituição do Brasil, é só as pessoas conhecerem. Mas tem que prestar conta de tudo e se tiver um probleminha é barrado. Acabei de escutar que em Jundiá está com problema, era pra atender 18 mil e está atendendo só 10. A Baumer fez uma parceria com a ETEC pra formar alunos pra ela, o metal mecânica. A Baumer, a Balestro e a Tenneco dão um percentual que eles podem dar, não é muito, além da lei.

**N:** Por que você acha que não há um reconhecimento maior no ICA na cidade?

**M:** Não tem mesmo. A gente tem o Quintal Cultural e a gente nem faz mais muita propaganda porque senão lota e não temos como controlar muita gente. Mas temos um calendário gratuito, cultural, que a gente tem na cidade há quase quatro, cinco anos. Quando fazemos no bairro vai umas 800, mil pessoas, que ficam quietas, assistem e aplaudem. Tem uma parte cultural, tão bonito isso! Mas não sei porque é assim [a falta de reconhecimento]. Na periferia a gente é muito reconhecido, mas não sei onde a gente não é reconhecido, talvez na prefeitura, não entendo também...

O Itaú [a futura sede de TI do Brasil será na cidade] quando veio pra cá, o prefeito não conseguia falar com o chefe do Itaú. E ele conseguiu por causa do ICA [por meio da premiação Unicef]. Tava tudo encaminhado já, mas ele queria falar pessoalmente pra tentar trazer pra cá. “Ah, mas a família Mazon tem dinheiro, tem que ir bem mesmo o projeto”. A gente escuta falar isso. Mas quantas famílias têm dinheiro e não fizeram isso? A gente faz bastante, mas pelo tamanho do projeto, muita mais gente ajuda. Nós até temos um projeto de fazer algo no centro da cidade um sábado por mês, pra ver se a gente propaga mais, só que a gente precisa de dinheiro. Porque não pode começar e acabar, tem que durar pelo menos três, quatro anos.

### **Martina Helena Pinheiro dos Santos**

**16 anos**

**Monitora de dança e mediadora do Espiral da Leitura**

**Está há 6 anos no ICA**

**Natália:** Como é o Espiral da Leitura?

**Martina:** A gente vai nas escolas, todo dia, cada dia numa sala. As crianças que vou são de cinco anos, porque são à tarde, de manhã são maiores, só de sexta são de 10 anos e com eles eu só faço a primeira leitura. A gente chega, conversa com eles primeiro. A gente faz a primeira leitura e a gente entrega um punhadinho de livro na mesa de cada um, eles leem, e depois a gente faz a última leitura, quem quiser vai na frente e lê. Eles também escolhem: tia, lê esse aqui hoje. Vai eu como responsável e mais três mediadores.

**N:** Como é por ser fora do ICA?

**M:** Eu não tô desde o começo, eu peguei na metade, mas eles estranharam. Porque era a Liliane primeiro e depois chegou outra tia. Aí, ficaram meio assim. Alguns são sem-educação um pouquinho, mas aí vai mudando com o tempo, vai passando. Agora eu sou aceita pela sala toda, mas antes eu não era muito não. Eles achavam estranho, porque você acostuma com um, aí vai outz...

**N:** Como fica a professora durante as leituras?

**M:** Antes ela não ficava, mas eles começaram a dar muito trabalho, aí ela começou a ficar e ela dá uma maneira. Mas é porque ela conhece, né? E é uma hora por dia.

**N:** E o que você acha? Você gosta?

**M:** É legal por causa do carinho. A gente chega na sala aí eles falam “oi”, vem correndo e abraça. E com o tempo a gente vai lendo pra eles e como eles são pequenininhos, a professora fala pra gente: vocês tão ajudando tanto essa criança, a ler, a entender. Por que além da gente ler, a gente mostra as figuras e eles vão imaginando do jeito deles e isso é muito bom!

**N:** O que você acha do ICA?

**M:** Eu gosto. Estudo no Rodrigues Alves. Eu penso em fazer Educação Física.

**N:** Tem a ver com o que você aprendeu aqui?

**M:** Ah, influencia um pouco, né? Por causa da dança, ser educadora... A minha prima é a que trabalha na biblioteca, a Marilen. Ela entrou aqui primeiro e minha tia falava que eu tinha que entrar porque era um lugar bom. Aí minha mãe pegou a ideia da minha tia, não vim do Educandário, vim direto. Moro na Vila Dias.

**N:** Como seria sua vida se não tivesse no ICA?

**M:** Eu acho que... ah, eu não ia saber tudo o que eu sei. De reeducação, de saber conviver com as pessoas... Por que quando fico na minha casa, só fico dentro de casa. E no ICA eu fui fazendo amizades também, fui conhecendo outras pessoas, outras, e outras e começamos a conviver também. Porque eu sou filha única e você tem uma cabeça diferente. Filha única, pai, mãe, ali... Se eu não tivesse aqui... não sei o que seria de mim. [risos] Ajuda na escola também. Por que antes, quando eu entrei, olhava muito caderno e se você não fizesse as coisas eles ficavam no pé, quando faltava... Tem aquela preocupação. Aí eu fui pegando mais firme, porque eu não pegava não.

**N:** E como você foi para o Espiral?

**M:** Eu não era muito dessas coisas de leitura. Aí teve o projeto do Contando História e a Isabel [inspetora] falou comigo, me explicou como era. Eu comecei a ir no asilo e comecei a gostar e acabei ficando.

**N:** Qual a diferença entre idosos e crianças?

**M:** Tem alguns [idosos] que não é muito de conversar e eles não pegam o livro pra ler, eles contam muita história da vida deles. A gente quer contar pra eles, e eles não querem, querem eles contarem pra gente [risos], a vida deles e a gente fica ouvindo. Eu não falo um nada, eles querem mais atenção mesmo. Com as crianças é diferente, a gente apresenta o livro, tem vezes que eles não gostam, mas tem vezes que eles ficam superinteressados.

**N:** E você quer ficar aqui até virar educadora?

**M:** Ai, cada ano você vai pensando uma coisa... Por enquanto, desde o ano passado, eu quero fazer Educação Física, mas antes eu queria ser fisioterapeuta.

**Nicolina Rosa da Silva**

**48 anos**

**Cozinheira**

**Trabalha há 12 anos no ICA**

**Natália:** Como você começou a trabalhar aqui?

**Nicolina Rosa:** Comecei depois de um ano do início. Eu passei aqui procurando um serviço, porque eu estava desempregada. E a moça tinha falado de escola pra criança, mas eu pensei que era paga, alguma coisa de inglês, eu achei que era isso. Aí eu entrei e a Cris me atendeu, que era só ela de secretária, não existia aquelas meninas lá. E eu perguntei pra ela e dei o nome dos meus meninos, e nisso eu perguntei: bem, você não sabe se está precisando de empregada? Aí ela olhou, eu tava magra, magra, tinha separado. Ela disse: a gente tá precisando de uma cozinheira, você cozinha? Eu disse que sim e ela falou que era pra noventa e eu disse: quem cozinha pra 10, cozinha pra 100. E ela disse que estava tendo uma reunião com a diretoria e assim que terminasse ia passar isso pra diretoria. E era meio dia, mais ou menos, eu tava arrumando o menino pra ir pra aula, tocou meu telefone. Era a Cris do ICA perguntando se eu podia fazer o teste segunda-feira. Aí foi que eu vim e logo depois meu menino também foi chamado. Foi tudo ao mesmo tempo, porque foi começo de ano. Ele tava com 10 anos, a idade

mesmo pra vir. Eu morava mais lá pra cima e sempre vivendo em creche, sempre trabalhei e as crianças sempre na creche. Então, foi por acaso, tanto eu saber que existia o projeto, quanto o emprego.

**N:** E ele gostou daqui?

**NR:** Ele ama. Tudo que ele soube, tudo que ele sabe, ele fazia circo, tudo que ele é, é o ICA que ensinou ele.

**N:** Ajudou de alguma forma na escola?

**NR:** Ajudou, ajudou em tudo. Nossa, a formação dele, ajudou em tudo, tudo, tudo, mesmo. Porque eu não conseguiria. Ele precisou de muita fono[audiologia], eu já não conseguiria por que é pago e ele teve fono aqui no ICA por quase 10 anos.

**N:** Como você acha que seria a vida de seus filhos se não tivessem vindo pra cá?

**NR:** Dele, seria um pouco pior. Ela já era mais madura, já era segunda filha, já tinha passado por processo, então ela... a situação que eu tava era melhor do que na situação dele. Estudar, estudaria, porque isso pra mim, eu nunca abri mão. Mas eu falo assim, melhores médicos, fono, ele fez tecido [circo], ele fez balé, sapateado, então ele aprendeu muito, viajou muito, ele conheceu muitas cidades, ele saía muito com o ICA. Eles eram um grupo de circo que não parava. Depois juntou circo e banda aí não paravam mesmo. Então, essa formação cultural eu não teria a possibilidade de ter dado pra eles. A escola não dá. Você sabe que a escola não tem nada a ver, né? E ele fez muito teatro, subiu muito em palco, representou muito. Eu vejo ele, o meu filho artista, sabe? Porque ela era papéis principais, e isso para uma mãe é o orgulho. Você vê todo o trabalho e você ajudando naquele trabalho e depois vê tudo aquilo. E eu pegava no pé, pra dar valor. Aí com 17 ele saiu. Ele não foi monitor porque ainda não existia isso. Minha filha já foi, ela pegou, foi a idade dela.

**N:** Como era com os conhecidos?

**NR:** Ah, todo mundo quer. Ah, você faz isso onde? No ICA. Muitos procura: tem como você por meu filho lá? [risos] Eu falo que não, que não sou eu... Hoje eu tenho sobrinha aqui também, eu teria mais gente, mas o que eles fazem lá fora não tem como vir pro ICA e é ao contrário, tem que ter os dias do ICA e eles tem um ou dois dias só que tem folga, eles tem muita atividades.

**N:** E seus filhos colocariam os filhos deles no ICA?

**NR:** Ah, provavelmente.

**N:** Como ver as crianças chegarem pequenininhos...

**NR:** Ah, é uma emoção muito grande, depois você vê moço. Que nem hoje, você encontra eles, tem uns que estão casados, quem seguiu o caminho bom, quem seguiu o caminho ruim. Mas assim, eu sou muito procurada por eles, seja em que situação eles tiver. Eu trago muita notícia pro ICA através deles, que me procuram, ou encontro a mãe, irmã, o vizinho. E são todos filhos. E tem aquelas situações que eu fico muito feliz, a gente se emociona, e tem a tristeza, a dor, a perda. A gente tem artistas aí fora que a gente tentou ajudar, pessoas que brilhou e brilha, tem esse brilho, mas não quer ser ajudado. A gente tem um aluno aí, que é um dos mais velhos, um profissional excelente, mas está no alcoolismo, vive pra rua, é mendigo, não necessita disso, a gente já resgatou pra casa, tentar internar, fazer um monte de coisa. Me falaram: vai lá Ni, ajuda, pode trazer, dá de comer... Mas ele não quer. Tem que partir dele e ele não quer mesmo. Então isso pra gente, dói. Essa semana veio uma ex-aluna aqui e eu disse: Thaís, como o Matheus tá grande, tá maior que eu. Que ele é filho dela. Encontrei também esses dias a Rosejane com as duas meninas dela, a coisa mais linda também. Ai, aquela menina que dava trabalho, outro dava vontade de dar uns tapas, agora é mãe. Então, você vê, é uma coisa muito emocionante e tem a tristeza, a gente sabe que tem muitos que estão fechados... Não foi isso que o ICA ensinou, não era isso que partiu pra ser... O meu filho, também, foi um desses. Ele tinha



tudo, mas entrou no lugar errado com a pessoa errada e pagou o preço. Então, isso tudo dói pra gente. Porque não é isso que a gente ensinou, não é isso que a gente passa pras crianças. A gente passa uma vida diferente, a gente mostra. A gente não quer que eles vivem lá esse mundo, a gente quer que eles vivem com a sociedade. Tem o porque, como brilhar na sociedade, não precisa correr atrás dessas coisas pequenas, baixas. Mas aí que eu brigo. Porque eu falo assim: cadê tudo aquilo que nós ensinamos? Só fazia porque tava aqui dentro? Eu acho que quando você veste a camisa, você veste pra valer. Você não vai querer sujar a camisa, aquela imagem. “Ah, ela é do ICA, olha que bosta, que caca”, você não vai querer fazer isso. Então, acho que tem que parar, por o pé no chão. Muitos deles têm, assim, ansiedade, ambicioso. E você sabe que isso [faz sinal de dinheiro com as mãos] chama e é o mais fácil de vir, né? E de ir também. A gente sente muito, mas tirando tudo é uma coisa muito gratificante, é muito gostoso, eu falo que isso aqui é mais minha casa porque eu passo mais tempo aqui do que dentro da minha casa. Aqui, bem dizer, a gente passa 12 horas, dentro de casa você vai pra dormir.

**N:** E pretende ficar mais aqui?

**NR:** Ah, até a hora que Deus... tá na mão do Senhor, Ele que prepara. Eu to numa idade que não adianta ficar procurando [outro emprego] porque a aposentadoria tá perto. Aqui é um lugar tranquilo pra mim. A não ser que aconteça alguma coisa, a gente nunca sabe. Mas dizer que amanhã eu partirei, não.

**N:** E como está a expectativa com a sede nova?

**NR:** Ai, não vejo a hora. Quando começou mesmo o “vamo”, minha filha chegaria no projeto novo, mas não deu tempo... Ela entrou e saiu e o projeto não foi feito.

**Roberta Cutri**  
**Orientadora Educacional do Projeto Ícaro**  
**Trabalha há 2 anos no ICA**

**Natália:** O que é o projeto Ícaro?

**Roberta:** A gente pensa no projeto Ícaro como uma formação para os jovens. Então, eles vem durante algum tempo no projeto Carpe Dien, porque a criança ela entra aqui aos 10 anos, e entra no projeto Carpe Dien e aos 14 eles entram no projeto Ícaro. E nós temos esse contexto de profissionalização, de torná-los viáveis para o mercado de trabalho. Não só aqui interno, como também, externo. Os monitores são resultados do Ícaro. A gente vai tá formando eles dentro desse processo pra ser inserido no mercado, no caso seria no mercado interno, que daí eles recebem um auxílio-família, no valor de 200 reais. Os que estudam à noite ou que já se formaram da escola, eles têm a possibilidade de ficar os dois períodos, então eles receberiam 400 reais. É um valor que a gente coloca mesmo como auxílio-família, a mãe tem que vir aqui no dia do recebimento pra tá acompanhando esse jovem, pra ver depois, eles negociarem em casa: e aí, o dinheiro vai ficar plenamente pro jovem? Ou vai ajudar a pagar telefone, água... Isso vai ser resolvido em casa, eles negociam. Então, é um auxílio.

**N:** O que você sente de diferente neles em comparação a outros jovens?

**R:** Eu vejo que aqui eles começam a planejar mais, porque a gente faz um acompanhamento de que eles sonhem com o futuro, o que eles vão querer, de que forma, quais são as reais habilidades que eles têm. Porque muitos por aí ficam: ah, deixa o vento me levar, eu vou pra lá, vou pra cá. E no caso aqui, não. Desde a turma 1 a gente já: e aí, o que você vai querer ser? A gente faz um círculo da vida que é o que você vai querer ser no ano que vem, o que você vai querer melhorar, o que você vai querer atingir, qual é o seu objetivo? E isso eles fazem ano a ano. Diferente da escola que, dificilmente há um professor: e aí, o que você vai querer ser? Às vezes você topa com um: nossa, tô no terceiro ano do ensino médio e aí, o que eu vou fazer? Porque o ano que vem ou eu vou fazer um curso técnico, ou eu vou fazer um nada, ou vou atrás de emprego, ou vou fazer uma faculdade. Aqui eles já saem obstinados do futuro, o que eles

querem pra eles. A gente consegue ver essa diferença: aí, não, eu adoro o ICA, mas eu não me vejo com habilidade pra fazer nada aqui, eu quero fazer alguma coisa em informática, então eu já tô entrando num curso técnico. A gente procura, a gente divulga. Sempre que tem alguma coisa: a ETEC tem inscrições abertas. Então, a gente divulga. Pra esses jovens a gente fala em atividades do dia a dia deles: olha, foi lançado as inscrições, vamos lá fazer. A gente tenta fazer esse acompanhamento com eles. Quem vai querer fazer faculdade? Eu também faço orientação vocacional profissional com eles, pra eles pensarem mesmo: ah, quero fazer uma faculdade. Onde? Que cidade? Você vai conseguir pagar o transporte? O que você precisa pra isso? Se for atrás de algum lugar, será que alguém não patrocina? Então, a gente corre atrás disso junto com eles pra eles vislumbrarem: ah, então não, ir pra Jaguariúna é muito longe, não vou ter dinheiro pra pagar isso, então vamos fazer um curso técnico aqui pertinho? Será que em Mogi Guaçu não tem uma faculdade que é próximo a isso? Então, a gente faz esse acompanhamento junto a eles, porque a maioria às vezes os pais não conseguem fazer isso. Até mesmo porque boa parte dos pais nem terminaram os estudos, a maioria até o quarto ano do fundamental.

**N:** E como funcionam as parcerias com empresas? Você que corre atrás?

**R:** Não, aqui a gente faz junto, mas eu tento acompanhar um pouco mais. Mas quem corre mais atrás é o administrativo, ficam à frente das negociações. Porém, agora eu tenho acompanhado um pouco mais, tenho ido junto, pra fazer esse contato.

**N:** Como é a escolha do jovem monitor?

**R:** Normalmente eles vêm comentando, falando e acho que isso ajuda mais ainda, porque daí a gente coloca esse propósito: e aí, o que você vai mostrar de diferente? E tem que ter um perfil bacana, tem que gostar, prazer em estar aqui, fazer com gosto. A gente vai percebendo esse caminhar deles. Quem tem mesmo pretensão de ser monitor, eles já se diferenciam. Depois de se tornado monitor, a cada bimestre a gente avalia eles, pensando nos esquemas que a gente coloca como proposta, questão de presença, de pontualidade [ela me passou uma lista dos requisitos]. Quem faz essa avaliação é o educador, que fica à frente desse monitor, que pode ser um educador de base, de referência, de dança... Cada um faz essa avaliação individual do monitor, porque são eles que estão mais junto no dia a dia; a equipe técnica que sou eu, a Carla que cuida do Carpe Dien, que acompanhou todo esse processo deles, a Isabel Cristina que cuida do dia a dia, do horário de entrada, do uniforme, como se porta no refeitório, no pátio, e a Isabel Somme que é a coordenadora geral, e ela fica sabendo do contexto geral.

**N:** E por que trabalhar no ICA?

**R:** O lado social me atrai muito. Aqui a gente pensa tanto no social, na criança, em vir, em abraçar, em beijar, em saber se tá melhor, como está em casa... Acho que a gente se prende tanto a isso, que se é ONG ou não, não faz diferença... E a valorização também de algumas famílias, que vem aqui “olha eu vejo a referência do ICA na vida do meu filho”, que vem trazer isso pra gente de forma prazerosa, gostosa.

**N:** Como você acha que o ICA reflete na vida das crianças?

**R:** Primeiro a postura, como se portar nos lugares, o que falar, o que fazer. Aqui, queira ou não, às vezes a gente acaba fazendo o papel de mãe, puxando a orelha, dizendo que falhou, que tá errado, como pode melhorar. E acho que começando desde pequeno vai acarretando só bons fluídos, daí em diante, porque forma-se uma criança, um adolescente, crítico, com bom sendo, que sente prazer em fazer as coisas, que vai atrás, que não fica esperando algo vir até ele, sabe? Um jovem com ambições de coisas melhores e totalmente independente.

**N:** Como são as aulas técnicas?

**R:** São aqui no ICA mesmo. No caso desse do Senac, a gente fez um processo diferente. Como eles chegaram na turma 3, a gente deixou de fazer as atividades corriqueiras, pensando nas vertentes artísticas, para abrir frente pra esse curso profissionalizante. Então, a gente não vai ter nada ligado às vertentes pra ter essa formação. Todos vão participar. O metal mecânica a gente

abre processo seletivo, eles fazem as inscrições aqui, depois fazem o processo seletivos lá da ETEC que é o Vestibulinho, e os 20 primeiros classificados eles fazem o curso gratuitamente. Os dois cursos ganham todo o material. Eles ganham certificado.

**N:** E como isso vai ser visto no currículo?

**R:** Principalmente as instituições e as empresas aqui de Mogi Mirim, elas têm uma boa referência dos nossos jovens, já têm o reconhecimento que as atividades que fazemos aqui são cautelosas, é cuidadosa e formadora de um jovem pro bem mesmo. Então, eles ligam: como foi esse jovem aí? Queira ou não, já tem um destaque desse jovem.

### **Tarcísia Mazon Granucci** **Presidente do ICA**

**Natália:** Conte um pouco como foi o início.

**Tarcísia:** Eu tenho quatro filhas e a gente sempre ia na casa da minha mãe. E ela estava me contando da dificuldade das crianças do Educandário: “Ai, hoje eu fiquei triste porque lá no Educandário me procuraram...” os filhos já completaram 10 anos e não podiam mais estar lá, as mães têm que trabalhar, são domésticas e não têm onde deixar as crianças. E eu falei: “ah, mãe, a senhora sempre quis fazer um trabalho assim, então vamos fazer”. E ela: mas você pega? E eu pensei: as minhas crianças tão numa idade que eu acredito que dá. A mais nova acho que estava com sete, oito anos. Então, tá, então vamos fazer. E eu estava numa fase, praticamente criado as quatro, e achei que daria pra encarar. Minha mãe, nessa época, tinha 79 pra 80 e daí pra ela o trabalho seria desgastante, não daria conta de fazer. E vamos pensar num lugar. Eu sonhei com isso aqui. Era uma garagem da viação e acabou meio que ficando um depósito de pneus, mas estava meio abandonado e a Santa Cruz foi embora pra Mogi Guaçu, então aqui tava meio que largado. E no dia seguinte eu falei: mãe, já sei onde nós vamos fazer, na garagem da Santa Cruz. Aí fomos falar com meus irmãos, que eram na época, os gestores. E aí, levamos o assunto na reunião mensal, já havíamos conversado anteriormente, mas nessa reunião ficou fechado que a gente faria nesse espaço e que eles iriam ajudar. Cada um iria entrar com um valor em dinheiro, e minha mãe entraria também com o valor dela pessoal em dinheiro. Então, nós todos, os 11 filhos, entramos na época, acho que com dois mil reais cada um e minha mãe entrou com 10. Pra gente começar a construir.

Eu vim pra cá, reformei esse espaço, comecei a procurar as organizações de Mogi pra ver como que a gente montaria a questão jurídica, os papéis, documentos, pra montar a instituição e eu comecei a entender um pouco desse universo que eu não entendia absolutamente nada. Busquei uma assistente social, aqui em Mogi Mirim, que é a Ana Luiza, esposa do Vadão do Mogi [Clube de Futebol], um amor de pessoa, foi presidente aqui por um período; e ela foi meu braço direito. A mamãe ajudava muito, mas ela ajudava nessa parte: ela foi comprar xícaras, os pratos... ela estava preocupada com os detalhes carinhosos do processo. E a gente montou tudo com móveis usados, que custou bem menos. Eu lembro que na época foi cinco mil reais para montar tudo, cadeira, carteira, essa mesa é daquela época, muita coisa ainda é daquela época. A gente teve um apoio enorme da cidade como um todo, dos amigos, das amigas, que a gente contava que estávamos montando um projeto “ah, em que eu posso ajudar?”

Então, no primeiro ano do ICA a gente tinha mais de 90 voluntários e é meio que um traço das organizações sociais, elas começam com um apoio muito grande voluntário, e gradativamente você vai substituindo por mão de obra técnica, profissionalizada, porque é uma necessidade também. Mas a gente ainda mantém um número alto de voluntários, médicos, dentistas, nutricionista, fisioterapeuta, cabeleireiro. Tivemos uma coisa muito interessante que todo mundo que queria ajudar a gente permitia. Então, na frente do colégio Imaculada tinha uma banca de revista e Seu Natal e a esposa também queria colaborar e o que ele podia colaborar era com geladinho, então ele vinha uma vez por semana e a menina ficava esperando o geladinho com a maior alegria. Então, você vê que esse tipo de trabalho todo mundo pode ajudar, e não precisa necessariamente ser nada caro, é um gesto. Tinha uma voluntária, no começo a gente

tinha muito problema de piolho, eu peguei piolho algumas vezes aqui no ICA, porque eu abraçava e chegava em casa coçando a cabeça. E uma das nossas voluntárias vinha uma vez por semana, as crianças passavam por banho, passava vinagre com pente fino, procurar piolho... Então, assim, o bonito disso é que todo mundo pode colaborar de uma forma ou de outra. Tivemos uma comissão de pais com um trabalho muito bacana também, que era para apoiar as outras famílias que tinham mais dificuldade. E os pais que iam para essa reunião tinham muita dificuldade, mas eles queriam estar dentro de uma equipe que estaria apoiando outras pessoas. Não durou muito tempo, infelizmente foi por pouco tempo, mas eles fizeram alguns mutirões. Essa equipe ia na casa de uma família específica que o quintal tava de mato até aqui, que tinha sujeira, e vamos fazer uma faxina geral, ver o que tava faltando, um chuveiro, aí eles propunham dar essa “levantada” na moradia dessa família. Eles também faziam alguns eventos aqui e tinham um caixa. Então, esse caixa também podia ajudar a pagar uma conta de luz atrasada de alguma família, que depois essa família devolvia o dinheiro pro caixa. Durou acho que três anos, e foi um período que a gente ainda tinha poucos alunos, 40, 60 alunos. Então, era mais fácil de trabalhar essas questões dessa forma. Mas foi muito bacana, a gente também criou uma classe de alfabetização para pais por um período, a gente tinha muitas alunas negras, e a gente arrumou uma senhora que era tia de uma das alunas, que fazia trancinha de raiz, e o ICA sempre participou de todos os desfiles da cidade, 7 de setembro e 22 [de outubro, aniversário da cidade], aí ela veio e fez as trancinhas e todas as nossas meninas tinham as tranças e ficaram lindas. Então, você vê que o trabalho voluntário floresce e pode vir de qualquer lugar, e não necessariamente quem tem condição financeira. E o ICA sempre incentivou muito essa ajuda que vinha de qualquer lugar, porque o ato de ajudar te transforma.

E esses anos do começo foram anos que buscamos formas de ganhar dinheiro, porque sonho sem dinheiro não acontece, né? Tem que ter recurso. A Santa Cruz sempre nos apoiou com um valor mensal, mas não adiantava só isso. A gente tinha que buscar por nossas próprias iniciativas. Na época as organizações sociais de Mogi buscavam recurso na festa junina, no almoço, num jantar, num chá, num bingo, numa rifa, e sempre achei que tinha muita gente já usando esse caminho. Mogi Mirim tem mais de 22 organizações sociais, acho que são 28 hoje. Quer dizer, todo mundo vende bingo, todo mundo... E fica difícil. E eu senti isso até na minha casa, porque a Stela ajudava a Casa da Criança, minha mãe era ligada ao Educandário, então vinha pizza, bingo, meus irmãos foram presidente da APAE por muitos anos, e um irmão que cuidava do lar Santo Antonio. E a gente se reunia e todo mundo vendendo coisa. E eu pensei: meu Deus do céu, eu vou colocar mais uma nessa história? Não, vamos achar outro caminho. A Abrinq tava começando, vamos escrever pro edital. Na verdade da Abrinq não vinha dinheiro, mas veio reconhecimento importante para a organização. Instituto Ayrton Senna também estava começando naquela época, a gente tentou e não conseguiu, mas na Abrinq a gente ficou como finalista e premiado entre as 20 melhores do país, no terceiro ano de ICA. E foi maravilhoso, colocar no portfólio, já vai abrindo outras portas. E sempre nos preocupamos em nos colocar no papel. O que a gente tem no dia a dia, como o ICA funciona, isso ajuda você também a refletir sobre as suas práticas e melhorá-las. Quando você vai registrar isso num projeto, você acaba mudando seu olhar para a prática. “Eu tô fazendo isso? É bom? É importante? Tem coerência no papel? Na prática?” E o ICA mandava aí na época de 15 a 20 projetos/ano pra tudo que aparecia. A gente levou milhões de não.

**N:** E as leis de incentivo?

**T:** Eu acho que aqui em Mogi Mirim é meio cultural que as instituições não usem tanto esse caminho do projeto. De se inscrever em um edital, ou qualquer outra política. Não é uma prática na cidade. E eu acredito que de incentivo de Rouanet, a gente, até o ano passado era só o ICA. Acho que agora acho que tem a Banda Lyra um projeto de Lei Rouanet, que é o primeiro dela. Mas o ICA tem desde 2003 projeto na Lei Rouanet. Acaba um, contrata outro, acaba outro, a gente tenta outra vez. Então, é uma forma de encarar a busca por recursos. A gente, quando digo a gente é toda a equipe, a gente sempre se preocupou muito, mas eu, Tarcísia, também sempre me preocupei muito em conseguir recurso para oferecer um bom trabalho, chegar no fim do mês e pagar os funcionários, e eu me orgulho disso, nunca atrasei em um dia o pagamento de

ninguém aqui. E vejo que uma organização social, ela tem que ter esses parâmetros muito claros, muito firmes. Transparência é fundamental no nosso trabalho, porque a gente trabalha com pessoas que fazem doações, empresas, e a gente tem que... Meu Deus do céu. O merecer e ser transparente. Um lema aqui interno é: não adianta só ser honesto, tem que ser e parecer honesto. Numa cidade pequena como Mogi, você é, mas não parece, você pode acabar... tendo comentários a respeito. E para nós é muito fácil ser e parecer, porque não tem nada pra esconder mesmo. Pelo contrário, a gente quer mais que as pessoas venham, confirmem, vejam.

**N:** Como começou a arte educação?

**T:** Quando a gente começou, a gente olhava pra criança e pensava: o que ela precisa? Um banho bem bom, um corte de cabelo, os dentes em ordem, uma roupa decente, porque há 15 anos a realidade era outras. As crianças vinham bem sujinhas, unha enorme, autoestima pra baixo do pé, sabe? Então, a minha forma de ver o que eu apliquei na época era “a gente vai deixar essa criança linda”, porque eu quero que ela se olhe no espelho e se ache linda. Como que ela vai conseguir? Um belo uniforme. Então, vamos buscar uma logomarca da instituição para que eles tenham orgulho de usar essa camiseta que a instituição não seja uma brecha, mas um motivo de orgulho porque: ah, sua mãe não tem tempo de te olhar por isso que você tá lá na creche. O ICA nunca foi creche. O ICA é um espaço de educação, que promove as crianças e os jovens, para serem mais felizes, para aprenderem coisas novas, então era essa a visão e imagem que a gente queria que as crianças tivessem. Como é que a gente construiu isso: começamos da criança. A criança chegava e era cuidada pelo cabelo à unha do pé. Meia limpa, tênis bom, a gente ganhou por uns quatro anos pares de tênis para todos os alunos. Um bom tênis no pé era um status também, infelizmente a gente perdeu esse patrocinador, mas ajudou por um tempo. Uniformes bonitos, que chamavam a atenção, eles iam pra escola orgulhosos do uniforme do ICA. Um cabelo bem cortado, a gente tinha dois ou três salões aqui em Mogi que cortavam o cabelo de todo mundo. A gente tinha uma pessoa que vinha aqui falar de boas maneiras, como sentar na mesa, coisas simples, mas que fazem muita diferença na vida de um ser humano. E a gente sentia, eu senti, que era a porta de entrada pra mudança de comportamento. Quando você muda o externo, que é mais fácil, é muito rápido, começa a haver uma mudança emocional, pra trabalhar também com as questões mais difíceis da criança, os traumas, as dificuldades. Então, mexer no externo é muito fácil e muito rápido; a gente experimenta isso, até hoje, e cria uma porta de entrada para trabalhar outras questões, que são mais difíceis, que são as questões emocionais. A criança começa a se sentir amada, acolhida, participando da organização, ela se olha no espelho e se acha mais bonita. Tudo isso é um movimento pra uma aceitação, e talvez a mudança de um comportamento ruim, de falar palavrão, de sair batendo em todo mundo. E o efeito é avassalador, é forte mesmo. Eu costumava dizer, até para os educadores daqui, você tá num dia deprimido, triste, chateado, chega na sua casa, toma um banho, se arruma, põe a roupa mais bonita que você tem no guarda-roupa, se maquia. Você muda o seu humor, não é? Então vamos acreditar nisso, porque realmente funciona. E o que a gente faz até hoje aqui no ICA, trabalhar essa imagem da criança pra ela mesma se amar cada vez mais. Porque quando a gente não se ama o mundo fica muito triste, fica muito difícil. É uma coisa que parece até simples, mas ela tem realmente um impacto muito forte na vida das crianças.

A gente tinha muitos voluntários, muitos! De biscuit, de karatê, de kumon, de tudo que você imagina a gente tinha. E a gente percebeu, eu percebi, que tava uma cocha de retalhos, e isso não era muito bom para a criança. A gente precisava ter uma proposta pedagógica. E qual é? O que as crianças mais gostam? Das atividades artísticas, mais do que qualquer outro tipo de atividade. Eu contratei uma consultoria na época, pra vir aqui ajudar a gente a pensar a organização, isso foi em 2000. Dois anos depois que a gente começou e ele trabalhou com a gente por três anos como consultor, o Dilson. E ele nos ajudou a pensar e a ver qual era a vocação da organização. E nós percebemos que a vocação era a área artística. A gente até tentou esporte um pouco, mas o fato de a gente não ter espaço aqui próprio pra isso. Nós tivemos um educador de circo que é o Gustavo Miller que pintou esse quadro e deixou pra gente, já faleceu. E ele trouxe o circo, mas era uma atividade voluntária. E nessa consultoria, e nesse pensar, a gente entendeu que essa era a vocação do ICA, trabalhar com as artes, as cinco vertentes

artísticas: música, dança, teatro, desenho e artes visuais. Bom, então esse é o nosso caminho. Com reforço escolar nós sempre trabalhamos, porque sempre foi uma necessidade imensa, porque as crianças iam muito mal na escola. Mas a gente não queria repetir o exemplo da escola, porque a criança já ficou cinco horas lá e ela vem pra cá e fica mais cinco, dentro da sala de aula sentada?! Criança quer brincar, e brincar é muito sério. Brincar é aprender, brincar é um caminho para aprender. É uma ferramenta muito potente. E as artes, elas permitem essa brincadeira e elas têm uma força de atração na vida das crianças que é impressionante, principalmente o circo. Acho que esse lúdico que vem com tudo, tá no imaginário da criança, ela gosta, ela... Então, isso se instituiu de uma forma muito forte no ICA e está até hoje. Temos as atividades escolares, que seriam a base-referência. O que nós queremos de nossos alunos: a gente quer que eles aprendam português, ler, escrever, interpretar, mas que não repitam muito o modelo da escola, até pra que ela tenha um diferencial. Que ela faça as quatro operações de matemática, que ela tenha uma noção geral de mundo, de cidadania, quais são os meus direitos, os meus deveres enquanto ser humano, cidadão. Que seja protagonista: eu tô com a minha vida na mão, quem resolve a minha vida sou eu. Por mais que o ICA me ajude, minha mãe me atrapalhe, meu pai me ajude, quem cuida da minha vida sou eu. Você tem que ser um ser humano que contribui para um mundo melhor. Como? Mantendo relações com meu pai, minha mãe, com meus amigos, com Deus. Espiritualidade também é uma coisa que a gente trabalha aqui. Nós temos a religião católica que minha mãe deixou, mas o ICA não prega nenhuma religião específica, mas a gente trabalha sim a questão da espiritualidade que está presente em qualquer ser humano e respeita o caminho que ele escolheu para vivenciar isso. E a questão da sexualidade também que é uma área que a gente entra porque a gente trabalha dos 10 aos 18 que é o momento para falar disso. O índice de gravidez do ICA é zero e isso para nós é um orgulho. E não vem porque a gente ensina métodos anticoncepcionais, não, ele vem porque a autoestima das crianças é alto. “Eu escolho se quero engravidar ou não”. E acho que isso é fundamental para a prevenção de gravidez precoce. É uma escolha consciente. Então, assim, dar consciência pros nossos alunos da realidade deles, do mundo que eles vivem, e do potencial, de onde eles podem chegar, eu acho que é o papel do ICA. Ele vai conhecer e ter opção de escolher. Eu acho que o mundo hoje dá essa opção, o bairro não dá e nem sempre a escola dá também. Mas o ICA buscar dar essa opção: olha, o mundo tá aqui, você pode escolher todos esses caminhos, qual você quer escolher? O caminho que você escolher nós estamos te apoiando para te ajudar. Eu acho que isso é fundamental na vida de uma criança. Ter consciência para poder escolher e ter possibilidade para escolher, né? Porque às vezes você escolhe as drogas ou um caminho chato, sabe? Fica meio sem opção. É mostrar que tem possibilidades e que só vai depender dele.

**N:** Como é olhar para trás nesses 15 anos?

**T:** Olha, Natália, é maravilhoso. É um orgulho. Com 15 anos tem alunos que hoje está com 25, tem bebê e traz aqui pra gente conhecer. Você vê uma menina que teve muita dificuldade, até de higiene pessoal, e chega aqui cheirosa, com o bebê um brinco. Aí você fala, até me arrepia: eu ajudei, o ICA ajudou. E isso faz muita diferença na vida dessa pessoa. Vivendo com marido, trabalhando, orgulhosa de ter passado por aqui. Nós fizemos um encontro de ex-alunos e eu perguntei pra eles: uma coisa que me deixaria muito feliz de ouvir de vocês é se o tempo que vocês ficaram aqui vocês se sentiram amados, verdadeiramente amados. E todo mundo disse que sim. Então, acho que isso é a coisa mais importante pra mim e acho que pra qualquer ser humano do mundo, é saber que ele é amado. Que ele tem valor, que ele é importante, para ele e pras pessoas... É lindo! [lágrimas nos olhos]

**N:** Como é fazer parte do terceiro setor no Brasil, estar à frente de uma ONG?

**T:** Primeiro é um orgulho estar à frente disso, é um trabalho voluntário de 15 anos. Eu acho que por muito tempo, as organizações no Brasil, fazendo um olhar sobre isso, as pessoas tinham organizações muito ligadas à religião e por temor a Deus. Sabe? “Eu tenho que fazer o bem para o próximo porque eu vou ganhar o céu por isso”. Acho que essa nova era, essa modernidade das ONGs e esse “boom” de ONGs que acho que deve ter uns 20 anos, de 15 a 20 anos, que foi quando a gente começou, é um novo olhar. É um olhar de que eu posso fazer a diferença na

minha comunidade, eu posso desenvolver um trabalho que vai passar na vida do outro de maneira positiva, e não que eu vou ganhar o céu ou não. E acho que vem muito mais nessa linha americana. Os Estados Unidos é rei em trabalhos sociais, maravilhosos, e nenhum ligado à religiosidade, mas realmente de promoção do ser humano, de mudança na comunidade, de voluntariado. Tem muitas organizações que ainda têm esse caráter mais antigo, mas de 15, 20 anos pra cá se exige de quem está à frente de uma organização, eu me exigi a vida inteira isso, de fazer uma coisa com qualidade de uma empresa. Não dá pra fazer mais ou menos, não é porque a pessoa é carente e qualquer coisa serve. Não. Você tem que fazer o melhor, porque você está lidando com seres humanos. Eu acho que por muitos anos a gente aceitou a coisa meia boca, “puxa vida, o pouquinho que eu dou tá ótimo”. No começo do ICA eu escutei: você dá carne todos os dias para essas crianças? Daí ela vai pra casa e não tem o que comer. Bom, mas aí ela vai buscar tentar pra ter, né? Pra ela, pra família dela, pros filhos dela. Agora, se ela nunca tiver ela não vai saber nunca o que é bom. Então, tinha essa mentalidade. Os governos, eu acho... Tem gente que fala: ah, acho que tá errado, tem que parar e deixar arrebentar e aí o governo vai correr atrás. A gente já viu que não corre, entendeu? Acho que não dá para deixar acomodar, a gente tem um papel de provocar, de buscar, de cobrar, de exigir, mas ao mesmo tempo a gente também tem que fazer.

Então, o ICA, desde o começo, a gente está nos Conselhos [municipais], CAS, que é o conselho municipal de assistência, eu já briguei algumas vezes, passei por algumas dificuldades. Porque pra estar ali, ser só mais um membro e não fazer valer, então melhor não ir. Então a gente faz essa provocação, pra prefeitura em geral, pro Estado, pra que a gente consiga ter os direitos dessa meninada garantidos. Os apoios pras famílias que têm bolsa família, “ah, quantas recebem? Tem alguma que precisaria ter e não tem? Quantas? Então vamos brigar por elas”. Tratamento psicológico pra mães e pais, a prefeitura tá dando? O ICA quer ser a voz de pessoas que não têm voz. Não dá pra gente fazer um atendimento aqui dentro dos muros do ICA, bonitinho e não trabalhar a comunidade para que isso seja garantido como direito dessas pessoas. A gente agora, depois de muita luta, tem um convênio com a educação [secretaria]. Porque a gente faz um trabalho de qualidade na cidade, mas só há dois anos, no primeiro ano de uma maneira muito pequena, que a gente conseguiu uma parceria com a prefeitura pra gente recolher alguma coisa pra esse trabalho que a gente faz. E de uma maneira mais consistente esse ano, a gente está em três escolas do município, fazendo o período inverso, e nos dois CRAS que a gente tem na cidade, fazemos um trabalho lá. A visão do ICA também é essa, de ampliar os atendimentos pelos próprios jovens. A ideia é aumentar o número de jovens que possam multiplicar essa proposta e fazer em Mogi Mirim inteiro, é lá que a gente quer chegar [risos]. Aqui também ninguém pensa pequeno, todo mundo pensa muito grande, eu falo que a gente é meio metido, ousado.

**N:** Como é o contato com outras ONGs?

**T:** Em Mogi a gente tenta muito manter um relacionamento forte com as outras entidades. A gente tem alguma dificuldade, porque a gente, de alguma forma, provoca também no sentido de o que eles estão fazendo a gente também poderia fazer e não estamos fazendo, e isso incomoda. (Não gostaria de ficar uma figura antipática na cidade, mas é uma realidade). A gente sempre quis andar muito juntos com as organizações daqui e não é tão fácil, gostaria que fosse bem mais fácil, acho que a gente já estaria ano-luz. São entidades mais antigas, têm outra visão, é verdade. Mas mesmo assim, a gente andou muito, conseguimos fazer algumas coisas, mas eu gostaria que fosse muito mais. Com outras organizações, a gente faz parte da Rede Circo Brasil, que é a rede de Circo do Mundo. São 22 organizações no Brasil que trabalham com circo. Hoje grande parte dos nossos funcionários está na Escola Pernambucana de circo, em Pernambuco, fazendo uma capacitação de duas semanas. Conhecendo o pessoal, aprendendo, em algum momento talvez eles venham pra cá. Então, essa troca é muito bacana e a gente conseguiu com apoio do Ministério da Cultura. Inscrevemos um projeto, 8 mil reais por participante, pagando passagem aérea, maravilhoso, maravilhoso. E é associado ao Circo du Soleil, que quando vem para o Brasil, a gente leva todos os alunos para assistir ao espetáculo, que é um presente de Deus também, né?

Fora isso, a gente procura sim entender mais, mas eu acho até que essa troca poderia ser maior. O ICA tem uma característica muito peculiar, que a gente trabalha com o social, mas com vertentes artísticas. Você pega ONGs, por exemplo, que trabalham só dança, ou só música. A Banda Lyra é uma organização filantrópica, mas ela trabalha só com música. Por isso que eu falo que a gente é metido, é ousado. Quando a gente começou a gente queria atender tudo, fazer tudo. Quer olhar a criança na escola, a criança na família, a criança no mundo, e dentro de cada vertente artística, dando oportunidade pra ela se desenvolver. Então, realmente ficou um trabalho grande.

Conversando ontem para inscrever um novo projeto a gente tava falando que o ICA possibilita arte, música, atividades. Sentar com a turma e fazer uma reflexão é valiosíssimo, né? Essa relação interpessoal, esse aprendizado num momento gostoso, prazeroso, constrói sentimentos bons para a criança, constrói autoestima, segurança, coragem, valores. Até os 14 anos o fim não é a atividade em si, não é a música, ela é meio, a dança é meio. Se a gente não tiver bailarinos maravilhosos, não é isso o que a gente está buscando. Estamos buscando seres humanos maravilhosos. Se ela tiver muita vocação e muito talento, a gente pode encaminhá-la pra buscar essa especialização em uma escola que seja só disso. Agora com a arte-educadora a gente precisa de uma especialização maior, para pode reproduzir e desenvolver mais as técnicas das artes.

**N:** E como será a nova sede?

**T:** Realmente é um prédio maravilhoso, vai ficar maravilhoso. Bem adaptado, adequado pras atividades, é importantíssimo. A qualidade do espaço interfere muito. A luta foi imensa, imensa. A gente teve algumas dificuldades. Nesse terreno nunca foi nada construído, então eu sempre quis. Esse espaço [da sede atual] não é nosso, é cedido. Em algum momento a empresa vai precisar desse espaço. E desde que montei a sede aqui eu sabia disso. Então teve sempre a preocupação de que a gente precisava de uma sede própria. A gente sempre procurou economizar de alguma forma e fazer um caixa pra construção. Então todo final de ano: o que sobrou? O que podemos economizar de água, luz...

E a gente começou lá na [rua] 22 de outubro, foi a primeira área que foi doada, que na verdade não foi doada, era uma concessão da prefeitura, pra 20 anos, que depois poderia até passar pra gente, mas eu não conseguiria levantar recurso pela lei de incentivo pra uma área que era da prefeitura, que não era própria. Então não deu certo. Mas eu sempre quis essa [atual área de construção da sede]. Na época o nosso advogado, o Passarele, ele é muito bom. Eu disse: Tadeu, preciso ganhar essa área. E ele disse: tá bom, vamos levantar. A área estava presa no Ibsp em São Paulo, não era do município, teria que ser devolvida pro município. Tinha um acordo de 53, 1955, sei lá, coisa muito antiga por isso que tava parada, ninguém nunca foi atrás, porque é nobre, central, uma área linda. Mas ela tinha um problema jurídico forte, pesado e o Dr. Tadeu começou a trabalhar em cima disso. Na época o Paulo Silva [ex-prefeito] falou: se eles liberarem essa área lá em São Paulo eu passo pra vocês. Aí não conseguimos no governo dele, entrou o Carlos Nelson, e fomos pra Câmara pra deixar isso definido. A gente conseguiu um projeto de lei que se o ICA conseguisse liberar essa área em São Paulo, a Câmara votou unânime para que fosse do ICA. Tudo veio bem até quando a gente conseguiu a liberação. Aí o prefeito mudou de ideia. E eu já tinha feito concurso no Brasil inteiro, a gente começou a terraplanagem pra construir e ele caçou nosso alvará de funcionamento e suspendeu tudo. É que assim, a liberação veio pra gente mas ainda falta um detalhezinho lá, entendeu? Então, na verdade ele queria a área pra outra coisa, não queria mais pro ICA, porque aí todo o trabalho jurídico, todo o trabalho de pesquisa já havia sido feito. Mas aí houve uma pressão da nossa diretoria com ele, a própria Flávia [ex-vice-prefeita] foi muito bacana e ela tem um carinho com a gente grande, ela reconhece o trabalho do ICA. E ficou dois anos e meio parado, porque a gente não pôde continuar. Daí a gente teve que começar de novo a fazer toda a concorrência, construtoras, todo o processo de novo. E agora a coisa tá caminhando.

**N:** Como foram levantado os fundos?



**T:** É um misto. Tem Banco Real que forneceu 400 mil reais pra obra, tem o HSBC que deu um valor também considerável pra obra, tem a Bovespa que tem uma linha de apoio social e de uma carteira de projetos sociais. Então, a gente entrou com isso e parte do recurso era para um projeto para portadores de deficiência, a gente desenvolveu trabalho nessa área durante dois anos e meio e outra parte do recurso vai pra obra, pra acessibilidade. Tem as economias internas que foram sendo canalizadas, tem o projeto de Lei Rouanet, que ainda estamos captando, a gente capitou 1 milhão e ainda tem 4 aí pra capitar, tem o ProAc que é da Secretaria da Cultura que é uma lei de incentivo também que é o valor do ICMS que as empresas podem canalizar até 4% pra gente, e já estamos com outro projeto na boca do forno para capitar mais 500 mil, tem um pouco de tudo aí. Quando você vai pedir pra empresa você manda o projeto, coloca debaixo do braço, vai lá, você explica, conta o que é.

Essa obra era pra ter terminado em maio, a gente teve algumas dificuldades, fizemos algumas alterações também, porque como é um projeto de 2007, a realidade veio mudando, e a gente percebeu outras necessidades, e nós fizemos algumas alterações depois que o projeto já tinha iniciado, e isso tá tomando algum tempo agora nos projetos novos. Eu acredito que até o final do ano a gente termine, no mais tardar no primeiro semestre do ano que vem.

**N:** E como você vê os próximos 15 anos?

**T:** Eu tô aqui [risos]. Hoje eu tenho minha irmã, Beatriz, que tá comigo na diretoria, e seriam bem vindos sim netos da minha mãe, mas por enquanto não houve muito interesse. A ideia é que eu permaneça enquanto eu viver na diretoria do ICA, não sei se na presidência, porque a gente já trocou algumas vezes, a dança das cadeiras a gente faz, no sentido de estar ocupando outros cargos. Mas a função de estar aqui dentro, isso vai se manter, independente do cargo. Eu vejo que é um problema, também nas outras organizações, que a função de coordenação, normalmente, ela faz um filtro do que ela leva pra diretoria, do que ela permite que a coordenação conheça e do que não. E a coordenação fica, geralmente, refém desse coordenador. A gente vê muito, acho que 90% das organizações são assim. E eu acho que causa um mal tão grande pra instituição, porque, se essa pessoa quer uma organização de um tamanho X, ela vai ter tamanho X, e você não tem uma diretoria atenta a toda essa equipe assalariada. Não tem ninguém isento pra olhar se tá bom ou não. Então eu faço esse papel e quero continuar fazendo enquanto eu viver. Eu falo pro pessoal daqui, que trabalha, que quando for aposentar e eu não estiver mais viva, quero que vá pra diretoria fazer esse papel pra ter essa isenção, sabe? Alguém que tenha realmente uma noção pra julgar.

### **Valber Barretos Santos**

**16 anos**

**Está há 7 anos no ICA**

**Monitor de circo**

**Natália:** O que faz no ICA?

**Valber:** Faço um pouquinho de tudo, mas minha especialidade mesmo é circo e teatro. Eu sirvo pra ser apresentador, sabe? Tenho articulação boa e me dou bem nessa parte do teatro.

**N:** Pensa em fazer alguma faculdade?

**V:** Penso em fazer Educação Física, dessa área de circo, mas penso em fazer Administração também. Mas, primeiramente, Educação Física. Eu faço acrobacias, malabarismo, perna de pau.

**N:** Você acha que essa escolha teria que ver com o que você faz aqui no ICA?

**V:** Eu acho que sim. O circo pede, né, atividade física, movimentos do corpo. Eu acho que influenciou uma parte sim, fazer Educação Física.

**N:** Como veio para o ICA?

**V:** Eu era da Casa da Criança, depois fui pro Educandário e depois vim pra cá. Então, já é automático. E minha mãe ouvia falar bem daqui e aí pois eu.

**N:** Como você acha que estaria sua vida se não tivesse vindo pra cá?

**V:** Acho que eu estaria trabalhando no mercado, acho. Por que antes eu trabalhava na minha casa, sabe? Entregava panfleto... Acho que eu mudei mudo depois que vim pra cá. Como pessoa, experiência, organização... Muito bom viver aqui. Eu fico aqui integral e estudo à noite na escola perto de casa.

**N:** Qual a importância do ICA na sua vida?

**V:** Eu acho que o olhar da vida. Antes eu era bem irritadinho, qualquer coisa eu brigava na escola, matava aula. Eu era bem bravinho. E quando entrei no ICA comecei a me relacionar mais, escutar as pessoas, faço as atividades, antes eu ficava em casa, na rua. Eu colocaria meu filho aqui.

**N:** E hoje como monitor, mudou alguma coisa?

**V:** Ah, tem mais responsabilidade.

**N:** E isso é bom ou ruim?

**V:** É bom, você cresce muito com a responsabilidade, é com criança, material, fazer relatório todo dia, quando sair pra rua olhar bem, sabe essas coisas? Questão de horário também.

**N:** Você que falou pra eles [educadores] que queria ser monitor ou eles que te convidaram?

**V:** Eu sempre quis ser, fui vendo os monitores e quis ser também, auxiliar os professores, sabe? Eu gostava. Aí na turma 3 a gente dava aula assim, sem compromisso. Até que abriu curso pra arte-educador que era pra formar jovens monitores pra auxiliar os professores. Aí eu me inscrevi e na verdade eu não tinha passado, mas com o tempo foi saindo e eu entrei meio período até o ano passado e esse ano agora tô período integral.

**N:** Alguém mais da sua família está aqui?

**V:** O meu irmão estuda aqui e minha irmã quer entrar. Ela quer entrar porque gosta de balé, e aqui no ICA tem aula, né?

**N:** E você pensa em ficar aqui até quando?

**V:** Eu tenho mais dois anos pra ser monitor e pretendo ficar aqui esse tempo. Eu me vejo um educador como o Thiago Barbosa, ele tá lá em Pernambuco agora. Ele estudava aqui e fez faculdade de Educação Física. E ajuda, o que ele faz aqui e estuda na faculdade. Eu vou tentar faculdade do Guaçu [cidade muito próxima de Mogi Mirim].

**N:** Como é o seu trabalho?

**V:** Eu dava ajuda no Ponto de Cultura, que era nas escolas. Então, sempre dei aula fora daqui. Então, quando eu venho pra cá, demora um pouquinho pra eles [alunos] perceberem que eu sou monitor e não aluno. No sábado venho aqui pra Trupe. Quando tem espetáculo como esse [me mostra um cartaz com a foto de um dos espetáculos do ICA], aí, a gente ensaia durante a semana também.

**N:** E como é representar o ICA fora da sede?

**V:** Demora um pouquinho pro pessoal entender. E as crianças são diferentes, bem indisciplinadas, falam palavrão, sempre brigam. Eu vou como educador junto da Denízia, que tá em Pernambuco também, ela é minha referente.

**N:** E lá é igual aqui ou só as atividades?

**V:** É meio mesclado. Tem hora pra falar, tem que erguer a mão, tem o cartaz com algumas regras: 1- respeitar o professor, 2 – quando alguém estiver falando... Sabe? Tanto é que quando a gente chega, a gente faz a oração, tudo mundo lê.

**N:** Quatro meses dá tempo de ensinar tudo?

**V:** Agora é um ano. Mas quando era menos tempo era ruim, porque no final tinha o espetáculo deles, era tudo corrido. Mas dava tudo certo.

**N:** E é corrido seu dia, né?

**V:** É corrido, ainda bem que a escola é do lado de casa.

**N:** E aí você estuda de fim de semana?

**V:** É...

**N:** Tem algum amigo que não conhece o ICA?

**V:** Meus parentes... Quando chegam de São Paulo ficam encantados com o que eu faço, malabares, parada de mão. Falam: nossa, que legal. E ficam curiosos: nossa que lugar é esse? Porque lá não tem algo assim.

### **Wilson Martins**

**27 anos**

**Arte-educador de teatro**

**Trabalha há 3 meses no ICA**

**Natália:** Como começou o trabalho no ICA?

**Wilson:** Eu conheço o ICA há um certo tempo, porque eu sou arte educador na cidade há cinco anos já, sempre trabalhando no terceiro setor. Então, eu tava sempre ligado indiretamente, por fazer parte do ICA e do terceiro setor também. Já entrei como arte-educador mesmo, não sou desse processo de aluno e depois arte educador.

**N:** Como é trabalhar no terceiro setor?

**W:** Quando eu comecei minha formação, eu achei que eu nunca iria... Na verdade, eu comecei a trabalhar com teatro porque eu queria ser ator, nunca imaginei que eu fosse trabalhar como arte-educador. Então, meu primeiro trabalho no terceiro setor foi no ICA, depois passei pra Guarda Mirim e hoje trabalho na Fundação Casa também. É apaixonante trabalhar no terceiro setor, eu gosto muito. E pra mim foi um exercício grande trabalhar com criança, porque eu sempre trabalhei com adolescentes. Criança é um desafio muito maior, você tem que rever tudo o que você aprendeu. Porque você tem uma habilidade de fazer com certo público e aí você vê um público diferente. Então, a paciência precisa ser trabalhada, o lado mais lúdico das coisas. Quando você trabalha com adolescentes é mais direto, pra criança não, você precisa usar mais o lúdico. Tem que mostrar outro caminho, que é mágico, que é gostoso. Porque ou eles gostam ou eles não gostam. E a intenção é mostrar o lado bom, né?

**N:** Vê algum diferencial no ICA?

**W:** O diferencial que eu vejo é que as crianças já são muito acolhedoras. Eu sempre trabalhei em outros lugares que é diferente, que tratam você como o professor. E aqui, não, aqui é diferente. As crianças acolhem. Eu acho que o fato deles estarem mais próximos, morarem no mesmo bairro, nos vermos na cidade, eles têm um olhar diferente. Às vezes eu acabo me sentindo um irmão mais velho e não um educador.

**N:** Como é o trabalho aqui?

**W:** É muito gratificante, ainda mais por ver que eles estão fazendo porque gostam. Teve amostra de talentos recentemente e teve uma turma que propôs fazer um trabalho que depois eu

descobri que eles nunca tinham feito nada, foi a primeira vez. A gente precisa ensinar eles a trabalharem com técnica, mas ao mesmo tempo o lado mais humano, o lado da arte educação. Pretendo continuar aqui sim.

**N:** E a infraestrutura precária?

**W:** A gente tem um espaço muito precário, mas a gente tem que focar no que a gente tem aqui [aponta para o corpo] e não daqui [aponta para a sala], é mais de dentro do que de fora. O que eu procuro trabalhar com os meninos é não usar figurino nem material cênico como uma muleta. O meu princípio parte deles criarem a partir deles e da vivência que eles têm, pra gente poder criar. Figurino, cenário, eu acho que só pode somar, não pode ser uma muleta, tem que criar arte a partir deles. A estrutura de figurino é boa, isso a gente não pode reclamar, mas eu procuro sempre trabalhar com menos, porque menos é mais, né?

## Apêndice B

Entrevistas sobre arte-educação

**Ana Mae Barbosa**

**Arte-educadora**

**76 anos**

**Natália:** O que você acha de ONGs que usam como ferramenta da arte-educação na inclusão social, se é que isso é possível.

**Ana:** Não só a arte pode ser inclusão social. Por que não o laboratório de química, e a criança pobre de ONG que precisa ser incluída, ser readmitida na escola, etc, etc, estão na arte? Por que não investigar os desejos, as aspirações das crianças? E responder a elas? Realmente a arte... O privilégio da arte é não ter certo e errado, por isso ela é tão adequada à reposição social. Por que quem faz parte dessas ONGs? São os meninos que as escolas falam que eles estão errados. “Você não sabe, é burro, não consegue aprender”. É uma barbaridade, eu resolvi enfrentar isso. Mas a pergunta que eu faço é o seguinte: será que as ONGs não estão dando uma falsa esperança a essas crianças? De que ser artista é fácil? Olha, eu vi espetáculos tremendos, criancinhas tocando violino, tudo sentadinho e coloca logo as mais bonitinhas na frente, em geral uma loirinha e uma negra, para mostrar que a gente é multicultural. E aí as crianças tocam mal, o público levanta e aplaude, porque está aplaudindo a empresa que está pagando. E essas crianças vão sair dali achando que tocaram bem. Você acha isso educativo?

Eu acho que é preciso analisar caso a caso. Que a arte inclui mais facilmente as outras áreas, que tem certo e errado, claro que inclui! Essa barreira do certo e do errado não existe. Eu recomendo a você um livro que eu acho muito bom, da Livia Marques Carvalho, o único livro publicado sobre artes em ONGs, o que é incrível. Porque as ONGs têm mostrado dentro das escolas que a arte é importante.

Você está em uma ONG, de uma empresa, empresas mais ricas são as piores, tem todo o processo de trabalho e aí, de repente, vem um diretor norte-americano da empresa e precisa fazer uma coisa qualquer para mostrar que está fazendo coisa aqui. Aí, aquele dinheiro que ia pro computador, não vai mais, vai pra roupa de um balé que vai ser apresentado. Todo o processo da escola para pra preparar para a chegada do chefão do exterior. Então, são esses os problemas. A ONG comunitária sofre menos com esse problema ela é sustentada pela própria comunidade.

**Maria do Carmo Kobayashi**

**Professora Doutora em Pedagogia da Unesp – Bauru**

**Natália:** Você poderia me explicar a situação da arte-educação no Brasil?

**Maria do Carmo:** Se você vai escrever um texto jornalístico, melhor do que eu, você sabe que você tem que ter muito centrado, combina com o produto que é o texto jornalístico, você vai ter que dar para o seu leitor, que não é da tua área e não é da arte, uma panorâmica. E você tem que ter indicadores muito claros do que são as linguagens da arte. Isso é básico para você. Eu acho que eu posso te ajudar no seguinte sentido: existem indicadores na educação brasileira, mesmo porque você está trabalhando com educação não formal. Aí, você tem que ter um referencial teórico, isso para você ter condição, porque quanto mais você sabe do assunto, mais facilidade você tem para escrever. Então, você tem o José Carlos Libâneo, ele tem o livro Didática, que ele vai falar o que é a educação formal, que é a educação na escola; informal, que é a educação na sociedade, por exemplo, a marca no chão pro carro chegar e estacionar, então, você está sendo educada não pela escola, mas pelas regras ditadas pela sociedade; e a educação não formal. E aí, você teria que ver se essa ONG ela na educação formal ou não formal. Mesmo ela sendo não formal, ela dizem que trabalham da arte, certo? Quais são as linguagens da arte? Eles vão trabalhar com crianças em que faixa etária? [N: De dez a 17 anos]. Existe no país uma Lei de Diretrizes e Bases que rege sobre a educação, a 9394 de 98. Nessa lei vai falar sobre os documentos da educação, tudo isso você tem que saber pra você não cair em pendenga e dar uma informação equivocada. Se essas crianças, desse grupo, você trabalha com criança e com adolescente. Você vai pegar o ECA, lá tem definido o que é criança, que é até 12 anos e os adolescentes. E aí você tem os documentos nacionais que falam sobre educação e sobretudo, sobre a educação em arte. Como você está trabalhando com crianças de 10 a 17 anos, você tem um documento chamado Proposta Curricular Nacional – PCN, que saiu em 1998, mas ele ainda é um documento oficial. Você tem que ver o ciclo 2, onde a arte está envolvida num contexto geral, porque crianças até 10 anos ela vai estar mais ou menos no quarto ano. Você vai lembra no seu tempo de escola, você não tinha separação do setor de arte, matemática, língua portuguesa, educação física e artes, só, às vezes eram separados, porque o professor ele é chamado professor polivalente. Você vai ter que pegar no ciclo 1 do PCN o que fala sobre o ensino da arte. No ciclo 2 nós temos um livro, que é o volume 6, que é específico sobre o ensino de arte, isso para crianças até a oitava série, por volta de 15 anos. Dos 15 aos 17 você tem um outro documento que é a Proposta Curricular Nacional do Ensino Médio, que não se tem mais um documento específico sobre a arte, você tem as linguagens. E arte está junto de tecnologia e língua portuguesa, que é muito mais coerente, porque a linguagem da arte também é uma linguagem que trabalha com interpretação, com signos, assim como todas as linguagens. Esses são os documentos nacionais oficiais sobre o ensino da arte. Você precisa de indicadores para saber se eles realmente estão trabalhando as linguagens conforme é da lei, porque isso aqui foi montado por um grupo de especialistas. Daqui você vai extrair indicadores para falar como deve ser o ensino da arte. Você vai ver que no Ensino Fundamental trabalha-se quatro linguagens: artes visuais, fotografia, cinema, pintura, escultura; dança; música e teatro. Se eles falam que eles trabalham com as linguagens do ensino da arte, eles têm que tá trabalhando isso. Se você não tem indicadores para medir e para orientar, se é bom ou se é ruim, você fica no senso comum.

**N:** Quais as referências além da Ana Mae Barbosa?

**MC:** A Ana Mae Barbosa rompe com um grupo, que a Rosa Iavelberg que montou essa proposta curricular no Brasil. Só que a metodologia que eles usam que é o ler, o refletir e o fazer, a metodologia triangular, é dela na Proposta Curricular Nacional. Então, ela [Ana Mae] é atuante, ainda tá muito presente e ela é, realmente, o ícone da educação e o ensino de arte no Brasil. Ela rompe com isso, mas a raiz do que ela pensa está aqui [PCN]. E hoje nós temos outras referências nacionais, a própria Rosa Iavelberg é uma referência.

**N:** Qual a história da arte-educação no Brasil?

**MC:** A Ana Mae vai... Genuinamente nacional, é uma coisa mais complicada, porque a história do ensino da arte no Brasil ela começa com um elo de dependência com o que vem de Portugal, com a vinda da família Real para o Brasil. Você tem a Escola de Belas-Artes que vai vir para o Brasil no século XIX junto com a corte de Dom João, e eles trazem as pessoas que estavam na

França, que é o Lebreton, que vai chefiar a academia de Belas-Artes, o Debret, o Budget, esse era o pessoal que estava encabeçando a arte lá na França.

Dentro da escola, mas efetivamente, pela LDB, a arte entra na escola pelas quatro linguagens em 96, não 98, concerta aí. A arte é um componente obrigatório do currículo. A primeira lei mesmo que fala sobre a arte de 71, sem qualquer preocupação com a educação. Depois, com a [lei] 5692, de 71, você tem o tecnicismo. Mas, para abrandar eles falam da arte, é a primeira vez que eles falam do ensino da arte na educação no Brasil. Existe toda uma negação, inclusive, porque eles não entendem a arte como um processo de conhecimento de mundo, eles acham que é perfumaria, então, é picar papel, é bandeirinha de São João, fica restrito às atividades festivas do ano.

Apesar do golpe militar, apesar de tudo que aconteceu, a Lei de Diretrizes e Bases, ela traz um afã pro ensino da Arte. É um contra senso, porque você tem o militarismo, o cerceamento das ideias e a arte é o contrário disso. A arte é a expressão mais pura do seu íntimo, do seu interior. Só que nessa década de 70, nós temos a arte como processo, e não como produto. Porque na verdade, ela é produto e ela é processo. Processo criativo, e nesse época era autoavaliação, então o menino criava o que ele queria. Tudo baseado nas ideias de um pesquisador da arte maravilhoso chamado Herbert Read, só que é um caldo de toda uma época. É o que a pedagogia, a psicologia falavam. Em função do pensamento dessa época que fala do ensino pela arte. Depois tem outros pesquisadores. E no Brasil, a Mae Barbosa, foi aluna do Paulo Freire e ela se encanta com a questão da cultura, ele é importantíssimo no ensino da arte, porque ele que vai falar de valorizar os movimentos de cultura popular. E hoje nós temos no ensino da arte, pessoas que despontam, como por exemplo, Fernando Hernández, que não é um arte-educador, mas que é um psicólogo. Só que a arte na escola ainda é uma coisa muito bandida. E há um problema sério na arte: 85% das vagas de educação artística, isso não sou eu que estou falando, saiu na Folha, para professores, elas estão em aberto. Não tem profissionais da área.

**N:** E como tudo isso ajudaria na socialização de crianças e jovens?

**MC:** Nós vivemos numa sociedade hoje que precisa de pessoas altamente competentes, criativas, inventivas, que têm o poder de imaginação e de fantasia. Não o louco que entra no mundo da fantasia e não volta, isso é patologia. Eu preciso de um mundo onde as pessoas criem. A criatividade não é um dom, ela é alimentada. A fantasia parte da nossa vida e isso é alimentado pelos processos de criação artística. No criar, na brincadeira e na criação artística, entra uma coisa chamada criatividade, fantasia e ludicidade. Essas linguagens são lúdicas: o brincar, jogar, ler e ouvir histórias, e a produção artística, ela trabalha com o mundo da imaginação e da fantasia. Só que isso não é inato, isso é cultivado, desde que o bebê nasceu. As escolas estão cultivando a criatividade ou elas estão trabalhando só com reprodução e memorização? Uma criança que não brinca, que não tem isso alimentado, que não tem um pouco de leitura, ela não vai ser aquele produto que a sociedade quer.

**N:** Uma criança que eu conversei disse que brincar é legal e estudar é chato...

**MC:** Mas quem separa o brincar do estudar... É o adulto que separa o objeto lúdico do mundo concreto, do mundo que a criança não gosta. Porque na educação infantil a gente não tem grandes problemas? Quando chega no Ensino Fundamental, ele tem seis anos, a professora fala: guarda tudo, agora não é hora mais de brincar, agora é hora de estudar. E dá um livro da Cecília Meireles. Cabô, não tem tesão que resista. Então, a crianças ela começa a separar o mundo do brincar, a arte pra criança é brincar. Se eu não puser ela nesse mundo de fantasia e criação, não vai ter pra ninguém... Por isso que o teu menino no projeto fala que lá é legal porque brincar. Porque as pessoas não estão querendo olhar que criança é diferente.

PRODUTO DO TRABALHO DE CONCLUSÃO  
**NATÁLIA DIAS NEGRETTI**

**ARTE** com  
fantasia

Grande reportagem sobre a Instituição de Incentivo  
à Criança e ao Adolescente (ICA)

BAURU, 2012



# ARTE com fantasia

por NATÁLIA NEGRETTI  
design LARISSA RAMOS

*Há 15 anos  
o ICA,  
instituição sem  
fins lucrativos,  
apresenta um  
novo mundo  
a crianças e  
jovens carentes*

“**E**studar é difícil, brincar é fácil”. Assim se desenvolve a conversa com Osni, uma criança de 11 anos. “Eu já sei fazer malabares com três bolinhas, mas quero chegar a cinco”, continua. A conversa vai longe e ele só para de contar suas novas experiências quando o chamam para jogar bola. Com direito a nariz de palhaço, perna de pau e acrobacias, Osni participa de aulas de circo, uma das principais atividades oferecidas pela Instituição de Incentivo à Criança e

ao Adolescente (ICA). Retomando à cultura popular, mas incrementado com números de fantasia e imaginação, a ONG busca mostrar aos aprendizes como pode ser interessante desenvolver habilidades artísticas. A determinação de Osni e o empenho de vários outros jovens em dar o seu melhor em uma apresentação faz com que a responsabilidade e a autoestima sejam a atração principal do picadeiro. É uma forma de educar diferente da escola e que, para alguns, parece até brincadeira.





Foto: Renato Canto

## Com vocês: o ICA

Situado na cidade de Mogi Mirim, a 150 km de São Paulo, o ICA acaba de completar 15 anos de existência. Com o lema “acreditamos na educação pela arte”, a instituição desenvolve atividades extracurriculares com jovens de dez a 18 anos, diferentes das oferecidas nas escolas públicas onde estudam, como aulas de música, teatro, dança e, claro, de circo. Os jovens não são meros alunos. São crianças e adolescentes que não têm onde ficar no contraturno escolar. Aliás, na instituição as crianças não são chamadas de alunos e sim, de educandos. Reflexo do tipo de aprendizado abordado pelos profissionais, a

arte-educação. Professores também recebem nome diferente: arte-educadores.

Os projetos desenvolvidos na ONG buscam trabalhar nos 250 jovens atendidos habilidades como fala, articulação, trabalho em equipe, autonomia, confiança e autoestima. A maioria é moradora da periferia da cidade e são de famílias de baixa renda.

Segundo dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), a média de estudo em famílias com renda mensal per capita de até um quarto do salário mínimo (cerca de R\$155) é de três anos na região Sudeste, sendo que o ideal

## TAXA DE ESCOLARIZAÇÃO

Brasil tem 3,5 milhões de crianças e jovens fora da escola

IDADE	NORTE	NORDESTE	SUDESTE	SUL	CENTRO OESTE	TOTAL
4 a 5	65,5%	83,5%	81,6%	66,9%	66,3%	77,4%
6 a 14	96,5%	98,1%	98,7%	98,3%	98,3%	98,2%
15 a 17	83,2%	83,1%	84,7%	82,2%	85,2%	83,7%

Baixa renda familiar, trabalho infantil e o mau desempenho escolar são os principais fatores do abandono

FONTE: IBGE, Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (Pnad), 2011

são 14 anos de estudos até os 17 anos de idade. A média nacional é 2,3 anos de estudo. Em famílias com renda mensal per capita de mais de dois salários mínimos, o número sobe para 10,6 anos em média no Brasil e na região Sudeste. O ICA tem como critério atender somente os jovens que frequentam a escola, dando um suporte para que não abandonem os estudos.

### **Picadeiro sem lona**

Quem chega à sede da instituição percebe o quanto as instalações são improvisadas, apesar de bem localizada, situando-se no centro da cidade. O local é uma antiga garagem emprestada pela Viação Santa Cruz, que foi adaptado com salas de aulas e de administração. Em uma visão geral, trata-se de um grande balcão com dois níveis de solo. Corredores estreitos, degraus e pilastras mal localizados, que se transformam em verdadeiros obstáculos para as crianças que costumam correr nos horários das refeições, completam a paisagem. Em cima foram feitas subdivisões, algumas de alvenaria e outras de material PVC, onde agora são as salas de aula, além do espaço destinado à diretoria, recepção e biblioteca. Sem teto, a sala de teatro torna-se um ambiente improvisado para guardar alguns figurinos; já o pátio, usado para as atividades de circo, não dispõe de armários, estando os materiais usados em um canto sem proteção. A biblioteca é pequena para o número de jovens, porém contém um acervo significativo. Saldo de três formas: doações de pessoas físicas; de empresas e ainda por meio de editais que a instituição participou.

A disciplina passada aos jovens desde o primeiro dia de convivência pode ser percebido na organização do local, sempre estando cada coisa em seu lugar. As cores primárias com que são pintadas as paredes, portas e janelas e os painéis com informes, passam uma sensação de ambiente acolhedor.

“É a chave do armário, coloco aqui senão perco”, responde um garoto questionado do porquê daquela chave pendurada no pescoço. Ele abre um armário e coloca ali suas coisas que depois levará para a escola. Cada educando tem seu próprio armário e a responsabilidade pela chave. O que faz com que muitos a carreguem em locais visíveis e de difícil esquecimento, como no pescoço. Usar o uniforme todos os dias faz parte da prática da instituição. Camiseta branca com mangas verde-cítrico e bermuda ou calça azul-marinho.

### **Arte como ferramenta**

Atualmente são desenvolvidos no ICA oito projetos que englobam, além das vertentes artísticas, profissionalização dos jovens e orientação afetivo-sexual.

O carro-chefe da entidade é o projeto Carpe Diem. En-





“Aqui eles começam a planejar, porque fazemos um acompanhamento do que eles sonham, de acordo com suas reais habilidades

ROBERTA CUTRI,  
orientadora educacional

Foto: Renato Canto

## O início

Da iniciativa de Sofia Mazon e sua filha Tarcísia, o ICA nasceu para tentar resolver um problema que a matriarca percebeu na cidade. Então com 79 anos e presidente do Educandário, também uma instituição que atende crianças, porém de seis a dez anos, Dona Sofia, como é chamada por todos, recebia as queixas das mães das crianças prestes a saírem do atendimento social sobre a falta de lugar para deixar os filhos enquanto estariam no trabalho.

A gratidão pela iniciativa da senhora pode ser vista na entrada da sede da organização. Ali, está um quadro com fotos dela e de sua família. Donos da Viação Santa Cruz e tradicional família de Mogi Mirim, os Mazon sempre estiveram envolvidos em trabalhos voluntários. Em 1997, com um pequeno planejamento, ajuda financeira dos outros dez filhos, além da própria Sofia, e apoio de amigos próximos, mãe e filha decidiram criar o ICA para atender, a princípio, 40 crianças. Hoje, mais de 900 jovens já passaram pela instituição.

De acordo com Maristela Mason Albejante, também filha de Sofia e vice-diretora da instituição, com o reconhecimento da instituição pelo Departamento de Promoção Social do município, o ICA passou a receber encaminhamentos de crianças para serem atendidas, o que fez com que o número aumentasse. Sofia acompanhou somente os primeiros passos do ICA, pois faleceu um ano após a fundação, deixando Tarcísia à frente.

globando diversas atividades artísticas e trabalhando com o lúdico, o projeto iniciou-se para atender os educandos internos, porém hoje também está presente em três escolas como Ponto de Cultura – local de articulações de atividades socio-culturais do Programa Cultura Viva do Ministério da Cultura – e em mais dois Centros de Referência de Assistência Social (CRAS) – ambientes ligados à Política Nacional de Assistência Social que busca atender famílias carentes. Com esse projeto e outros que também se ramificam, são atendidos, atualmente, 700 crianças e jovens mogimiriamanos.

“Escolhi circo e dança, porque são as que eu mais me iden- ▶

## Respeitável público

Luzes, cenário, figurinos, maquiagem. O espetáculo vai começar! Mas não é em um circo peregrino. No picadeiro improvisado, a atração são jovens com as caras pintadas, roupas e sapatos coloridos, que fogem, por alguns instantes, da realidade em situações alegres e mágicas. Ao redor, muitos outros jovens se amontoam para ver a apresentação e se deixam levar pela imaginação, sem perceber que um sorriso aparece em suas faces. A feição muda para surpresa quando o número de acrobacias requer técnica. “Como ela não cai do pano?”, “Como ele fica na perna de pau?”, parece estar passando em suas cabeças.

Desde os primeiros dias na instituição as crianças aprendem noções de circo, que vão aperfeiçoando; e é praticamente unânime o interesse dos educandos. Malabares, acrobacias e palhaçadas. Tudo é ensinado aos jovens que se transformam em verdadeiros artistas.

A organização se apresenta em eventos próprios, da cidade e até da região. O sucesso é tanto que a trupe sempre é convidada para se apresentar em diversas programações.

A ONG faz parte da Rede Circo do Mundo que tem como objetivo reunir instituições e escolas de circo de todo o mundo para mudar a situação de desigualdade social por meio da arte circense. Nascida no Canadá e fomentada pela companhia canadense *Cirque Du Soleil*, a Rede estimula a arte-educação e a formação de profissionais, além de apoiar financeiramente. No Brasil, 22 organizações fazem parte, o que permite uma troca de experiência entre elas. Em julho, por exemplo, educadores do ICA foram para Pernambuco em um treinamento, com tudo pago pela Rede. Quando o *Cirque Du Soleil* está no Brasil, os jovens atendidos podem assistir ao espetáculo de graça.



Foto: Renato Canto

tífico. No circo gosto mais de fazer acrobacias e aéreo, que é o tecido. No começo é difícil, mas depois você vai aprendendo. Na dança, não sou tão boa assim, mas eu gosto”, explica Bartira, de 14 anos, que tem dois irmãos que também fazem parte do ICA.

O atendimento aos jovens se dá em algumas fases. Nos quatro primeiros anos eles têm aulas chamadas de base e referência, quando são acompanhados seus desempenhos na escola, além de ensinados sobre noções básicas de higiene, educação, sexualidade, autoestima e vida em sociedade. Paralelamente a essas aulas, eles participam de aulas de teatro, circo, música e dança, e aos 13 anos podem optar por duas dessas vertentes artísticas das quais gostariam de aprender mais. Após os 14 anos eles começam um processo de profissionalização, sem, necessariamente, precisar deixar a arte de lado.

A ideia de introduzir a arte-educação surgiu em 2000, quando a então presidente Tarcísia Mazon Granucci, percebendo que as atividades oferecidas não tinham um viés claro, buscou ajuda profissional de um consultor. Nessa época um voluntário já desenvolvia a arte circense com os jovens e demais vertentes artísticas se destacavam, percebendo então a vocação da organização. O reforço escolar sempre esteve presente, ainda que este não fosse o foco da instituição. Segundo a diretoria, o ICA não busca ser uma extensão da escola.

Só é permitido iniciar a participação na organização quando a criança tem dez anos. Valber Barretos Santos, de 16 anos, está a pouco tempo de deixar a instituição. Ele faz parte do grupo de circo e teatro e, por isso, pensa em fazer faculdade de Educação Física. Essa, aliás, é a carreira que a maioria dos jovens do ICA cita quando questionados do que querem fazer no futuro.

### **Tem inspetora, mas o copo é de vidro**

“Bom dia, João. Bom dia, Mayara”. Chamando cada um pelo nome, a inspetora Isabel Cristina da Silva recepciona os jovens. Trabalhando há 14 anos na instituição ela sabe o nome de todo mundo. “Só uns últimos [educandos] que entraram agora que são todos parecidos e ainda não consegui decorar”, conta sorridente. A feição doce pode enganar, já que Isabel é quem bota ordem no dia a dia do ICA e gera o respeito nas crianças. “Esconde que a



Em 2011, a organização conquistou a premiação máxima até então: primeiro lugar na categoria organização de grande porte nacional da Fundação Itaú-Unicef. O prêmio, no valor de 80 mil reais, foi investido na construção da nova sede

Foto: Arquivo pessoal

Isabel Cristina tá vindo!”, fala uma menina à outra, tentando evitar que a inspetora visse que elas estavam jogando “stop” ao invés de fazer as atividades da turma. Ela ainda é a responsável pela organização geral da escola e pela assistência aos educandos, desde consultas médicas até atendimento aos pais.

A ONG fica mais de dez horas por dia aberta, e não fecha durante as férias escolares, ficando disponível para os educandos. Às 7h da manhã, os alunos começam a chegar e 30 minutos depois devem estar todos no refeitório para tomar o café da manhã. Em seguida vão para as primeiras atividades do dia, separados por turmas de idades. Esse também é o momento de algumas crianças receberem atendimentos específicos, como ir ao dentista, fonoaudiólogo ou psicólogo. Duas horas depois é a hora do lanche, seguida por outras atividades. O almoço para a turma da manhã é servido às 11h20. As últimas crianças saem para a escola às 12h45, e é quando chega a turma da tarde, vinda das escolas. Logo é servido outra vez o almoço e o cronograma se repete, agora em ordem contrária. Às 5h30 da tarde todos já se foram.

Por um momento, na hora do almoço, é possível imaginar que se está em um restaurante. Copos de vidro, talheres de aço, pratos de porcelana e comida servida em um buffet, que mantêm a comida sempre quente. Bem diferente de algumas escolas públicas, onde a comida é servida em pratos, talheres e copos de plástico. De igual para igual, os educadores, bem como os demais colaboradores, almoçam junto dos jovens. A mesma comida, no mesmo refeitório.

Arroz, feijão, salada, algum vegetal refogado e um tipo de carne, além de suco e fruta de sobremesa. Assim são os almoços diários, elaborados por nutricionista. O desperdício é inaceitável. Dois tonéis ficam dispostos: um para os talheres e outro para os guardanapos sujos. Não há lugar para resíduos. “Comeu tudo? Muito bem!”, fiscaliza a cozinheira Nicolina que fica de prontidão na porta da cozinha, ao lado dos lixos. A orientadora educacional Roberta Cutri conta que essa cultura é dada desde o primeiro dia na instituição, orientando os jovens a colocar no prato somente o que se quer comer, assim, não há por que desperdiçar. ▶

O ICA não é uma escola, e nem pretende ser. Quem escuta o educador de teatro Wilson Martins falando alto no meio do pátio há de estranhar. “Assembleia!”. No mesmo instante, todos os jovens próximos a ele param o que estavam fazendo e se sentam nos degraus que servem de arquibancada. Silêncio total – sem ninguém precisar pedir – e olhos vidrados no educador. Ele começa a falar sobre uma gincana que acontecerá nos próximos dias. “Alguma sugestão?”, abre o profissional e várias crianças levantam a mão. “Futebol”, “Vai valer pontos?”, “Tem que vir de uniforme?”, para que não vire bagunça, um a um palpitam. A reunião não dura mais que trinta minutos e é recorrente no dia a dia das atividades. Outra característica incomum em escolas tradicionais. ▶

## Diário de plateia

As risadas e conversas faziam parecer que havia bem mais pessoas na van. O destino era um evento da secretaria de educação, em mais uma das apresentações dos educandos. “Vâmo acalmar, aí! Ó Deus! Faz deste jovem um iluminado...”, começou Danilo, o assessor de imprensa que era responsável pelos jovens. “Concede-lhe conhecimentos e...” Continuou todos. Mas antes de chegarmos ao local, já estão rindo e falando alto. Nas refeições, também era feita uma oração. No começo do dia, a Oração do Amanhecer, de origem cristã, e nas demais, a Oração dos Jovens, (a mesma do episódio da van) da fé Bahá’í – religião que mescla os ensinamentos de várias crenças. Nenhum jovem parecia se incomodar com os rituais, por mais que sempre havia algum que não seguia o coro.

O contato com a religiosidade também poderia ser percebido com a presença da imagem de Nossa Senhora na entrada e no refeitório. A devoção dava seus sinais mais concretos com a realização anual do café da manhã de Páscoa, no qual muitos educandos e seus familiares comparecem.

Essa relação da religião católica com o ICA definitivamente é fruto de Sofia, que era praticante e levou sua devoção para a ONG. Embora a organização não se posicione como tendo cunho religioso, de acordo com Tarcísia, o ICA trata a relação do homem com Deus como algo importante e natural de todo ser humano. Sem hesitar, ela frisa que ali se aceita todas as religiões e nenhuma é imposta.

O pátio na área inferior serve como picadeiro para os treinos e apresentações dos jovens.



# onde a magia acontece

Panos pendurados no teto, argolas e cabos de aço, dão a sensação de se estar em um circo sem lona e sem público.

Cartazes de apresentações e eventos passados estão pela parede.



Também há uma pequena quadra, improvisada com traves e marcações no chão.

Os equipamentos e figurinos ficam amontoados em um canto.



No tatame de E.V.A. os educandos fazem as acrobacias.



O fácil acesso aos instrumentos faz com que o local tenha um ar de quintal de casa. Tudo pode ser usado, ao menos que seja guardado novamente em seu devido lugar.

## Arte-educação

O uso da arte como ferramenta de ensino em ONGs tem se tornado comum nos últimos anos. Por meio das artes visuais, dança, música e teatro, que compõem as quatro linguagens artísticas, a arte é explorada tanto quanto produto, isto é, apresentações de espetáculos; como em forma de processo, contribuindo para o desenvolvimento lúdico. O contato com a arte fortalece a autoestima, além de desenvolver a capacidade cognitiva, servindo como uma mediadora na inclusão social.

De acordo com a professora Maria do Carmo Kobayashi, da Unesp de Bauru, o ensino da arte contribui para a socialização, uma vez que desenvolve a criatividade: "A criatividade não é um dom, ela é alimentada pelos processos de criação artística. Aí entra a fantasia e a ludicidade. Uma criança que não tem isso alimentado, não é uma pessoa criativa e inventiva", afirma.

O acesso aos bens culturais e o direito de crianças e adolescentes de se expressarem com liberdade estão previstos no Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA). Porém, somente em 1971 pela Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB), a disciplina se tornou obrigatória na Educação Básica, de forma a promover o desenvolvimento cultural dos alunos. Antes a arte era ensinada de maneira tecnicista.

O ensino da arte tem como referência Ana Mae Barbosa, primeira brasileira a ter doutorado em arte-educação. Barbosa começou seus estudos inspirada no educador Paulo Freire. Sua maior defesa é que a arte é uma linguagem que amplia a percepção do mundo, sendo uma aliada no ensino de outras disciplinas. "O privilégio da arte é não ter certo e errado, por isso ela é tão adequada à reposição social", afirma.

### Do ICA para o ICA

Aneliane Nayara Marques, ou simplesmente, Anel, como é chamada por seus educandos, é um exemplo de como o ICA pode agir na vida dos jovens. Anel entrou na instituição com dez anos, cativada pelas aulas de dança. Acabou adquirindo o circo como hobby e a pedagogia como paixão, em suas próprias palavras. Ela foi monitora nas aulas de arte por três anos. "Ganhei as duas maiores notas na avaliação que os educadores fizeram dos monitores", fala orgulhosa. Esse reconhecimento foi retomado este ano. Hoje, com 19 anos, a jovem está fazendo faculdade de Letras e é arte-educadora no ICA. Assim, Anel passou por todo o processo da organização, encontrou sua vocação e hoje está trilhando sua carreira profissional onde começou seu aprendizado. Ela é apenas um de vários exemplos de educandos que viraram educadores.



Evento em comemoração ao aniversário de 15 anos do ICA, em junho

Com 14 anos, os jovens participam do projeto Ícaro, no qual passam por um processo de orientação vocacional e optam por fazer um curso de arte-educação, para serem monitores dos arte-educadores, ou de metal mecânica, para trabalharem em empresas do ramo. Essa profissionalização acontece por meio de parcerias com escolas técnicas e empresas da cidade.

Como o jovem pode ficar até os 18 anos no ICA, após os 14 anos, muitos se tornam monitores além de continuarem as atividades dos projetos. Quando se é monitor, é oferecida uma bolsa-auxílio no valor de 200 reais. Os monitores podem ajudar nas atividades internas e externas, mas sempre em ligação com o trabalho da instituição. Alguns trabalham de manhã e à tarde, deixando para irem à escola no período noturno.

### Nem público, nem privado

Como o próprio nome já diz, ONG é uma organização não governamental. E por ser uma organização, portanto, não é uma empresa. Porém, como qualquer iniciativa que desenvolve projetos e trabalha com pessoas e resultados, é necessário





Foto: Natália Negretti

Foto: Renato Canto

que haja dinheiro envolvido. Por mais que existam pessoas que trabalhem de forma voluntária, há a necessidade de manter colaboradores comprometidos, bem como gastos com infraestrutura e desenvolvimento dos projetos.

A forma que o ICA encontrou de captar recursos foi por meio de editais, públicos e privados de incentivo tanto na área educacional, quanto social e cultural. Existem hoje diversos facilitadores de órgãos públicos municipais, estaduais e federais. Leis de renúncia fiscal, como a Lei Rouanet – o qual o ICA tem projetos inscritos desde 2003 – e ProAC (Programa de Ação Cultural) auxiliam as instituições a se manterem. Em troca, precisam comprovar o trabalho realizado. Todos os editais, seja para leis ou apoio de fundações, têm um tempo determinado. Nenhuma ajuda é vitalícia, sempre há a necessidade de se reinscrever ou procurar novas oportunidades. Isso faz com que as organizações sigam sempre uma forma sistemática de captação e repasse de verba, dificultando o comodismo e colaborando para a inovação e revisão do seu trabalho.

Também existem concursos de outras organizações que algumas vezes não oferecem prêmios em dinheiro, mas agre-



A previsão é que a sede esteja pronta nos primeiros meses de 2013

gam reconhecimento e credibilidade às organizações. Entre os principais parceiros do ICA estão a Fundação Abrinq, o Brazil-Foudantion e o Criança Esperança.

## Casa nova

Com pouca infraestrutura o ICA chegou ao seu limite de atendimento, o que fez com que a instituição partisse para atividades externas (Ponto de Cultura e CRAS), ramificando a ideia de ensino pela arte. Nos 15 anos de história, a idealização de um espaço próprio e adequado era uma meta, que conseguiu ser alcançada em 2007. Por meio de captação de recurso e parcerias com a prefeitura municipal e empresas privadas, o ICA está prestes a inaugurar a nova casa. A área, de 4 mil m<sup>2</sup>, terá capacidade para atender os atuais 250 alunos, e não tem como objetivo aumentar o número de atendimentos diretos e sim, desenvolver mais projetos que cheguem a todos os cantos da cidade. Segundo a coordenadora geral Maria Isabel Somme, a ideia é que a sede se torne um polo radiador que forme os educandos para atuar nas diversas frentes educacionais.

## O que é Terceiro Setor

O trabalho do ICA se encaixa no que é conhecido como Terceiro Setor. Sem ser um ramo do governo ou de empresas, mas que podem receber apoio e incentivo deles, as organizações buscam suprir, na maioria das vezes, um interesse público em comum. O mapeamento é complexo, pois não há uma única definição.

Trata-se de instituições sem fins lucrativos, que são organizadas e independentes. Muitas vezes, buscam suprir as políticas sociais ▶

## Diário de plateia

Era de manhã e os educandos estavam no pátio fazendo mosaicos com ladrilhos. Todos ajudavam de alguma maneira, mas eram muitas mãos para pouco serviço, e alguns começaram a se juntar para conversar. Eu, novata naquele ambiente, chamava a atenção. Começou uma troca de perguntas e respostas. Eu interessada na história deles e eles querendo saber quem eu era. A maioria tinha entre dez e 12 anos. O menino que chegou perto de mim como quem não quer nada, logo disparou a falar quando puxou assunto. Caçula de oito filhos, Rairton tem dez anos e veio com a família do Maranhão. Segundo ele, vieram para São Paulo para o pai trabalhar. Ainda carregava o sotaque do Nordeste. Junto com as outras crianças contou onde estudava e morava. Em um momento falou que sua irmã de 15 anos está grávida. "Daqui a pouco vai ter bebê chorando em casa". A notícia rendeu vários comentários entre as crianças, até o mais áspero: "Nossa, ela acabou com a vida dela". Dada a hora do café, fomos para o refeitório e em seguida para o pátio de baixo. Quando cheguei lá, Rairton veio correndo em minha direção, me deu um abraço e foi brincar. Algumas crianças jogavam futebol com vassouras, o que acabou sendo um pouco perigoso, já que Rairton foi acertado por um cabo no rosto. O educador o levou para colocar gelo e o proibiu de continuar a brincadeira. O garoto teve que ficar em um canto, sozinho, com os olhos ainda cheios de lágrimas e a maçã do rosto inchada. Mais tarde, no almoço, o rapazinho ainda estava com o rosto deformado, mas comia e conversava como se nada tivesse acontecido. Deu a hora de ir embora e ele veio me falar "tchau". "Você volta amanhã?", me perguntou. Eu não voltaria, mas ele sim. Quem sabe pelos próximos oito anos.

Foto: Renato Canto





públicas. A iniciativa é marcada pelo trabalho voluntário, mas com a profissionalização do setor, também é possível trabalhar de forma remunerada. No Brasil o setor passou por várias legislações, conquistou leis próprias e o surgimento de prêmios de qualidade é um importante incentivador do trabalho. Segundo pesquisa do IBGE, o número mais recente sobre a quantidade de ONGs no país é de 2005, que aponta 338 mil organizações.

A captação de recursos é um dos pontos mais complexos da gestão. As ONGs são independentes em sua administração, porém, precisam do apoio financeiro externo, seja público ou privado. Editais de fundações privadas e leis públicas são alternativas. Como as leis de incentivo, caso da Lei Rouanet (8313/91), que permite que empresas deduzam os tributos fiscais; e a ProAc (12.268/06) na qual contribuintes do ICMS podem destinar parte do valor do imposto a recolher às instituições. ●

Nicolina Rosa da Silva, 48 anos, ou Ni, como é chamada por todos, trabalha há 12 no ICA. Seus dois filhos foram educandos, mas hoje já têm mais de 18 anos. O primogênito, se especializou em circo e recebeu atendimento médico por 10 anos. “Ele precisou de muita fono[audiologia]. Eu já não conseguiria, porque é pago”, lembra a cozinheira. Segundo ela, a educação que seu filho recebeu na instituição ajudou muito seu desenvolvimento. “Eu via ele artista, sabe? Porque eram papéis principais, e isso para uma mãe é orgulho”, compartilha. Ni diminui o tom quando pergunto como ele está. Algum tempo depois que saiu do ICA ele se envolveu com traficantes e foi preso. “Eu falo: cadê tudo aquilo que nós ensinamos? Só fazia porque estava aqui dentro?”, desabafa. Hoje, ele já está fora da cadeia e não tem mais problemas com as drogas. Nossa conversa é interrompida por uma criança: “Mãe Ni, já tá pronto o café?”.

**Para saber mais:**

Contatos: Danilo Castro e Maria Isabel Somme  
Site: [www.projetoica.org.br](http://www.projetoica.org.br)  
Telefone: 19 – 3804 9102